

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**Laura Rosa Gomes**

**RIR PARA NÃO CHORAR:**  
**o riso nas notícias do *Sensacionalista* referentes aos processos de votação**  
**do *impeachment* de Dilma Rousseff**

**Juiz de Fora**  
**Agosto de 2018**

**Laura Rosa Gomes**

**RIR PARA NÃO CHORAR:**

**o riso nas notícias do *Sensacionalista* referentes aos processos de votação  
do *impeachment* de Dilma Rousseff**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Cultura, Narrativa e Produção de Sentidos.

Orientador (a): Profa. Dra. Christina Ferraz  
Musse

Juiz de Fora  
Agosto de 2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rosa Gomes, Laura .

RIR PARA NÃO CHORAR : o riso nas notícias do Sensacionalista referentes aos processos de votação do impeachment de Dilma Rousseff / Laura Rosa Gomes. -- 2018. 110 f.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2018.

1. Sensacionalista. 2. Riso. 3. Humor. 4. Fake News. 5. Análise de conteúdo. I. Ferraz Musse, Christina , orient. II. Título.

**Laura Rosa Gomes**

**RIR PARA NÃO CHORAR:**

**o riso nas notícias do *Sensacionalista* referentes aos processos de votação  
do *impeachment* de Dilma Rousseff**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Cultura, Narrativa e Produção de Sentidos.

Aprovado(a) pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Profa. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Orientadora

---

Prof. Dra. Teresa Cristina da Costa Neves (UFJF) – Convidado

---

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti (UFV) – Convidado

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Aos meus pais, à Olívia e à Alice.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a tantas pessoas que estiveram juntas nesta caminhada: banca de avaliação (titular e suplente); especialmente a Professora Doutora Teresa Cristina da Costa Neves, que me ajudou a sonhar e realizar este trabalho; a Professora Doutora Christina Ferraz Musse por me acolher e orientar de coração aberto.

Agradeço ao núcleo mais íntimo e inspirador que acredita e investe nos meus sonhos: Bárbara Suely Rosa Gomes e José Vieira da Siva Gomes Filho.

Agradeço a Universidade Federal de Viçosa por me ensinar tanto. A Universidade Federal de Juiz de Fora por me abraçar na pós-graduação. Ao PPGCOM pelo suporte e amigos que fiz.

“Deixe-me ir  
Preciso andar, vou por aí a procurar  
Rir pra não chorar”  
Cartola, *Rir pra não chorar*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o fenômeno das *fake news* através do *Sensacionalista*, um jornal humorístico, fictício e autodenominado “isento de verdade” nos processos de votação na Câmara de Deputados e no Senado Federal brasileiros em 2016 sobre o *impeachment* da então presidente da República Dilma Rousseff. Para tanto contamos com os conceitos sobre humor e riso de Minois (2003), Bergson (1987), Freud (1980), Propp (1991) e Bakhtin (1987). Os elementos ironia, sátira e paródia, presentes nas notícias falsas recorrem às definições de Moisés (1978), Hutcheon (2000), Sant’Anna (1999) e D’Onófrío (1968). Já que se tratam de um “subproduto” do jornalismo, as *fake news* baseiam-se nas características do jornalismo para distorcer os fatos reais. Sobre conceitos da imprensa brasileira, que constitui base e inspira as abordagens humorísticas, foram trazidos de: Traquina (2005), Sodré (2009), Lage (1998), Marques de Melo e Francisco de Assis (2016). O trabalho tem por metodologia a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977 e 2008) na investigação e classificação das notícias do *Sensacionalista* que envolvem o tema selecionado nas datas de ocorrência (17 de abril e 11 de maio de 2016), levando em consideração aspectos narrativos como personagens, local e noção temporal dos textos, elementos trazidos por Gancho (1991).

Palavras-chave: *Sensacionalista*. Riso. Humor. *Fake News*. *Impeachment*. Análise de conteúdo.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the phenomenon of fake news through the *Sensationalist*, a humorous, fictional and self-described "truth-free" newspaper in the processes of voting in the Brazilian Chamber of Deputies and Senate in 2016 on the impeachment of the then President of the Republic Dilma Rousseff. For this we have the concepts of humor and laughter by Minois (2003), Bergson (1987), Freud (1980), Propp (1991) and Bakhtin (1987). The elements irony, satire and parody, present in the false news use the definitions of Moses (1978), Hutcheon (2000), Sant'Anna (1999) and D'Onófrio (1968). Since they are a "byproduct" of journalism, fake news is based on the characteristics of journalism to distort the real facts. On the concepts of the Brazilian press, which is the basis and inspires the humorous approaches, were brought Traquina (2005), Sodré (2009), Lage (1998), Marques de Melo; Francisco de Assis (2016). The work is based on Laurence Bardin's Content Analysis (1977 and 2008) in the investigation and classification of Sensationalist news that involves the selected theme in the dates of occurrence (April 17 and May 11, 2016), taking into account aspects narrative as characters, local and temporal notion of texts, elements brought by Gancho (1991).

Keywords: *Sensationalist*. Laughter. Humor. Fake News. Impeachment. Content analysis.

## LISTA DE ILUTRAÇÕES

FIGURA 1 – Logomarca e <i>slogan</i> do <i>Sensacionalista</i> .....	54
FIGURA 2 – Sessão <i>Home</i> do site <i>Sensacionalista</i> .....	55
GRÁFICO 1 – Notícias fictícias estudadas no site <i>Sensacionalista</i> .....	105

## LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 – Notícias relacionadas à votação na Câmara de Deputados publicadas no dia 17 de abril de 2016 pelo <i>Sensacionalista</i> .....	71
QUADRO 2 – Notícias publicadas no dia 11 de maio de 2016 pelo <i>site</i> do <i>Sensacionalista</i> ..	72
QUADRO 3 – Notícias fictícias que dão enfoque a personagens .....	77
QUADRO 4 – Notícias fictícias que dão enfoque a personagens com seus respectivos papéis de destaque e caracterização .....	78
QUADRO 5 – Notícias fictícias que destacam o ambiente das votações .....	80
QUADRO 6 – Notícias fictícias que remetem a reflexos dos eventos de votação.....	81
QUADRO 7 – Comparativo da notícia fictícia “Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito” .....	83
QUADRO 8 – Comparativo da notícia fictícia “Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente” .....	84
QUADRO 9 – Comparativo da notícia fictícia “Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do <i>impeachment</i> ” .....	85
QUADRO 10 – Comparativo da notícia fictícia “Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados” indecisos assistirem famílias sob mira de revólver” .....	86
QUADRO 11 – Comparativo da notícia fictícia “Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados” .....	87
QUADRO 12 – Comparativo da notícia fictícia “Delcídio comemorou cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores” .....	88
QUADRO 13 – Comparativo da notícia fictícia Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial.....	89
QUADRO 14 – Comparativo da notícia fictícia “Deputados farão um minuto de silêncio antes da votação por pato da <i>Fiesp</i> , esfaqueado em SP” .....	90
QUADRO 15 – Comparativo da notícia fictícia “Goleada até agora mostra que defesa do governo foi feita por David Luiz e Thiago Silva” .....	91
QUADRO 16 – Comparativo da notícia fictícia “Deputado que disse “vendo Monza 87” fecha em 5 minutos” .....	92
QUADRO 17 – Comparativo da notícia fictícia “Votos de deputados mostram que concordância e plural foram cassados” .....	93
QUADRO 18 – Comparativo da notícia fictícia “Senador Petecão questiona horário da	

merenda e inaugura sessão de bizarrices do Senado”.....	94
QUADRO 19 – Comparativo da notícia fictícia “Senadores estão há horas discutindo como iniciar uma votação sem perda de tempo com discussões” .....	95
QUADRO 20 – Comparativo da notícia fictícia “Senadores que reclamam do atraso na sessão e inventam 39 formas de falar procrastinação” .....	96
QUADRO 21 – Comparativo da notícia fictícia “Dente de Renan Calheiros sofre <i>impeachment</i> durante entrevista. Veja vídeo” .....	97
QUADRO 22 – Comparativo da notícia fictícia “Retrospectiva dos melhores momentos do governo Dilma é cancelada por falta de matéria” .....	98
QUADRO 23 – Comparativo da notícia fictícia “Dois dias de discursos de deputados na TV triplicam venda de antidepressivos” .....	99
QUADRO 24 – Comparativo da notícia fictícia “Band News FM muda slogan para “Em 2 minutos tudo pode mudar”” .....	100
QUADRO 25 – Comparativo da notícia fictícia “Motorista sofre acidente ao dormir no volante após ouvir rádio transmitindo sessão do <i>impeachment</i> ” .....	101
QUADRO 26 – Comparativo da notícia fictícia “TV Câmara passa reprise de votação dos deputados e ganha de lavada da TV Senado no IBOPE” .....	102
QUADRO 27 – Comparativo da notícia fictícia “Depois de simular metralhadora no plenário filho de Bolsonaro é sondado pela banda vingadora” .....	103
QUADRO 28 – Comparativo da notícia fictícia “Deputados trabalham por três dias e médicos temem epidemia de estafa em Brasília” .....	104

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A CULTURA DO RISO.....</b>	<b>19</b>
2.1 IRONIA .....	23
2.2 PARÓDIA .....	26
2.3 SÁTIRA.....	30
<b>3 IMPRENSA.....</b>	<b>34</b>
3.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	34
3.2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA.....	38
3.3 A NARRATIVA DO <i>IMPEACHMENT</i> NAS NOTÍCIAS REAIS .....	41
<b>4. O <i>SENSACIONALISTA</i> .....</b>	<b>49</b>
4.1 O HUMOR NA IMPRENSA .....	54
<b>4.1.1 Breve histórico .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1.2 A caricatura .....</b>	<b>58</b>
4.2 O RISO NA INTERNET .....	59
4.3 RIDICULARIZAÇÃO DA POLÍTICA .....	63
<b>5 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....</b>	<b>67</b>
5.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO NA COBERTURA RISÍVEL DO <i>IMPEACHMENT</i> .....	69
<b>5.1.1 Notícias que dão enfoque a personagens .....</b>	<b>73</b>
<b>5.1.2 Notícias fictícias que destacam o ambiente das votações .....</b>	<b>78</b>
<b>5.1.3 Notícias que remetem a reflexos dos eventos das votações .....</b>	<b>79</b>
5.2 AS FACES DO HUMOR NAS <i>FAKE NEWS</i> DO <i>SENSACIONALISTA</i> .....	81
<b>5.2.1 As faces do humor nas notícias fictícias que dão enfoque a personagens .....</b>	<b>81</b>
<b>5.2.2 As faces do humor nas notícias que dão enfoque ao ambiente das votações.....</b>	<b>89</b>
<b>5.2.3 As faces do humor nas notícias que remetem a reflexos dos eventos da votação .....</b>	<b>97</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>108</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Rir para não chorar é um processo complexo, pois envolve sobrepor o humor às situações de angústia, utilizando-o como ferramenta de sobrevivência. Segundo Minois (2013), o riso surge com os deuses na mitologia grega, passa pela fase de humanização, sofre forte influência latina, diaboliza-se na Idade Média, torna-se unânime da festa medieval e termina este mesmo período agregando medo. Na renascença tem-se a gargalhada ensurdecedora que, mais tarde, é silenciada pela ofensiva político-religiosa do sério. Na atmosfera burlesca, o cômico sofre desvalorização e ressurge no século XVII com espírito ácido de zombaria. No século XIX, entra com toda força no protesto e na política, no seguinte, adquire até aspecto filosófico. Morrer de rir vai se tornando necessário e essencial nos dias de hoje. O “desenvolvimento generalizado do código humorístico” (LIPOVETSKY, 2005, p.111) é atual. O riso, inclusive, merece observações, pois: “Ao mesmo tempo produto e argumento de venda, torna-se um atributo indispensável do homem moderno, quase tão útil quanto telefone móvel. ‘Fazer a festa’ tornou-se obsessão” (MINOIS, 2013, p.593).

O código humorístico de Lipovetsky aborda, inclusive, o campo informacional: “Sob sua subjetividade de superfície, as informações caminham para o ‘pseudo-acontecimento’, para o clichê sensacionalista, para o suspense. Quase não percebemos um fenômeno inédito, de certa maneira inverso e, no entanto, perceptível” (LIPOVETSKY, 2005, p.111). A “pós-verdade” (ou *Post-Truth*) tem ganhado destaque na atualidade. O termo é antigo, mas foi no ano de 2016 que foi eleito pela Universidade de *Oxford*, através do seu produto, o *Dicionário Oxford*, como a palavra do ano de 2016: “Relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais”<sup>1</sup>. Este conceito abrange tanto o conteúdo humorístico quanto o não-humorístico. Na presente pesquisa, frisamos nosso interesse pelo primeiro.

Localizando melhor este estudo, daremos destaque ao site *Sensacionalista*<sup>2</sup>, jornal fictício e humorístico brasileiro de notícias falsas (*fake news*) que se utilizam dos recursos de linguagem estruturada do jornalismo (tais como manchete, fotos, testemunhas e texto). Observando ainda a composição do conteúdo do jornal fictício, verifica-se que suas notícias falsas fazem sempre associações de mentiras com fatos reais noticiados pela mídia, o que

---

<sup>1</sup> *Post-truth* has gone from being a peripheral term to being a mainstay in political commentary, now often being used by major publications without the need for clarification or definition in their headlines. (Tradução livre). Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 03/06/2018.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br>>. Acesso em: 20/07/2018.

agrega certa visibilidade ao conteúdo.

A pesquisa pretende localizar as notícias fictícias do *Sensacionalista* sobre os processos de votação na Câmara de Deputados e Senado Federal que resultaram no *impeachment* da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, no ano de 2016. Objetiva-se, neste contexto de crise, compreender como o *Sensacionalista* acrescenta humor às narrativas não fictícias, empregando recursos linguísticos e visuais. Além disso, identificar quais as modalidades de riso se manifestam nas *fake news* do *Sensacionalista*, tais como ironia, sátira e paródia; e também compreender o processo de ridicularização das narrativas jornalísticas; distinguir os sentidos ressignificados nos conteúdos noticiosos ficcionalizados pelo *Sensacionalista*.

O presente estudo se justifica inicialmente pela possibilidade da esfera do irreal que envolve as *fake news* poder interferir no real. Como exemplo temos alguns destaques<sup>3</sup> no próprio site do *Sensacionalista* sobre momentos em que suas notícias falsas repercutiram de fato na vida das pessoas. Com a reportagem fictícia “Bancada gay quer proibir o casamento evangélico”<sup>4</sup>, o deputado federal Jean Wyllys processou um pastor que estava, de má fé, pregando que a reportagem era verdadeira. As *fake news* do *Sensacionalista* afirma que: “A bancada gay de deputados, liderados por Jean Wyllys, resolveu contra-atacar a bancada evangélica e lançou o projeto de lei que visa proibir casamentos entre evangélicos”. A notícia conta ainda com o posicionamento do deputado fictício Rodnelsen Madrival: “Eles são contra o casamento gay, então nós também somos contra o casamento evangélico. Evangélico não tem condições de criar um filho, olha no que dá, nascem coisas como Silas Malafaia e Marco Feliciano”.

Segundo reportagem da revista *Fórum*<sup>5</sup> denominada “Quem tem medo de Jean Wyllys?”, sobre a situação, “a sátira buscava ironizar, claro, as incoerências da proibição do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Mas o texto foi rapidamente incorporado por portais neopentecostais, que reproduziram-no como verdadeiro”. Retornando à presente pesquisa sobre *fake news*, um fato interessante é que, na investigação sobre este assunto, encontrou-se, no site<sup>6</sup> oficial do deputado Jean Wyllys, uma sessão<sup>7</sup> denominada “Verdade ou mentira?”, onde aborda-se o tema e a caracterização (uma espécie de selo visual) de “verdadeira” ou

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/midia-kit/>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/2013/04/22/bancada-gay-l/anca-projeto-de-lei-para-proibir-casamento-de-evangelicos/>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/quem-tem-medo-de-jean-wyllys/>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://jeanwyllys.com.br/wp/>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://jeanwyllys.com.br/wp/verdade-ou-mentira/>>. Acesso em: 20/07/2018.

“mentirosa” sobre a informação. Como exemplos, temos definições de “mentira” para “Jean Wyllys quer obrigar as crianças a fazerem cirurgia de mudança de sexo”, “Jean Wyllys propôs o ensino de religião islâmica nas escolas” ou “Jean Wyllys quer acabar com a família tradicional”, entre outras. Quanto às informações “Jean Wyllys que liberar o tráfico de maconha” e “Jean Wyllys é um defensor do ‘kit gay’”, temos a definição “Não é bem assim”. “Verdadeiras” são as definições para “Jean Wyllys defende a legalização do aborto” e “Jean Wyllys defende a regulamentação da prostituição”.

É notório que o deputado e sua equipe passaram a adotar medidas que o resguardassem, de alguma forma, quanto a conteúdos que pudessem prejudicá-lo. Tal reação nos leva a considerar também que as *fake news* e o *Sensacionalista* têm peso no cenário político, para quem leva a sério e para quem ri para não chorar. Vale ressaltar ainda que o jornal fictício se auto-entitula como “isento de verdade”, expondo claramente seu caráter humorístico e irônico sobre os fatos do cotidiano brasileiro, como forma de crítica e reflexão através do riso e do exagero, por exemplo.

A escolha do tema dentro de tantos assuntos abordados pelo *Sensacionalista* justifica-se pela abrangência dos acontecimentos reais a serem ridicularizados: trata-se de uma fase determinante dentro do processo de retirada de uma representante eleita democraticamente, fato que modifica a realidade política de todo o país — aproximadamente 208.816.394 habitantes segundo o IBGE<sup>8</sup> —. Em outras palavras um tema sério, relevante e caro à sociedade brasileira a ser abordado de maneira humorística, expressando críticas e opiniões através das facetas que fazem o leitor rir. O riso é, inclusive, a parte introdutória do presente trabalho, de maneira a trazer um resgate histórico por meio de autores especializados.

Em seu primeiro capítulo denominado “A cultura do riso”, a pesquisa passa por autores como Minois (2003), ao abordar a primeira gargalhada da história, nos apresenta a complexidade do riso e suas faces ao longo da existência humana. Freud (1980) relaciona ao inconsciente o fenômeno dos “chistes”, nome atribuído ao ato de externar incômodos e desconfortos do ser humano através de brincadeiras e piadas, apontando o riso como reação. Bergson (1987) destaca uma espécie de “pacto” entre os galhofeiros que compartilham do riso sobre determinado assunto, num contexto de familiaridade entre conhecimento do assunto e compartilhamento de percepções. Tal familiaridade, segundo Propp (1991), localiza o ser em sua condição humana e, a partir daí, risíveis seriam o que foge do que for humanamente

---

<sup>8</sup>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 11/09/2018.

palpável a ele. Bakhtin (1987), baseando-se na obra de François Rabelais, resgata a Idade Média como um período onde o riso é agregado aos limites do corpo humano, como excretar, reproduzir, comer, etc, além dos atos de carnificina. A sociedade atual é denominada “humorística” por Lipovetsky (2005) pelo fato da possibilidade de riso se fazer presente nas mais diversas situações do cotidiano, rompendo com a barreira entre risível e não risível, antes existente.

Ainda sobre a cultura do riso e associando ao meio jornalístico, abordarse-á percepções de Sodré (2009) sobre a imprensa e seus elementos que colaboram para que ela se mantenha como “detentora da verdade”. No processo de transformação de uma notícia publicada pela imprensa tradicional e uma notícia falsa, destacam-se elementos como a ironia, conceito esclarecido por Moisés (1978) como: o ato de se dizer o contrário do que se pretende e enriquecido por Hutcheon (2000) através das quatro condições de existência que envolvem a ironia: quem a pratica; o texto irônico; quem interpreta; e as circunstâncias, não necessariamente nesta ordem. Esta autora esclarece também sobre as vastas possibilidades de utilização da figura de linguagem. Já a paródia é um gênero que depende do fenômeno da intertextualidade, segundo Hutcheon (1985) e Sant’Anna (1999): um primeiro elemento original deve existir para que, através da intertextualidade, identifiquem-se suas características em comum ao segundo. A sátira seria outro gênero que também agrega viés crítico no campo moral e social, destacando-se pelo seu aspecto conservador, segundo Minois (2003) e que chegam até mesmo a condenar a evolução social, segundo D’Onofrio (1968).

Apresentados os recursos a serem destacados nas *fake news* do *Sensacionalista*, o capítulo seguinte denominado “Imprensa” aborda as características do que chamaremos na pesquisa de “imprensa tradicional”, que envolve os meios de comunicação que utilizamos para informação, aquela parodiada pelo *Sensacionalista*. Os conceitos trazidos sobre as técnicas existentes no jornalismo brasileiro baseiam-se nos conhecimentos compartilhados por Traquina (2005) e Sodré (2009) sobre os critérios de noticiabilidade (o que faz tal acontecimento ser noticiado na imprensa) e valores notícia (elementos que o acontecimento agrega que atribuem destaque ou não à notícia); a linguagem jornalística passa pelos gêneros jornalísticos segundo Marques de Melo e Assis (2016); a padronização da linguagem utilizada nas notícias, (elemento que agregam credibilidade aos textos) e estrutura do texto (*lead*) fundamentam-se aqui em Lage (1998). Ainda neste contexto de padronização, Sodré (2009) afirma que até mesmo o inusitado e inesperado possui formatos específicos para que seja noticiado. Em “Imprensa” temos ainda uma seleção de notícias que nos norteiam sobre os acontecimentos políticos relacionados ao *impeachment* da ex presidente noticiados pela

imprensa brasileira, com o objetivo de fazer entender as abordagens humorísticas do *Sensacionalista*.

No capítulo “*Sensacionalista*” a presente dissertação vem descrever e contextualizar seu objeto — existente desde 2009 —, inclusive historicamente. O *site* do *Sensacionalista* é a plataforma que veicula as notícias falsas e humorísticas na íntegra e reproduz, inclusive, as características visuais de um *site* de notícias convencional. Sobre tal abordagem humorística, Pimentel (2004) associa forte influência do jornal brasileiro existente durante a ditadura militar no Brasil, o extinto *O Pasquim*<sup>9</sup>, onde houve inclusive participação de futuros idealizadores do *Sensacionalista*. Desta forma, numa linha sincrônica buscamos abordar o humor na imprensa brasileira, assunto que reúne historiadores como Martins; Luca (2008), Sodré (1999), Lustosa (2008), Pandolfi (1999), Abreu; Lattman-Weaktman; Kornis (2003), colaboradores à reconstrução do processo de inserção de humor nos lugares destinados às notícias. As caricaturas têm destaque, dentro deste assunto, segundo Lustosa (2011) e refletem pioneirismo sobre posicionamentos críticos e irônicos na imprensa. Além disso, tais conteúdos contam com a assinatura do artista, aquele que expressa opinião através do humor. Lima (1963) defende o fato das caricaturas não serem ridicularizadoras, mas sim os instrumentos que evidenciam o ridículo já presente nas situações abordadas.

Tendo em vista que o *Sensacionalista* hoje concentra seu material nas plataformas digitais e *online*, dedica-se uma parte do capítulo em questão ao riso na *internet*, que tem como objetivo trazer à pesquisa termos e fenômenos da cibercultura utilizados na disseminação da temática humorística na *web*. Dentro deste assunto, trazemos a transformação do consumidor em produtor de conteúdo, segundo Jenkins (2008); a interação proporcionada pelo meio digital é um ponto a ser esclarecido por Primo (2007); o fenômeno da *remixagem* — miscelânea, espécie de colagem temática que amplia as possibilidades de criação, inclusive de desvios — é evidenciado por Lemos (2005) e Zago (2013). Todos estes elementos são essenciais para a compreensão da lógica de compartilhamento de materiais virais humorísticos, o *digital-trash* ou *lixo midático* — termo trazido por Primo (2007) —, produções fora da lógica comercial que caracterizam-se pelo aspecto grotesco, muitas vezes facilitado pela já citada possibilidade ação do consumidor, como, por exemplo, os *memes* — peças visuais que abordam piadas situacionais — segundo Chagas; Freire; Rios; Magalhães

---

<sup>9</sup> Jornal brasileiro que teve início em 1969, liderado por Sérgio Cabral. “O Pasquim” destinava-se a subverter e criticar a lógica da ditadura militar através da ironia. Sua tiragem chegou a 250 mil exemplares. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/164411-O-PASQUIM---A-SUBVERSAO-DO-HUMOR.html>>. Acesso em: 14/12/2016.

(2017).

O tema escolhido para abordagem do *Sensacionalista* necessita de compreensão acerca da ridicularização política, já que encontramos exagero e distorções sobre fatos que envolvem o *impeachment* da então presidente eleita em 2014, o ano da “eleição dos memes”, segundo Chagas; Freire; Rios e Magalhães (2017).

O quinto capítulo busca explorar o conteúdo fictício do *Sensacionalista* a partir dos critérios de Laurence Bardin para a Análise de Conteúdo que, muitas vezes, pode ser moldada de acordo com as necessidades de esgotamento do material. Para isto, utilizam-se os conceitos de Gancho (1991), que orientam sobre a estrutura narrativa em si. Foram analisadas, sob a ótica destas duas autoras, as *fake news* do *Sensacionalista* publicadas nas datas dos eventos de votação na Câmara de Deputados e Senado Federal sobre o andamento do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Passemos ao estudo.

## 2 A CULTURA DO RISO

Afinal, quando surge o riso? Minois (2003, p.21) associa-o à origem do mundo: da risada de Deus, nasceram os sete deuses governadores. Da primeira gargalhada, veio a luz; da segunda, a água; da terceira, Hermes; da quarta, a geração; da quinta, o destino; da sexta, o tempo; na sétima, Deus ri tanto que chora, nascendo a alma de suas lágrimas. O riso divino (aquele proveniente de quem controla todas as situações) é o único dotado de plena alegria, diferente do riso humano. Este vem sempre acompanhado por tensão devido ao sentimento de impotência diante da vida. “O riso, nos mitos gregos, só é verdadeiramente alegre para os deuses. Nos homens, nunca é alegria pura; a morte sempre está por perto, e essa intuição do nada, sobre o qual todos estamos suspensos, contamina o riso” (MINOIS, 2003, p.27).

Freud (1980) traz a noção dos “chistes”, quanto à proximidade entre angústia e riso, quando o sujeito faz colocações sobre o incômodo através de “brincadeiras” ou “mentirinhas”. Alguma coisa da ordem do recalcado se mostra sem que haja demonstração dos verdadeiros sintomas. A verdade dita utiliza-se do *nonsense* no chiste e se não o fizesse, tornar-se-ia uma conversa séria, perdendo seu sentido humorístico. Neste caso, sobre humor o “pai da psicanálise” afirma “[...] um meio de obter prazer, apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; ele atua como o substituto para a liberação destes afetos, coloca-se no lugar deles [...]” (FREUD, 1980, p.257). O humor se diferencia do chiste e do cômico, segundo ele, pois possui “qualquer coisa de grandeza e elevação” (FREUD, 1980, p.190) que faltam aos dois primeiros. Já o riso seria efeito ou reação, como exemplifica em nota de rodapé no capítulo VI do livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*:

Muitos dos meus pacientes neuróticos, sob tratamento psicanalítico, demonstram regularmente o hábito de confirmar algum fato pelo riso quando consigo dar-lhes um quadro fiel de seu inconsciente, ocultado à percepção consciente; riem mesmo quando o conteúdo desvelado não justifica absolutamente o riso. Tal fato sujeita-se, naturalmente, a uma aproximação do material inconsciente, íntima bastante para captá-lo, depois que o médico o detecta e apresenta a ele (FREUD, 1980, p.195).

Sobre o fenômeno do riso, Bergson (1987) aponta a familiaridade quanto ao risível numa espécie de pacto entre os indivíduos que riem de determinada situação. Este acordo muito tem a ver com os hábitos comuns e opiniões compartilhadas por nós, especialmente na plateia, de onde parte sua observação:

Por mais franco que se suponha o riso, ele oculta uma segunda intenção de acordo, diria eu quase de cumplicidade, com outros galhofeiros, reais ou imaginários. Já se observou inúmeras vezes que o riso do espectador, no teatro, é tanto maior quanto mais cheia esteja a sala. Por outro lado, já não se notou que muitos efeitos cômicos

são intraduzíveis de uma língua para outra, relativos, pois, aos costumes e às idéias de certa sociedade? (BERGSON, 1978, p.8).

Propp (1991) define o que seria risível sob o aspecto de familiaridade: seriam risíveis as experiências que os seres humanos compartilham entre si nas suas respectivas condições de existência e concepções de aberração, por exemplo, dentro deste universo familiar.

[...] é possível rir do homem em quase todas as suas manifestações. Exceção feita ao domínio dos sofrimentos, coisa que Aristóteles já havia notado. Podem ser ridículos o aspecto da pessoa, seu rosto, sua silhueta, seus movimentos. Podem ser cômicos os raciocínios em que a pessoa aparenta pouco senso comum; um campo especial do escárnio é constituído pelo caráter do homem, pelo âmbito de sua vida moral, de suas aspirações, de seus desejos e de seus objetivos. Pode ser ridículo o que o homem diz, como manifestação daquelas características que não eram notadas enquanto ele permanecia calado. Em poucas palavras, tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso (PROPP, 1991, p.29).

O riso envolve complexidade, traz à tona a teatralidade da comédia e da tragédia grega, como explica Minois (2003, p.35). O autor destaca a cultura grega como importante fonte de documentação para a busca identitária do riso na mitologia. As *festas* merecem destaque, como “ocasiões de riso” (MINOIS, 2003, p.29), nas quais ocorrem fenômenos sociais como a inversão, o excesso e a contravenção às regras. Eram eventos que não raro acabavam em orgias. O riso aqui é tido como essencial, um contato com o mundo divino, segundo Minois (2003, p.30). Estes episódios dão origem à expressão *riso dionisíaco*: o Deus Dionísio é o símbolo da embriaguez, Deus da vinha, do vinho.

Ao longo de sua história, o riso vai assumindo múltiplas faces. Numa análise da obra de François Rabelais, artista da cultura cômica popular da Idade Média, Bakhtin (1987) identifica o destaque dado às estruturas anatômicas do corpo humano e seus limites (ato de comer, parir, excretar, fecundar, envelhecer, adoecer...), além das descrições de cenas de carnificina. O corpo tem bastante destaque em Rabelais, juntamente com a alimentação, compondo o chamado estilo grotesco<sup>10</sup>: hipérboles, exageros e excessos.

Bakhtin (1987) aponta também a presença da inversão social própria das festas populares, como as carnavalescas, por exemplo, nas quais um rei (o *bufão*) é escolhido pelo povo, para um reinado com a duração do período festivo. Ao fim desta fase, era espancado e

---

<sup>10</sup> O termo “grotesco” origina-se de um tipo de ornamentação arquitetônica. Eram monumentos subterrâneos conhecidos por “grottes”, encontrados em 1480 num local conhecido atualmente como Oppius. O estilo conta com a criação de universos fantasiosos, cheios de seres humanos e não-humanos. Atualmente a palavra “grotesco” atingiu o sentido de adjetivo para definir algo bizarro ou ridículo, fugindo da ideia das obras que originaram o termo. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/grotesco/>>. Acesso em: 06/01/2017.

destronado pelo mesmo povo que o levou ao trono: mistura de exaltação e violência corpóreo-verbal, nascimento do novo e morte do antigo, enfim, renascimento. “O carnaval revela-nos hoje o elemento mais antigo da festa popular, e, pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais bem conservado desse mundo tão intenso quanto rico” (BAKHTIN, 1987, p.189). No contexto rabelaisiano, o termo carnavalesco não abrange um único evento anual, como conhecemos nos dias de hoje. Referia-se a festas distribuídas em datas diversas, com práticas comuns, como a utilização de máscaras, por exemplo.

Pensando no fenômeno da carnavalização e na inversão como lógicas usuais na sociedade em que vivemos, verificamos a presença do inusitado: muitas situações humorísticas utilizam-se de enfoque em momentos ou informações “não importantes”, lógica que inverte a hierarquia de destaques. A política brasileira foi constantemente debatida na imprensa em 2016 por diversos motivos: Operação Lava Jato, o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, a prisão de Eduardo Cunha e demais políticos envolvidos em escândalos, entre outros acontecimentos. Em meio a este caos, surge a figura do “japonês da Federal”, um indivíduo com traços orientais conhecido por acompanhar os réus em seus processos de prisão. Em suma, destaque para um coadjuvante e não para o personagem preso. Ironia do destino (ou não), o próprio japonês foi preso, em junho de 2016, por facilitação de contrabando<sup>11</sup>, praticamente uma piada pronta para se noticiar.

Lipovetsky (2005, p.111) revela que a atual sociedade chegou a um clima descontraído em todos os âmbitos, de forma a ser caracterizada como “humorística”. Nela, verifica-se a onipresença do código humorístico: nada mais é interpretado ao pé da letra, existem quebras de protocolo aqui e ali. Verificamos a ausência de locais e momentos dedicados exclusivamente ao riso, devido, consideravelmente, ao acesso facilitado às informações. Rir de si mesmo é uma atitude legítima, não mais havendo necessidade de se ridicularizar o outro publicamente. O espírito que reina, segundo o autor, nessa sociedade hedonista é o de descontração.

Enfim, tudo pode acontecer, como, por exemplo, a narração da morte de Osama Bin Laden dar-se através da rede social de um civil paquistanês<sup>12</sup>. Narrar o inesperado de forma esperada seria a essência do fenômeno. Com o status construído ao longo do tempo de “detentora da verdade” (SODRÉ, 2003, p.12), a imprensa pôde publicar este tipo de matéria sem correr riscos quanto à credibilidade do leitor. Pensemos agora na desconstrução deste

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/06/japones-da-federal-e-presno-em-curitiba.html>>. Acesso em: 12/12/2016.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/05/02/paquistanes-narrou-ataque-que-matou-bin-laden-no-twitter-sem-saber.jhtm>>. Acesso em: 13/12/2016.

*status*. Nos folhetins<sup>13</sup> do século XIX, fundiam-se realidade e ficção na construção de tramas publicadas para um leitor fiel, que acompanhavam o desenrolar dos acontecimentos. Ele lia e se enxergava em várias situações da narrativa, numa certa confusão entre real e não real. Mais adiante, nos anos 1960, verificamos um outro fenômeno que mescla realidade e ficção: o jornalismo gonzo<sup>14</sup>, proveniente do *new journalism*<sup>15</sup>, que passou a agregar humor à imprensa. Durante a ditadura, no Brasil, essa tendência foi fortemente utilizada como forma de resistência ao sistema político, através de jornais como *Pasquim*, por exemplo. A apropriação e adaptação – através de elementos como ironia, sátira e paródia, que serão mais tarde analisados – das narrativas e modo de fazer jornalístico na crítica da sociedade seriam a essência deste outro fenômeno de produção de notícias falsas, as *fake news*.

Considerando a definição do dicionário *Oxford*<sup>16</sup> de *fake news* como “relatórios falsos de eventos, escritos e lidos em sites”<sup>17</sup> (tradução nossa), elas são encaradas como algo que se situa somente no ciberespaço, levando em conta a velocidade da produção e compartilhamento dos materiais produzidos. Já Allcott e Gentzkow (2017, p. 213-214) não se referem ao meio onde são propagadas e reafirmam seu teor fictício, definem como “Notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsas, podendo enganar os leitores.”<sup>18</sup> (tadução nossa). Pensando nas notícias falsas como sério fenômeno político, deve-se destacar que na presente pesquisa o interesse se volta para o viés humorístico e satírico deste tipo de produção, embora possamos encontrar autores que distanciam conteúdos humorísticos do termo *fake news*. Tais observações mostram a fluidez deste assunto, embora não se trate de um fenômeno recente, há muito material a ser produzido sobre este assunto.

As notícias falsas aqui abordadas nos fazem pensar justamente sobre o já referido *status* conquistado pela imprensa. Elas testam, por meio da linguagem, a própria linguagem jornalística. Tratam-se, portanto, de *fake news* explicitamente paródicas. Sodré (2009) destaca

<sup>13</sup> Seção de um periódico que ordinariamente ocupa a parte inferior da página, em geral artigos de literatura amena. Os romances de folhetim são publicados em episódios pela imprensa, suscitando interesse do leitor. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/folhetim/>>. Acesso em: 06/01/2017.

<sup>14</sup> Estilo de narrativa em jornalismo em que o narrador se desprende da objetividade e se mistura com a ação, abordando temas inesperados e desvalorizados pela imprensa na segunda metade da década de 1960, através de vocabulário menos rebuscado. O jornalismo gonzo rompe com um dos principais pilares do jornalismo: o compromisso com a verdade. Conhecido também como jornalismo-fora-da-lei, jornalismo alternativo e cubismo literário. Disponível em: <<http://qualquer.org/gonzo/monogonzo/>>. Acesso em: 06/01/2017.

<sup>15</sup> Experiência literária estadunidense nos anos 1960 dentro do jornalismo que dava um toque mais imaginativo e lírico à reportagem, fugindo do jornalismo puramente voltado ao “furo” e notícias breves. Disponível em: <<http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo02.html>>. Acesso em: 06/01/2017.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news>. Acesso em: 20/06/2018.

<sup>17</sup> “False report events, written and read on websites.” (OXFORD, 2018).

<sup>18</sup> “We define “fake news” to be news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers.” (ALCOTT E GENTZKOW, 2017)

o valor simbólico esclarecedor que a imprensa conquistou, atuando como fonte de informação legítima, inclusive em sua época panfletária. Esta legitimidade é construída através da roupagem que envolve a profissão do jornalista, atribuindo-se à imprensa a função de noticiadora e detentora da verdade, construída por meio de artifícios como a retórica encantatória, a ideologia do esclarecimento, o mito da liberdade de imprensa, entre outros, num contexto atual de venda de informações.

Emergindo historicamente na passagem do Estado absoluto de direito, como porta-voz dos direitos (civis) que inauguram a modernidade da cidadania, a imprensa traz consigo a novidade ideológica da liberdade de expressão, mas sem abandonar por inteiro a garantia de alguns velhos recursos mitológicos, a exemplo da construção de uma narrativa sobre si mesmo como entidade mítica que administra a verdade dos fatos sociais, e mais, a retórica encantatória na narração fragmentária sobre a atualidade (SODRÉ, 2009, p.12).

Segundo a crítica de Sodré, a notícia é tratada como uma *commodity*, e, portanto, utiliza-se de recursos para ser vendida massivamente. Estes recursos podem basear-se na ideia de exagero e má apuração travestidos de “verdade” para que o produto “notícia” seja consumido. Seria importante considerarmos a influência da imprensa em nossas vidas quanto à formação de opinião. Feito isto, se parodiarmos as maneiras de fazer notícias, utilizando-nos da familiaridade de Bergson (1978), esta ridicularização tem vasto campo para o acordo de “risibilidade” à que o autor se refere.

O *Sensacionalista*, jornal que agrega notícias falsas (*fake news*) no Brasil, brinca com as maneiras estabelecidas de se produzir conteúdo jornalístico na atualidade de maneira a trazer exagero a hábitos reais da classe média brasileira: “filas do *Outback*, alto preço do *Iphone* e do sorvete, comportamentos inadequados em redes sociais, e o amor e o ódio sobre os políticos em geral”<sup>19</sup>. As notícias falsas do *Sensacionalista* abordam e distorcem hábitos comuns, notícias nacionais e internacionais sobre política, além de brincadeiras com figuras públicas, reduzindo ao humor todas estas situações que podem implicar abordagens diversas, fundindo o sério com o não-sério através de elementos como a ironia, a sátira e a paródia. Passemos a eles.

## 2.1 IRONIA

Segundo Moisés (1978, p.295), a ironia ocorre quando dizemos propositalmente o contrário do pretendido. Minois (2003, p.435), citando Vladimir Jankélévitch, compreende a

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/midia-kit/>>. Acesso em: 23/07/2018.

ironia num contexto de proteção, de dissolução do trágico da vida em fragmentos, todos eles tratados pelo escárnio. Seria como dizer verdades em tons dissimulados.

Para delimitar melhor as condições da existência irônica, a autora canadense Linda Hutcheon (2000) traz os elementos que a compõem. Seriam eles: 1) texto ou elocução; 2) ironista; 3) interpretador; 4) circunstâncias. Entre estes participantes, os de maior destaque seriam o interpretador e o ironista: aquele que lança a ironia e aquele que a capta. Nas palavras da autora, pode-se até mesmo abrir uma discussão sobre o poder do interpretador, já que ele é o responsável por encarar ou não a expressão como irônica.

Os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretador e o ironista. O interpretador pode ser – ou não – o destinatário visado na elocução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que atribui a ironia e então a interpreta: em outras palavras, aquele que decide se a elocução irônica (ou não) e, então, qual sentido irônico particular ela pode ter. Esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz perguntar quem deveria ser designado como o “ironista”). É por isso que a ironia é um “negócio arriscado” (FISH, 1983:176): não há garantia de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira como foi intencionada. Na verdade, “pegar” pode ser incorreto e até mesmo impróprio; “fazer” seria muito mais preciso (HUTCHEON, 2000, p.28).

Tal perigo ou risco da ironia diz respeito à sua compreensão: cada ser interpretador carrega consigo memórias e vivências, em que a ironia pode funcionar como gancho de resgate a elas. De acordo com a experiência vivida e o tema abordado, a ironia salta aos seus olhos, numa relação sugerida pela autora como “entre dito e não dito” (HUTCHEON, 2000, p.30). Realizada esta interação, pode não ficar claro se o ironista se referia exatamente ao que o interpretador pensava.

Ela acontece no espaço entre o dito e o não dito (e que os inclui). O que eu quero chamar de sentido “irônico” é inclusivo e relacional: o dito e não dito coexistem para o interpretador, e cada um faz sentido em relação ao outro porque eles literalmente “interagem” (BURKE, 1969<sup>a</sup>:512) para criar o verdadeiro sentido irônico”. O sentido “irônico” não é, assim, simplesmente o sentido não dito e o não dito nem sempre é uma simples inversão ou o oposto (AMANTE, 1981:81; ECO, 1990:210): ele é sempre diferente – o outro do dito e mais que ele. É por isso que não se pode confiar na ironia (KENNER, 1986:1152): ela mina o sentido declarado, removendo a segurança semântica de “um significante: um significado” e revelando a natureza inclusiva complexa, relacional e diferencial da criação de sentido irônico (HUTCHEON, 2000, p.30).

O risco é inerente à ironia por diversos motivos. Hutcheon (2000) chama de “natureza transideológica” o fato da ironia conseguir desenvolver diferentes papéis dentro dos demais gêneros. Esta denominação prevê suas variações: “a ironia consegue funcionar e funciona taticamente a serviço de uma vasta gama de posições políticas, legitimando ou solapando uma grande variedade de interesses” (HUTCHEON, 2000, p.26-27).

Reafirmando a imprecisão da ironia, a canadense afirma que sua “premissa de trabalho é que nada nunca é garantido na cena politizada da ironia. Mesmo se um ironista pretende que uma ironia seja interpretada em um enquadramento de oposição, não há garantia de que essa intenção subversiva será realizada” (HUTCHEON, 2000, p.34). A ironia torna-se tão perigosa nas situações políticas pelo fato de poder assumir tanto ares conservadores quanto ares contestadores. Este outro risco seria advindo da “articulação dupla do sentido democrático” (HUTCHEON, 2000, p.35):

Num regime totalitário (ou simplesmente num contexto discursivo repressor), usar ou atribuir ironia para minar por dentro é relativamente direto, ainda que perigoso (BENTON, 1988; Dines-Levy, SMITH, 1988:245): as regras e as normas são conhecidas e acatadas na letra, embora não no espírito, da elocução que ironiza. Os perigos só se materializam se as autoridades também atribuírem ironia e a cobertura protetora da circunlocação for retirada. Numa situação mais democrática, onde diferentes posições ou “verdades” teoricamente coexistem e são valoradas, a ironia é ainda mais arriscada – ainda que menos perigosa materialmente. Aqueles a quem você se opõe poderiam não atribuir a ironia e simplesmente aceitar sua palavra; ou eles poderiam fazer a ironia acontecer e assim acusá-lo de estar negando, senão se contradizendo. Aqueles com quem você concorda (e que conhecem sua posição) poderiam também não atribuir ironia e pensar que você estivesse defendendo o que você na verdade está criticando. Eles podem simplesmente vê-lo como um hipócrita ou comprometido por sua cumplicidade com um discurso e valores aos quais eles pensavam que você se opunha. Eles poderiam também, é claro, atribuir ironia e interpretá-la precisamente de acordo com a intenção que você teve.

Expostos riscos e incertezas, eis uma justificativa para a utilização da ironia: “apesar dos riscos, a circunlocação e a aresta crítica da ironia ainda fazem dela um ‘modelo possível para oposição toda vez que alguém está implicado num sistema que esse alguém acha opressivo’” (HUTCHEON, 2000, p.35). Estas nuances da ironia a fazem tão variável e ao mesmo tempo tão única.

Em meio a tanta vulnerabilidade, temos a presença de uma regra geral que estabelece a relação de hierarquia entre o ironista e suas plateias; esta última é quem de fato faz a ironia acontecer, enquanto o primeiro seria alguém externo. Outro ponto decisivo é compreender, através da abordagem transideológica, “a distinção entre a ironia que poderá funcionar construtivamente para articular uma nova posição de oposição e a ironia que funcionará de um modo mais negativo e que negativará mais” (HUTCHEON, 2000, p.36). Nestas perspectivas, o ironista assume lugares diferentes: na ironia negativa, “o ironista ficaria de fora, numa posição de poder (ou pelo menos mascarando qualquer vulnerabilidade)” (HUTCHEON, 2000, p.36).

Em contraste, a função mais construtiva ou “apropriada” da ironia teria como alvo o próprio sistema, do qual o ironista também faria parte. Ela tentaria “usar aquele sistema, como todo jogo que o sistema permite, para produzir fins diferentes, isto é,

para mudar os produtos do sistema” – mesmo que as mudanças possam ser apenas “locais e esporádicas” (CHAMBERS, 1990:21). Não importa como você resolva falar sobre a diferença entre a ironia que é vista como excludente e finalizadora e a ironia que é vista como relacional e relativizadora, a política da ironia nunca é simples e nunca está sozinha (HUTCHEON, 2000, p.36-37).

Segundo a autora, do ponto de vista do ironista, “a ironia cria hierarquias: aqueles que a usam, depois aqueles que a ‘pegam’ e, no fundo, aqueles que não a ‘pegam’” (HUTCHEON, 2000, p.37). Já a perspectiva do interpretador aborda o conceito de “comunidades discursivas”, que compreendem a “existência de contextos experienciais e discursivos diferentes” (HUTCHEON, 2000, p.37). Além disso, “quanto mais o contexto é compartilhado, em menos quantidade e menos óbvios são os marcadores necessários para sinalizar – ou atribuir – ironia” (HUTCHEON, 2000, p.38).

Para dar uns poucos exemplos inócuos: a piada compartilhada por aqueles que são pais e mães geralmente escapam a pessoas como eu, que não têm crianças, e muito da sátira britânica me deixa confusa por eu ser canadense. Isso não é uma questão de elitismo de grupos fechados (HUTCHEON, 2000, p.37).

Tais comunidades discursivas proporcionam marcadores e maneiras de interpretá-los: “Existem os que funcionam para fazer nascer no interpretador alguma ideia de que se intenciona fazer ironia” (HUTCHEON, 2000, p.42), como trejeitos, repetições, expressões do ironista, ou ainda aspas no texto escrito, por exemplo, “e há outros que dirigem os interpretadores para o sentido não declarado, especificamente intencionado” (HUTCHEON, 2000, p.42). Estes sinais são socialmente acordados e relacionam-se aos hábitos da comunidade em questão.

## 2.2 PARÓDIA

Elemento de destaque no *Sensacionalista*, a paródia será analisada de acordo com dois autores. Ambos possuem visões hora divergentes, hora convergentes. Segundo Brewer e Sant’Anna (1999), a paródia refere-se a uma ode ao lado de outra ode, no sentido de perversão (do grego para-ode), inicialmente num contexto musical. Literariamente, Sant’Anna (1999) utiliza-se da diferenciação de Shipley sobre a paródia: verbal (distorção nas palavras do texto), formal (distorção no estilo e efeitos técnicos) e temática (distorção no espírito do autor). A distorção, portanto, seria algo inerente à paródia.

Hutcheon (1985) enriquece etimologicamente o termo, acrescentando o significado “ao longo de” ao prefixo da palavra paródia, também tomando como referência

sua origem grega. Segundo a autora, nos deparamos com um contexto de intimidade e não de contraste: “Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva” (HUTCHEON, 1985, p.48).

Definamos a paródia: seria uma obra que só existe graças a um primeiro produto. Este primeiro produto traz marcas que serão hora mantidas no objeto parodiado (aí reside a intertextualidade necessária), hora transformadas (verificamos a ruptura com a familiaridade, também necessária). Às suas maneiras, os autores destacam a intertextualidade como elemento essencial dentro do gênero. O ponto comum sobre este elemento seria a sua complexidade, afirmada por ambos:

Ao definir a paródia em termos simultaneamente formais e pragmáticos, contudo, pode argumentar-se que reduzi à intertextualidade. [...] Mas, a acrescentar a esta restrição adicional da relação intertextual entre decodificador e texto, a paródia exige que a competência semiótica e intencionalidade de um codificador inferido sejam pressupostos. Desta forma, embora a minha teoria da paródia seja intertextual na sua conclusão tanto do decodificador como do texto, o seu contexto enunciativo é ainda mais vasto: tanto a codificação como o compartilhar de códigos entre produtor e receptor são centrais [...] (HUTCHEON, 1985, p.54).

Atribuído este destaque, é importante colocar que a intertextualidade não é compreendida como um elemento exclusivo da paródia.

Modernamente a paródia se define através de um jogo intertextual. A esse respeito, como veremos mais adiante em Manuel Bandeira, pode-se falar de intertextualidade (quando um autor utiliza textos de outros) e intratextualidade (quando o escritor retoma sua obra e a reescreve). Essa anotação, no entanto, não é típica da paródia. Também ocorre na paráfrase, como observaremos oportunamente. Por isto é que é necessário trabalhar mais essa questão da intertextualidade (SANT’ANNA, 1999, p.13).

A crítica seria uma finalidade da paródia consensual entre os dois autores. Em suas palavras Sant’Anna afirma (1999, p.31): “Ora, o que o texto parodístico faz é exatamente uma reapresentação daquilo que havia sido recalcado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação de discurso. É uma tomada de consciência crítica”.

Em sua obra, Huctheon (1985) aborda a ironia como elemento frequente neste processo crítico que a paródia implica:

Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva. O prazer da ironia da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de emprenhamento do leitor no “vai-vém” intertextual (bouncing) para utilizar o famoso termo de E. M. Forster, entre

cumplicidade e distanciação (HUTCHEON, 1985, p.48).

O aspecto de distinção do *Sensacionalista* seria a provocação do leitor quanto à veracidade dos jornais tradicionais, uma vez que as notícias falsas evidenciam as amplas possibilidades de se criar uma notícia repleta de mentiras. Esta crítica é feita sem palavras agressivas e muito menos menções e citações diretas à imprensa tradicional.

Na paródia moderna, no entanto, verificamos não haver um julgamento negativo necessariamente sugerido no contraste irônico dos textos. A arte paródica desvia de uma norma estética e inclui simultaneamente essa norma em si, como material de fundo. Qualquer ataque real seria autodestrutivo (HUTCHEON, 1985, p. 62).

Nas notícias do *Sensacionalista* não se observa data, fato que as torna atemporais, o que também resguarda o conteúdo humorístico. Além disso, as narrativas trazidas pelo jornal fictício não seguem uma sequência linear. Sobre este ponto, Sant'Anna afirma:

A paródia nos jornais de classe A e B (de maior poder aquisitivo) fica restrita às charges políticas, a um ou outro comentário humorístico eventual. A paródia ocupa um pequeno espaço nesses jornais “sérios”. Ela vai se caracterizar nos jornais marginais, nos semanários, em publicações não diárias. Assim, alguns jornais podem se especializar nesse tipo de linguagem parodística comentando o texto dos jornais “sérios”, debochando de um texto anterior, numa atividade intertextualizadora. Alguns jornais desse tipo não evitam parodiar-se a si mesmos nem se contra-dizer. A notícia aí se desvia tanto do fato ocorrido, “de-forma” tanto a realidade, “degrada” de tal forma o original, que se situa no terreno da “caricatura”. É curioso e sintomático que os jornais parodísticos não sejam diários. Eles carecem que o texto a ser parodiado tenha sido publicado anteriormente ou tenha se acumulado na memória do leitor durante uma semana ou mais. Ele vive da notícia já consumida. Ele não dá o “furo”, ele debocha do “furo” ou valoriza um aspecto só do todo (SANT’ANNA, 1999, p.68-69).

Na relação entre parodiado e parodístico, Sant’Anna (1999) aborda a evolução como um processo previsível entre os dois produtos, respectivamente, garantindo a mudança de sentidos acompanhada pelo aperfeiçoamento: “Feitas essas ressalvas, constatamos que a paródia, por estar do lado do novo e do diferente, é sempre inauguradora de um novo paradigma. De avanço em avanço, ela constrói a evolução de um discurso, de uma linguagem, sintagmaticamente” (SANT’ANNA, 1999, p.28). A mudança é uma característica também afirmada por Hutcheon (1985). A autora questiona, por sua vez, a obrigatoriedade da evolução: “As formas de arte mudam, mas evoluirão realmente ou melhorarão de alguma forma?”. A partir daí, ela descarta qualquer obrigatoriedade de aperfeiçoamento da paródia: “A minha definição de paródia como imitação com diferença crítica impede qualquer adesão às implicações aperfeiçoadoras da teoria dos formalistas” (HUTCHEON, 1985, p.53).

Em suas obras, os autores trazem conceitos que os auxiliam a definir a paródia.

Sant’Anna (1999) aborda a paráfrase, utilizando o aperfeiçoamento entre parodiado e parodístico como elemento de diferenciação: “Em contraposição, se poderia dizer que a paráfrase, repousando sobre o idêntico e o semelhante, pouco faz evoluir a linguagem. Ela se consulta atrás de algo já estabelecido, de um velho paradigma” (SANT’ANNA, 1999, p.28).

Enquanto a paráfrase é um discurso em repouso, e a estilização é a movimentação do discurso, a paródia é o discurso em progresso. Também se pode estabelecer outro paralelo: paráfrase como efeito de condensação, enquanto a paródia é um efeito de deslocamento. Numa há o reforço, na outra a deformação. Com a condensação, temos dois elementos que se equivalem a um. Com o deslocamento temos um elemento com a memória de dois. Por isto é que se pode falar do caráter ocioso da paráfrase e do caráter contestador da paródia. Na paráfrase alguém está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz do outro. Na verdade, essas duas vozes, por identificação, situam-se na área do *mesmo*. Na paródia busca-se a fala recalcada do *outro* (SANT’ANNA, 1999, p.29).

Hutcheon (1985), por sua vez, dedica-se em uma parte da sua obra a trazer a sátira como um elemento que, muitas vezes, acaba se confundindo com a paródia: “No entanto, a razão óbvia para a confusão de paródia e sátira, apesar desta diferença essencial entre elas, é o fato de os dois gêneros serem muitas vezes utilizados conjuntamente” (HUTCHEON, 1985, p.62). A autora traz ainda alguns conceitos que podem adiantar a compreensão sobre sátira, já que se trata de um assunto desta pesquisa:

A sátira usa, frequentes vezes, formas de arte paródicas, quer para fins expositórios, quer para fins agressivos (PAULSON 1967, 5-6), quando aspira à diferenciação textual como veículo. Tanto a sátira como a paródia implicam distanciação crítica e, logo, julgamentos de valor, mas a sátira utiliza geralmente essa distância para fazer uma afirmação negativa acerca daquilo que é satirizado – <<para distorcer, depreciar ferir>> (HIGHET, 1962, 69). Na paródia moderna, no entanto, verificamos não haver um julgamento negativo necessariamente sugerido no contraste irônico dos textos. A arte paródica desvia de uma norma estética e inclui simultaneamente essa norma em si, como material de fundo. Qualquer ataque real seria autodestrutivo (HUTCHEON, 1985, p.62).

Em outra obra, a autora canadense enriquece esta discussão trazendo um ponto em comum entre os dois gêneros: a ironia. “A ironia é essencial para o funcionamento da paródia e da sátira, ainda que de maneira distinta. Dito de outro modo, a ironia goza de uma dupla especificidade – semântica e pragmática –, como incluso Catherine Kerbrat-Orecchioni nos sugere agora”<sup>20</sup> (HUTCHEON, 1991, p.174, tradução nossa). Vale ressaltar que a ironia é compreendida como um tropo – ou mecanismo retórico – que pode assumir diversas faces de acordo com a enunciação, enquanto paródia e sátira são afirmadas como gêneros: “Depois de

<sup>20</sup> “La ironia es esencial para el funcionamiento de la parodia y de la sátira, aunque de manera distinta. Dicho de otro modo, la ironia goza de una especificidad doble – semántica y pragmática –, como incluso Catherine Kerbrat-Orecchioni” (HUTCHEON, 1991, p.174).

tudo, a ironia é um mecanismo retórico, a paródia e a sátira são gêneros literários”<sup>21</sup> (HUTCHEON, 1991, p.190, tradução nossa).

Como mecanismo retórico, a ironia funciona como um destes fenômenos que não têm posição permanente e definitiva na língua, sendo que, ao contrário, extraem sua significação do ato de produção linguística, a saber, da enunciação. E como tal, a utilização da sátira e da paródia. (HUTCHEON, 1991, p.191, tradução nossa).

Segundo a autora, o lado semântico da ironia seria associado à paródia: “No seu plano semântico, a ironia se define como sinal de diferença de significado, como a antífrase. Como tal, se realiza de forma paródica, por uma superposição estrutural de contextos semânticos (o que se disse/o que se deseja que entendam)”<sup>22</sup> (HUTCHEON, 1991, p.179, tradução nossa). Por sua vez, o lado pragmático seria associado à sátira: “Se a ironia é sempre contra alguém ou algo, é deste funcionamento pragmático (e não semântico) que deriva a adequação do uso satírico da ironia da zombaria, depreciativa”<sup>23</sup> (HUTCHEON, 1991, p.179, tradução nossa). Essa ambivalência irônica associada aos dois gêneros pode trazer certa confusão quanto à interpretação do leitor, se pensarmos que cada sujeito possui suas memórias, bagagem cultural e “valores institucionalizados” (HUTCHEON, 1991, p.188). Tais fatores o guiarão no processo de entendimento: “A competência ‘genérica’ do leitor pressupõe seu conhecimento das normas literárias que constituem o cânone, a herança institucionalizada da língua e da literatura”<sup>24</sup> (HUTCHEON, 1991, p.187, tradução nossa).

### 2.3 SÁTIRA

Para compreender o que chamamos de sátira, nos dias atuais, é necessário que haja um breve fundo histórico que nos esclareça alguns elementos e autores importantes sobre este tema. De origem desconhecida (e muito debatida), a sátira se diferencia da ironia e da paródia pela sua influência latina, fato que agrega dúvida sobre a sua origem. Os demais elementos aqui já vistos (ironia e paródia) são indiscutivelmente gregos. A *satura*, e mais tarde *sátira*, traz a noção de “mistura, abundância ou saciedade” em seu sentido etimológico:

<sup>21</sup> “Después de todo, la ironia es un mecanismo retórico; la parodia y la sátira son géneros literarios.” (HUTCHEON, 1991, p.191).

<sup>22</sup> “Em el plano semântico, la ironía se define como señal de diferencia de significado, a saber, como antífrasis. Como tal se realiza de forma paródica, por una superposición estructural de contextos semânticos (lo que se dice/ lo que se quiere que se entienda)” (HUTCHEON, 1991, p.179).

<sup>23</sup> “Si la ironia es siempre a expensas de alguien o de algo, es de este funcionamiento pragmático (y no semântico) que deriva la adecuación del uso satírico de la ironía burlona, depreciativa” (HUTCHEON, 1991, p.179).

<sup>24</sup> “La competencia genérica del lector presupone su conocimiento de las normas literarias de la lengua y de la literatura.” (HUTCHEON, 1991, p.187).

Começamos, conseqüentemente, a nossa pesquisa sobre o sentido original e a forma gramatical de *satura* com a premissa de que a palavra derivou de *satur*: e temos demonstrado que esta é a sua natural e óbvia derivação. A isso acrescentamos as premissas de que *satur* é originalmente de sentido passivo e que, provavelmente, aponta a *lanx*, chamada *satura*, como uso mais primitivo da palavra. O nome originário do prato deve ter sido *lanx satura*; mas, em breve com a elipse de *lanx*, o mesmo prato. i. E., a oferenda inteira passou a ser chamada *satura*. Como conseqüência a forma feminina de adjetivo se desenvolveu para um substantivo feminino coletivo (HAMDEN *apud* D’ONOFRIO, 1968, p.34).

Reafirmando a imprecisão da origem a satírica, D’Onofrio (1968, p.33) afirma a “origem itálica da sátira”, enquanto Moisés (1978) esclarece um pouco sobre os traços gregos:

Não obstante a comédia grega primitiva ostentar traços de sátira (denominados *diatribe*\*), a sua criação deve-se aos Latinos (*Satira tota mostra est*, Quintiliano, *Instituto Oratorie*, X, 1, 93). A princípio, empregava-se a prosa da mistura à poesia, e com Ênio a sátira passou a exprimir-se em verso. Todavia, considera-se Lucílio o seu inventor, em razão de haver-lhe dado feição definitiva. Com Horácio, a sátira adquire tons amenos, e, mais tarde, com Juvenal, envereda pelos caminhos do pessimismo, ao mesmo tempo que atinge o ponto mais alto de sua evolução entre os Antigos: ambos forneceram os dois modelos de sátira mais conhecidos doravante, – a amena, sorridente, chamada *horaciana*, e a mordaz, a azeda, *juvenaliana* (MOISÉS, 1978, p.470).

Para além dos impasses de influências e pioneirismo (se grego ou se romano), colocados por diversos autores, D’Onofrio (1968) comenta sobre a importância em se considerar ambas as influências, não deixando de destacar o pioneirismo romano:

É, sem dúvida, mais interessante, para os fins do nosso trabalho, averiguar as limitações de tais influências. Admitimos plenamente a dependência grega do elemento filosófico-moral da sátira: seria pueril negar isso desde que se sabem não terem tido os romanos uma filosofia própria (D’ONOFRIO, 1968, p.14).

Uma influência grega a ser destacada seria a das diatribes, anteriores à noção de estoicismo greco-romano<sup>25</sup>. Numa linha progressiva, os sofistas (IV e V a. C.) trazem os assuntos éticos, derivando forte influência através do discípulo de Sócrates, Platão. Sócrates criou a maiêutica (difundida por Platão), termo já utilizado neste trabalho dentro do campo da ironia. Outro discípulo de Sócrates, denominado Antístenes, fundou a chamada “Escola Cínica”, “que teve enorme sucesso pela pregação da autarquia do sábio e pela associação “virtude-felicidade”, e desembocou, mais tarde, no Estoicismo greco-romano” (D’ONOFRIO, 1968, p.12). Segundo o autor, atribui-se destaque ao filósofo cínico grego: “Ligado à escola cínica está Bion de Borístenes (início do séc. III a. C.), figura importante por ter dado uma

<sup>25</sup> Na seara física, os pensadores estoicos concebem um mundo rigidamente determinado pelo destino. Todavia, no campo ético, defendem ser a liberdade de pensamento a única característica que diferencia o homem dos demais seres (MATOS, 2013).

forma literária às diatribes, pregações populares de filosofia moral” (D’ONOFRIO, 1968, p.12).

Quanto à forma, a diatribe é uma discussão à guisa de monólogo. O tom é o do diálogo: o pregador cínico desce à praça, chama a atenção de um grupo de populares e começa a expor princípios de filosofia moral numa linguagem familiar e simples. Interrogações, repetições, citações mitológicas, adução de exemplos práticos, referências a fábulas ou à vida dos animais: estes e outros eram os ingredientes de uma diatribe, que variavam segundo o nível cultural do pregador e do público (D’ONOFRIO, 1968, p. 13).

A influência das diatribes nos leva ao aspecto central do presente estudo: o riso. Segundo Minois (2003), a diatribe não só esteve presente em Roma como lá foi acrescida à sátira.

É na sátira que desabrocha o verdadeiro riso romano. A Grécia, é verdade, conhece a diatribe, forma agressiva e amarga de crítica social, desenvolvida pelos cínicos no quadro de discussões entre mestre e aluno. Esse gênero, cultivado por Bíon e Menipo de Gadara, não está ausente em Roma, onde Varrão mistura ao gênero local em Sátiras menipeias. Mas, enquanto a diatribe permanece ligada a uma escola filosófica, a sátira atinge uma dimensão nacional. Seus alvos são, ao mesmo tempo, morais, sociais e políticos, e seu espírito, essencialmente conservador. Uma vez mais, constatamos que o riso é um instrumento de imobilismo e não inovação – ao menos como forma de zombaria. O novo suscita antes a troça, no sentido de que surpreende, choca, quebra a norma e a convenção; seu aspecto estranho e desconcertante é presa fácil para o espírito cômico: a arte nova sempre provocou a hilaridade do público médio. A distância crítica, necessária ao exercício do riso, é conquistada de imediato. Ora, a sociedade romana é profundamente conservadora, e todos os grandes satíricos latinos são igualmente conservadores e asseguram seu sucesso pela causticidade rústica e pelo apego às tradições (MINOIS, 2003, p.87).

A sátira sofreu longo e antigo processo de formação, com destaque às influências dramática e literária, respectivamente:

A passagem da *satira* dramática para a sátira literária deu-se gradativamente. Ettore Paratore ressalta muito bem esta transição: “De todas estas vigorosas contribuições da comicidade itálica nasceu em Roma a *satira*, primeira informe manifestação dramática, que, na idade sucessiva, abandonou, aos poucos, o caráter dramático para tornar-se expressão familiar dos pensamentos de um escritor sobre vários assuntos, e, especialmente, sobre os costumes de seus contemporâneos” (FIRENZE *apud* D’ONOFRIO, 1968, p. 37).

Entre os elementos comuns nas já citadas sátira dramática e literária, o autor destaca o conceito de variedade e mistura, que “se torna uma das características principais do gênero satírico” (D’ONOFRIO, 1968, p.35); outro item é o chamado espírito satírico: “O gosto pela poesia satírica manifesta o espírito de zombaria dos antigos itálicos [...]” (D’ONOFRIO, 1968, p.35); o caráter dramático e sarcástico, que “se revela desde as primeiras manifestações poéticas: nos *versos fesceninos*, na *satira*, nas *atelas*, nos *camina*

*triumphalia* e *convivália* o povo latino dava livre expansão ao seu pendor para a caricatura e troca de invectivas” (D’ONOFRIO, 1968, p.36); e, por fim, o recurso do interlocutor fictício:

A satura dramática, aperfeiçoamento dos versos fesceninos, que eram versos alternados devido à sua forma de desafios, devia ser representada por dois personagens ou por dois grupos de atores (semi-coros), cada qual lançando seus ataques e esperando a resposta adequada. O diálogo é o meio de comunicação de ideias mais popular e foi, sem dúvida, o instrumento de expressão mais usado nas primeiras formas de poesia dramática. [...] A passagem da *satura* dramática para a sátira literária deu-se gradativamente. Ettore Paratore ressalta muito bem esta transição: “De todas estas vigorosas contribuições da comicidade itálica nasceu em Roma a satura, primeira informe manifestação dramática, que, na idade sucessiva, abandonou, aos poucos, o caráter dramático para tornar-se expressão familiar dos pensamentos de um escritor sobre vários assuntos, e, especialmente, sobre os costumes de deus contemporâneos” (FIRENZE *apud* D’ONOFRIO, 1968, p. 37).

Importante destacar a noção de conservadorismo da sátira, que desconstrói a falsa impressão de inovação que pode ocorrer pelo caráter crítico. Podemos citar um exemplo sobre a organização da sociedade romana entre patrícios e plebeus:

Os escritores de sátiras retratam essa sociedade, descrevendo as várias classes sociais em suas mudanças e vícios. Tradicionalistas por natureza, os satíricos condenam a evolução social, que lentamente, ia determinando uma reviravolta nas antigas instituições de Roma. Com muita amargura, ressaltam a decadência do antigo Patriarcado e a elevação repentina de “novos ricos”, que representavam a Nobreza do Dinheiro. O espetáculo de nobres que arrastam na lama num nome ilustre leva-os a aceitar o princípio da filosofia estoica de que a verdadeira nobreza não repousa no sangue nem no dinheiro, mas nos dotes do espírito, no valor individual, nas qualidades morais (D’ONOFRIO, 1968, p.37).

Abordagem humorística presente ainda nos dias de hoje, a brincadeira com nomes de personagens no *Sensacionalista* é uma característica frequente em suas publicações. A título de exemplo, temos a manchete “Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito”<sup>26</sup>, da qual o desenrolar da narrativa segue: “Desta vez, Walter Mão Benta enfrenta um drama ainda maior: crédito ou débito? A Dilma disse que vai pagar à vista, que o dela é garantido agora. O Temer disse que é só esperar cair o primeiro pagamento dele de presidente no começo do mês que vem”. Podemos associar algumas características desta *fake news* à língua latina, que segundo Minois (2003), permite compreender o caráter mordaz do humor latino, expresso muitas vezes pelo jogo de palavras: “O costume camponês de cobrir as pessoas de impropérios está na origem de muitos sobrenomes latinos, estigmatizando defeitos físicos, intelectuais e morais, tais como *Scaurus*, o manco, *Galba*, o barrigudo” (MINOIS, 2003, p.85).

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/deputado-ainda-esta-indeciso-se-aceita-credito-ou-debito/>>. Acesso em: 10/01/2017.

### 3 IMPRENSA

Considerando a presente pesquisa que tem por objeto um jornal que parodia o modo de fazer notícia, neste capítulo serão vistos conceitos básicos que norteiam a imprensa como os critérios de noticiabilidade e a linguagem jornalística, para que possamos avançar e analisar o conteúdo que vem para ironizar, parodiar e satirizar toda esta organização, construído numa relação de dependência, pois o *Sensacionalista* depende de tais regras do jornalismo para existir. Se elas não fossem facilmente identificáveis e reconhecíveis nos conteúdos informativos, que inclusive pautam as *fake news*, o riso no jornal fictício não existiria. Passemos por tais critérios.

#### 3.1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Importante seria pensar no que faz com que os acontecimentos sejam ou não noticiados e qual o papel que as notícias ocupam na formação do sujeito. Mais que isso, as notícias significarão registros e argumentos para seus posicionamentos pessoais e políticos. Para tanto tomaremos como referência Nelson Traquina (2005) que aborda o viés ideológico e metafórico da notícia.

O que é notícia? A visão que os jornalistas apresentam desta questão – o que é notícia? – é simultaneamente simplista e minimalista: a) simplista porque, segundo a ideologia jornalística, o jornalista relata, capta, reproduz, ou retransmite o acontecimento. Segundo a metáfora dominante no campo jornalístico, o jornalista é um espelho que reflete a realidade. O jornalista é simplesmente um mediador; e b) minimalista porque, segundo a ideologia dominante, o papel do jornalista como mediador é um papel reduzido. Aliás, é significativo que, habitualmente, os jornalistas sejam relutantes em reconhecer ou assumir a importância e a influência do seu trabalho (TRAQUINA, 2005, p.62).

Muniz Sodré (2009), por sua vez, aborda o viés econômico da produção de notícias, processo caro e contínuo na atualidade.

A notícia é mesmo uma forma incipiente da “economia da atenção” que terminou caracterizando a mídia contemporânea. É assim, um produto – e certamente caro, considerando-se o custo atual de sua produção na esfera da grande mídia – cuja identidade mercadológica se configura a partir de meados do século XIX, no momento de transição do publicismo ou “jornalismo de opinião” (caracterizado pela produção artesanal, pela periodicidade irregular e por textos fortemente polêmicos) para a imprensa comercial”, organizada em bases industriais, logo voltada para um público massivo, suscetível de sustentar grandes tiragens e assegurar lucro (SODRÉ, 2009, p.25).

A importância e influência do trabalho do jornalista esbarram na ideologia da

profissão e nos modos de produzir notícias, estes por sua vez pautados pelos critérios de seleção dos acontecimentos, são estabelecidos pelo fator econômico, já que todos estes processos demandam custo.

Desta produção trata o modelo construtivista do *newsmaking* (noticiabilidade, conceito trabalhado por pesquisadores como Gaye Tuchman, Mauro Wolf, Michael Novak, Herbert Gans e outros), segundo o qual o jornalismo não é reflexo, mas construção social de uma realidade específica. Da cultura profissional dos jornalistas, da organização geral do trabalho e dos processos produtivos, portanto, de uma rotina industrial atravessada por uma polifonia discursiva, surgem os relatos de fatos significativos, (os “acontecimentos”) que se dá o nome de notícias. Em todo esse processo, o jornalista é apenas parcialmente autônomo, já que tem de obedecer às regras de um planejamento produtivo, assim como uma concepção coletiva do acontecimento, que em parte o ultrapassa, fazendo com que a seleção das ocorrências informe tanto sobre o campo profissional do jornalismo quanto sobre o meio social a que se refere a notícia (SODRÉ, 2009, p.25).

Consumidas massiva ou individualmente (através das redes sociais, etc.), as notícias apresentam certa previsibilidade em suas composições: uma lógica esperada pelo leitor, que investe dinheiro e atenção naquela informação. Os valores-notícia ajudam a entender esta previsibilidade, já que norteiam tal produção. Tais valores podem variar de acordo com os interesses dos grupos jornalísticos.

Os valores-notícia são, como já tivemos oportunidade de sublinhar, um aspecto fundamental da cultura profissional. Segundo Golding e Elliott (1978), são um importante elemento da integração jornalística e constituem referências claras e disponíveis a conhecimentos práticos sobre a natureza e os objetos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração das notícias. Diversos estudos sobre o jornalismo demonstram que os jornalistas têm uma enorme dificuldade em explicar o que é notícia, de explicitar quais são os seus critérios de noticiabilidade, para além de respostas vagas do tipo “o que é importante” e/ou “o que interessa ao público” (TRAQUINA, 2005, p.63).

As notícias possuem valor. Cada acontecimento agrega um nível de interesse quando exposto na mídia, e são estes valores, os valores-notícia, que pautam os critérios de noticiabilidade. Segundo Traquina (2005, p.63), “Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível se tornar notícia”.

A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (“newsworthiness”) (TRAQUINA, 2005, p.63).

O autor divide os valores-notícia em dois grupos: os critérios de seleção e os de construção. Os primeiros, como o próprio nome indica, têm a ver com a escolha e transformação de um acontecimento em notícia e dividem-se ainda em dois subgrupos: “a) os critérios substantivos (ou de seleção) que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia” (TRAQUINA, 2005, p.78).

Os critérios de construção determinam como o acontecimento já selecionado se transformará em notícia: o que será realçado, o que será omitido, qual será a abordagem do conteúdo produzido, por exemplo.

Começemos pelos critérios de seleção substantivos. A *morte* seria um valor-notícia notável. “Podemos dizer que todos nós seremos notícia pelo menos uma vez na vida – no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores ou com destaque na primeira página” (TRAQUINA, 2005, p.79). A este elemento agrega-se outro: a *notoriedade*. Embora sejamos indubitavelmente notícia no dia de nossa morte, este fato se torna notícia nos meios de comunicação devido à nossa notoriedade, ou seja, “Dependerá, em grande parte, da nossa notoriedade; a notoriedade do ator principal do acontecimento é outro valor-notícia fundamental para os membros da comunidade jornalística” (TRAQUINA, 2005, p.79). A *proximidade* e a *relevância* representam, no primeiro caso, o viés geográfico e cultural para com o leitor, e, no segundo, a “preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” (TRAQUINA, 2005, p.80).

Temos o *tempo* como um valor-notícia de seleção substantivo que diz respeito ao atual ou ainda sobre o passado, como, por exemplo, aniversário de morte de pessoas públicas. Tempo pode ser abordado ainda no campo das relações públicas, como datas comemorativas: dia da mulher e dia das crianças, entre outros. Além disso, um acontecimento pode ter visibilidade por períodos extensos, evidenciando a centralidade do tempo também neste caso. A *novidade* é também uma questão central para os jornalistas, pois segundo Traquina (2005), além de ser um fator que pode trazer de volta também fatos do passado, num contexto comparativo: “uma das maiores dificuldades para o jornalista é a justificativa para voltar ao assunto sem novos elementos; geralmente tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto” (TRAQUINA, 2005, p.81).

A *notabilidade* também é um valor-notícia substantivo que, segundo o autor, mostra-se através do acontecimento em si do que nas problemáticas envolvidas. A quantidade de pessoas que um acontecimento envolve influencia diretamente na sua *noticiabilidade*, que

seria um conceito que possui alguns registros: o fenômeno da inversão seria um registro de noticiabilidade, pautado pela máxima que estabelece como notícia o fato de um homem morder um cão ao invés de um cão morder um homem. Outro registro seria o insólito: “é o ladrão que vem entregar o carro roubado; o banhista que estende a toalha e encontra um moribundo; os bombeiros que apagam o fogo com leite; etc.” (TRAQUINA, 2005, p.83). A falha também representaria um registro da noticiabilidade a ser citado, como os acidentes, por exemplo. Além disso, a noção de excesso/escassez como registro traz também a noção do tempo, como longos períodos de seca, temperaturas elevadas e períodos chuvosos.

O *conflito* ou a *controvérsia*, agregados à noção da violência (física ou simbólica) são trazidos como valores-notícia substantivos: “A presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios de noticiabilidade muitas vezes exemplificam a importância da quebra do normal” (TRAQUINA, 2005, p.85). Associa-se à noção da violência o valor-notícia da infração, transgressão de regras. Tais fatores ajudam a compreender o crime como notícia, segundo o autor. Neste contexto, temos também o *escândalo*, como o caso do “Watergate”, que serve como espécie de modelo e colabora para a imagem de guardião do jornalista, visão ainda presente na sociedade.

Adentrando agora aos valores de notícia de seleção contextuais, lembramos que eles se relacionam ao processo de criação do conteúdo noticioso. A *disponibilidade* muito tem a ver com a logística de se produzir determinada notícia: compreender as demandas envolvidas no acontecimento e a viabilidade de noticiá-lo, já que os recursos das empresas jornalísticas são limitados. Checa-se através do valor-notícia se tal ocorrido é passível ou não de ser publicado. O *equilíbrio* consiste num valor notícia que dosa se aquele assunto já está desgastado, levando a mais abordagens ou ao fim delas. A *visualidade* corresponde ao material disponível, se as imagens obtidas possuem qualidade ou não. Este fator influencia na seleção do acontecimento para que se torne notícia.

A *concorrência* é um valor-notícia de seleção contextual que evidencia a questão do “furo” jornalístico: exclusividade no conteúdo. Por último, nesta categoria contextual, temos o *dia noticioso*: dias repletos de acontecimentos e outros dias mais pobres, de acordo com os valores-notícia.

Os valores-notícia de construção dizem respeito aos critérios incluídos na elaboração da notícia. Entre eles temos o valor-notícia da *simplificação* e o da *amplificação*. O primeiro é relacionado à obrigatoriedade do jornalista escrever de maneira compreensível, o que reduz a possibilidade de ambiguidades, e o segundo é relacionado à noção de clareza: amplificar o acontecimento para que seja notado.

A *relevância* é um valor-notícia de construção. Trata-se de um ou mais argumentos que podem ser trabalhados pelo jornalista no corpo da notícia para que o leitor compreenda a importância de ler sobre aquele acontecimento: “A poluição do Mar Báltico torna-se relevante para os portugueses pelo fato de uma porcentagem grande do bacalhau que é consumido em Portugal ser pescado nesse mar” (TRAQUINA, 2005, p.92). A *personalização* é um valor-notícia importante pelo fato do leitor destinar a atenção a elementos que podem trazer familiaridade a ele, valorizando as pessoas envolvidas. A *dramatização* é um aspecto enriquecedor dentro da narrativa jornalística, pois reforça aspectos emocionais, evidenciam a natureza conflitual do fato. Por último, a *consonância* contextualiza a notícia dentro de uma narrativa já conhecida, o que pode proporcionar mais visibilidade aos novos fatos devido ao conhecimento prévio dos elementos já narrados.

### 3.2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Neste momento passaremos por mais alguns elementos da imprensa brasileira, que possui seus hábitos parodiados pelo *Sensacionalista*. A maneira de escrever e abordar os assuntos nos jornais é aqui entendida como linguagem jornalística.

Para melhor compreensão da linguagem, passaremos brevemente pela classificação dos gêneros jornalísticos, pois ela nos auxilia a compreender melhor a maneira de escrever as notícias dentro da estrutura jornalística que possuímos hoje. A linguagem é elemento que se encaixa na característica estrutural dos textos nos periódicos. Marques de Melo (2009) traz cinco gêneros: informativo (inclui nota, notícia, reportagem, entrevista); opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica); interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê); diversional (história de interesse humano, história colorida) e utilitário (indicador, cotação, roteiro, serviço). Tal separação dos gêneros não inclui as *fake news*.

Segundo Marques de Melo e Assis (2016, p.50), dentro desta classificação consideram-se hegemônicos os gêneros informativo (século VXII) e opinativo (século XVIII) e os demais complementares, legitimados no século XX.

Os gêneros são definidos pela aptidão para agrupar diferentes formatos e pela sua função social, associando-se ao informativo a função de vigilância social; ao opinativo fórum de ideias; ao interpretativo papel esclarecedor; ao diversional a distração e o lazer e finalmente ao utilitário o auxílio nas tomadas de decisões cotidianas (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p.49). Cada um agrega os elementos de linguagem necessários para que atinjam

tal função. Verificamos nos gêneros opinativo e diversional maior afinidade com o tema da pesquisa, já que falamos de humor. Tal aproximação acontece pela leveza na linguagem e estrutura diferenciada, como, por exemplo, no diversional: “O que se busca não é ignorar as perguntas do *lead*, mas, sim, respondê-las de maneira mais atraente, adicionando-lhes elementos capazes de respondê-las e, de quebra, transformar o que está contando em peça jornalística interessante, atraente, com estilo” (ASSIS, 2016, p.151).

Existem algumas regras convencionadas ao longo da história da imprensa e é justamente este modo de escrever que o *Sensacionalista* vem parodiar. No Brasil, a padronização do estilo jornalístico começa nos anos 1950. Devemos considerar a solidez desta normatização para que compreendamos a familiaridade com que o leitor acessa um conteúdo que parodia este modo de narrar. A narrativa jornalística agrega elementos que fazem com que a identifiquemos facilmente.

Os stylebooks, ou livros de normas de redação, surgiram no Brasil em meados da década de 50. Atendiam, por um lado, à necessidade de generalizar procedimentos de técnica de redação que estavam sendo adaptados de modelos estrangeiros; de outro, à ausência de critérios estabelecidos para a solução de muitos problemas ortográficos, desde o uso de maiúsculas até a grafia de nomes originalmente escritos com ideogramas ou em alfabeto não-latino: chinês, japonês, russo, hebraico, árabe, etc (LAGE, 1998, p.50).

O ato de narrar acontecimentos reais requer do jornalismo especificidades em sua linguagem, para que se alcance a noção do tempo atual. A credibilidade daquele material é muitas vezes auxiliada por composições textuais. Há certo cuidado, entre outros, na utilização dos verbos que compõem o texto informativo, diferentemente das demais narrativas.

O texto narrativo origina-se do épico grego (por exemplo, o relato do périplo de Ulisses pelas ilhas do Mediterrâneo). É organizado em sequências, que correspondem a sucessões de fatos [...] O que caracteriza cada um desses períodos (dessas sequências) é a sucessão de verbos de ação: quando se reportam ao mundo real, eles estão no modo indicativo, que corresponde à série cronológica dos eventos; quando se referem a mundos possíveis, precedidos de alguns verbos proposicionais (duvidar, temer, etc.), estão no modo subjuntivo. [...]. Ao narrar eventos no momento em que acontecem (ao vivo, no rádio ou na TV), se usará então o presente do indicativo (“a rainha desce do avião e se dirige para a guarda de honra ...”). O presente é um tempo versátil: pode-se, em certas circunstâncias, narrar no presente fatos do passado (o que se chama de presente histórico) e é comum usar o presente pelo futuro (LAGE, 1998, p.51).

Além da especificidade quanto à utilização dos verbos, temos pré-estabelecido o posicionamento das informações num texto jornalístico. Ele se dá de maneira que as

informações que situem o leitor quanto às perguntas “quê?”, “quem”, “onde”, “por quê”, “como?” e “quando?” estejam incluídas no *lead*<sup>27</sup>.

A notícia parte do aspecto mais relevante da informação. O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso; é tipicamente um parágrafo-tópico, que se inicia pela sentença-tópico. A origem do *lead* não está relacionada à tradição literária – ao épico, ao lírico, ao trágico, ao dialético – mas ao uso oral, isto é, à maneira como, numa conversação, alguém relata algo a que assistiu. Sua natureza é pragmática, ou seja, relacionada às condições da comunicação e à intenção de torná-la eficaz (LAGE, 1998, p.74).

Sodré (2009) assinala uma codificação da produção midiática que rege o ato de noticiar até o inusitado: “mesmo com a possibilidade de um evento inesperado qualquer transgrida a ordem do enquadramento, [os fatos] são relatados ou transmitidas ao vivo a partir de uma gramática de antecipações logotécnicas [...] destinada a produzir uma narrativa” (SODRÉ, 2009, p.73). O autor destaca ainda a possibilidade de um evento não esperado ser ignorado na produção noticiosa: é preciso haver uma possibilidade de narrativa. “Não é, portanto, qualquer choque ou ruptura que pode gerar um valor-notícia, e sim aquele previamente codificado pela rotina do sistema informativo como uma inscrição potencial junto ao público-leitor” (SODRÉ, 2009, p.75-76). Existe uma familiaridade na experiência do leitor como espectador dos fatos.

Às vezes, o acontecimento torna-se marcado por uma analogia com narrativas já testadas em outros meios de comunicação. Por exemplo, “o holandês Cherynel Gregório, de 36 anos, está vivendo os momentos mais estranhos da vida. Sem dinheiro para pagar uma taxa de embarque que custava 45 euros (cerca de R\$ 135), ele não pôde embarcar de volta para Amsterdam e há cerca de 15 dias está morando no Aeroporto Internacional de Fortaleza, depois de ter passado oito dias de férias na cidade” (*O Globo*, 15/10/2004). Assim começa uma longa notícia em muito semelhante a *O Terminal*, filme de Steven Spielberg, que narra a história de um viajante retido por problemas de passaporte num aeroporto americano. O filme, por sua vez, teria sido inspirado pela situação real de um iraniano que estaria vivendo há anos no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris (SODRÉ, 2003, p.78).

Esta ruptura com a lógica natural das coisas – noticiada pelo seu potencial narrativo – pertence, ainda segundo Sodré (2003), a um gênero denominado pelos franceses como *fait-divers*. São temas que independem do tempo e sempre despertarão interesse de um leitor mais atento justamente pela imprevisibilidade.

Se “homem morde pitbull” fosse um fato, portanto um acontecimento real, a notícia pertenceria ao gênero que os franceses chamam de *fait-divers*, os norte-americanos

<sup>27</sup> Primeiro parágrafo de uma notícia. É o principal, onde se deve ter o resumo da notícia e prender o leitor. É constituído, como se chama em jornalismo, pela chamada pirâmide invertida. Deve responder as perguntas: o quê, quem, quando, como, onde, por quê. Disponível em: <<http://pdi.ifsc.edu.br/wp-content/blogs.dir/2/files/gloss%C3%A1rio-imprensa.pdf>>. Acesso em: 24/07/2018.

incluem no genérico *feature*, e os espanhóis assimilam a sucesso, ou seja, uma notícia caracterizada por uma micronarrativa fechada sobre si mesma, mobilizadora da ideia de destino (ao invés de história) e intemporal, no sentido de que pode despertar o interesse do leitor em qualquer época. O *fait-divers* é tão só uma potência elevada da narratividade existente de modo germinal na notícia comum, o que equivale a dizer, com maior potencial de aguçamento da percepção do leitor. Os mesmos critérios de narratividade são aplicáveis à fotografia jornalística, particularmente o flagrante, em que parece “explodir” diante da percepção do leitor da literalidade do acontecimento (SODRÉ, 2003, p. 78-79).

O *Sensacionalista* imita essas convenções de maneira a nos mostrar que não é difícil produzir uma notícia se forem empregados alguns elementos pré-estabelecidos, o que desconstrói a dicotomia entre informação e desinformação.

### 3.3 A NARRATIVA DO *IMPEACHMENT* NAS NOTÍCIAS REAIS

A pesquisa se volta neste momento para a abordagem da cobertura jornalística online sobre os episódios de interesse como maneira de trazer a sequência de fatos documentada sobre o impeachment de Dilma Rousseff. A pesquisa do conteúdo jornalístico levou em conta os grupos mais lidos no Brasil de acordo com dados<sup>28</sup> da Associação Nacional de Jornais (ANJ). A escolha dos momentos a serem trazidos também vai de acordo com a abordagem dos temas do *Sensacionalista*, a serem expostos mais adiante, de maneira que alguns episódios foram encontrados com maiores detalhes em artigos de opinião ou por portais de notícia. Desta forma as notícias falsas determinaram a junção dos fatos aqui apresentados justamente para proporcionar um painel de fundo com elementos reais noticiados. Outro ponto a destacar seria a pesquisa online. Passemos às notícias e trechos de interesse.

Em 15 de dezembro de 2015 a notícia do *GI*<sup>29</sup> afirma que a rejeição do governo Dilma Rousseff atingia 70% de reprovação e 9% de aprovação, segundo o Ibope. A notícia contextualiza ainda sobre a ocorrência do processo de *impeachment* que já corria: “aberto há cerca de duas semanas pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB – RJ)”. Em 17 de março de 2016 a Câmara dos Deputados votou a Comissão Especial do *Impeachment*, composta por 65 integrantes “entre governistas e opositores” reunidos a fim de avaliar “o pedido de impeachment por crime de responsabilidade apresentados pelos juristas

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/governo-dilma-tem-aprovacao-de-9-ereprovacao-de-70-diz-ibope.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

Hélio Bicudo, Miguel Reale Jr. e Janaína Paschoal”, segundo a *Época*<sup>30</sup>. A notícia prevê os próximos passos: “Os deputados que integram a comissão lerão o parecer do Tribunal de Contas da União (TCU) sobre as pedaladas fiscais do governo Dilma, ouvirão a defesa da presidente e emitirão um parecer, favorável ou contrário ao *impeachment*”.

Em 15 de abril de 2016 – 3 dias antes da votação sobre o andamento do processo de *impeachment* na Câmara de Deputados e aproximadamente um mês depois do estabelecimento da comissão que gerou o relatório que serve de base para posicionamento dos Deputados – a *Folha de São Paulo*<sup>31</sup> afirma que o governo “decidiu recorrer ao STF (Supremo Tribunal Federal) para barrar o avanço do processo na Câmara”, sob a alegação de que “a sessão não deveria ser realizada porque o relatório da comissão especial da Câmara que discutiu o afastamento da petista e recomenda o recebimento da denúncia por crime de responsabilidade teria ultrapassado o teor das acusações, citando questões estranhas, como delação da Lava Jato, e portanto, ferindo o amplo direito de defesa”. Em negativa ao pedido e ainda segundo a notícia “os ministros entenderam, no entanto, que cabe ao Plenário da Câmara analisar a denúncia original e não o relatório da comissão. Portanto, os deputados devem avaliar suspeitas de crime de responsabilidade, relacionados às chamadas pedaladas fiscais e aos decretos que ampliaram os gastos federais em R\$ 3 bilhões, sem considerar a Lava Jato”. Tal pedido foi negado:

Para os ministros, não houve irregularidade na fase inicial do processo. Votaram para negar a liminar (decisão provisória) para cancelar a sessão: os ministros Edson Fachin, Luís Roberto Barroso, Luiz Fux, Rosa Weber, Teori Zavascki, Cármen Lúcia e Gilmar Mendes. Relator do caso, Fachin defendeu que a denúncia original é que vai ser analisada pelo plenário da Câmara e não exatamente o relatório da comissão especial, que é questionada pelo Supremo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

No mesmo dia da notícia anterior, o foco de outra publicação da *Folha*<sup>32</sup> é a busca de apoio do governo Dilma e as variações nos posicionamentos de deputados e seus partidos. O conteúdo informativo descreve alguns momentos do dia da então presidente: “No gabinete presidencial, recebeu parlamentares da Bahia, Maranhão, Ceará e Paraíba, levados ao Palácio do Planalto a partir de articulação comandada pelos governadores destes Estados. Entre eles, esteve com a petista o vice-presidente da Câmara dos Deputados Waldir Maranhão (PP-MA),

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/entenda-o-processo-de-impeachment-da-presidente-dilma.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1761166-relator-nega-suspeder-impeachment-e-mantem-votacao-no-domingo.shtml>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1761572-governo-faz-ultima-ofensiva-para-tentar-barrar-impeachment.shtml>>. Acesso em: 09/05/2018.

que anunciou que votará contra o *impeachment*. Aliado ao presidente da Casa, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), o parlamentar maranhense havia declarado anteriormente posição favorável ao afastamento da petista e mudou de lado depois que seu adversário local, o ex-presidente José Sarney, passou a atuar contra Dilma. [...] À *Folha* o governador do Maranhão, Flávio Dino (PC do B), disse que o Deputado Waldir Maranhão atendeu a um apelo político pessoal seu. “Ele deve levar uns dez votos do PP para a posição contrária ao *impeachment*”, afirmou Dino, que se encontrou com a presidente”. Traz-se à tona o clima de vulnerabilidade dos partidos sobre um momento tão caro à situação política do país. Sobre as ações partidárias, a notícia relata que “O comando do PMDB também decidiu agir para compensar os votos perdidos e passou a buscar votos dos deputados ainda considerados indecisos. Em outros partidos como o PSB e PSD, há movimento para aumentar o número de abstenções e impedir a aprovação da saída de Dilma”. “[...] Diante da decisão da maioria dos deputados do PSD de votar a favor do impeachment, o principal líder do partido, Gilberto Kassab, pediu demissão do cargo de ministro das Cidades”.

O clima de incerteza e desordem parecia imperar. Em 17 de abril de 2016 o *Último Segundo*<sup>33</sup> trouxe a cobertura da sessão mais longa da história da Casa Legislativa, que se tratava de um evento anterior à votação na Câmara de Deputados: “Após 43 horas de debate ininterrupto, terminou às 3h42 deste domingo (17) a 9ª e última sessão consecutiva sobre o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara, antes da reunião em plenária que votará a admissibilidade do processo contra a petista, que foi convocada para as 14h”. A notícia traz ainda um resumo dos acontecimentos do evento: “Os discursos avulsos foram intercalados entre governistas e opositores que tiveram, cada um, três minutos para falar. Alguns deputados que aguardavam a chamada para o pronunciamento tentavam se manter acordados a base de cafezinho ou refrigerante. ‘Estou esperando para falar há mais de 40 horas’, protestou o deputado Hildo Rocha” . O final da notícia se volta para prever como será o próximo evento: “Na sessão de votação das 14h, o primeiro a falar será o relator do pedido, deputado Jovair Arantes (PTB-GO), com 25 minutos de tempo. Em seguida, haverá o encaminhamento da votação pelas lideranças partidárias e, finalmente, a votação nominal e aberta. Cunha prevê que o resultado seja divulgado até as 21 horas”.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2016-04-17/apos-quase-43-horas-camara-encerra-sessao-que-antecede-votacao-do-impeachment.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

A notícia do *GI*<sup>34</sup> na mesma data, 17 de abril (dia da votação na Câmara de Deputados), relata como se deu o processo: Por 367 votos favoráveis e 137 contrários, a Câmara de Deputados aprovou às 23h47 deste domingo (17) a autorização para ter prosseguimento no Senado o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Houve abstenções e somente dois ausentes dentre os 513 deputados. A sessão durou 9 horas e 47 minutos; a votação, seis horas e dois minutos. Às 23h08, pouco mais de 40 minutos antes do fim da sessão, o voto do deputado Bruno Araújo (PSDB-PE) completou 342 necessários para a autorização do processo. Deputados pró-*impeachment* apontaram injustiça contra a presidente. Prevê-se ainda as etapas seguintes do processo: “O processo agora deve ser entregue ao Senado nesta segunda-feira (18), para começar a tramitar na Casa. Os senadores poderão manter a decisão dos deputados e instaurar o processo ou arquivar as investigações, sem analisar o mérito das denúncias”.

Demais notícias trouxeram o clima caótico que se deu no ambiente de votação da Câmara. Segundo a *BBC Brasil*<sup>35</sup>, “Em seu discurso antes do início da votação, o deputado Paulinho da Força (SD-SP) usou a tribuna para liderar um coro de parlamentares pró-*impeachment* em uma paródia da canção *Para não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré: *Dilma vai embora que o Brasil não quer você e leve o Lula junto e os vagabundos do PT*, cantou enquanto um colega a seu lado fazia uma chuva de papel picado”. Mais adiante nesta mesma matéria intitulada “Cusparada de Jean Wyllys e outros 12 momentos marcantes da votação do *impeachment*”, temos o relato de uma renúncia de presidência de partido: “ao declarar seu voto a favor do afastamento de Dilma, o deputado Alfredo Nascimento (PR-AM) renunciou à presidência nacional do PR, partido que havia instruído seus correligionários a votarem contra o *impeachment*. A decisão causou surpresa no plenário”. Seguindo a lista de “momentos marcantes”: “Ao proferir seu voto pelo *impeachment*, o presidente da Câmara foi, primeiro, vaiado e, logo em seguida, aplaudido. Seu discurso ao votar foi um dos mais breves: “Que Deus tenha misericórdia desta nação”. Ao longo do evento, a ditadura militar e o golpe de 1964 foram reverenciados: “Sem preocupações com o golpe de 64, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP) e seu pai Jair Bolsonaro (PSC-RJ) dedicaram seus votos pelo *impeachment* aos militares que destituíram João Goulart há 52 anos.” Ainda segundo a matéria, a paz em Jerusalém também foi referida: “Discursando pelo PROS, o deputado Ronaldo Fonseca (DF) disse que o discurso de que o *impeachment* seria “golpe” não passa de

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/camara-aprova-prosseguimento-do-processo-de-impeachment-no-senado.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>35</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417\\_momentos\\_marcantes\\_impeachment\\_ru](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417_momentos_marcantes_impeachment_ru)>. Acesso em: 09/05/2018.

“diarreia verbal”. Coordenador da Bancada da Assembleia de Deus na Câmara, ao anunciar seu voto, Fonseca mostrou preocupação pelo conflito no Oriente Médio. “Sem medo de ter esperança e com a convicção de que a Constituição Federal ampara essa sessão. Pela paz em Jerusalém, eu voto sim”, disse. Entre outros episódios, temos a ação do deputado Jean Wyllys que dá nome à matéria: O deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) cuspiu em direção ao deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) após declarar seu voto contrário à abertura do processo de *impeachment* de Dilma. Ele justificou a atitude de ter sido insultado e agarrado pelo colega. “Ele merece, cuspiria na cara dele quantas vezes eu quisesse”, afirmou Wyllys. Bolsonaro disse que só “30% do cuspe o atingiu”.

Atenuando o clima de instabilidade e dando sequência aos episódios narrados pelos jornais brasileiros, temos em 9 de maio de 2016 a notícia de que o presidente interino da Câmara de Deputados anulou a decisão da Câmara sobre o *impeachment*, segundo notícia da *EBC*<sup>36</sup>: Com a aprovação na Câmara, o processo seguiu para o Senado. Waldir Maranhão já solicitou ao presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), a devolução dos autos do processo. O presidente interino da Câmara determinou nova sessão para votação do processo de *impeachment* na Casa, a contar de cinco sessões a partir de hoje (9). Para tal decisão, houve argumentação do advogado-geral da União José Eduardo Cardozo a respeito de vícios do processo, segundo o texto: Ele considerou que os partidos políticos não poderiam ter fechado questão ou orientado as bancadas a votarem de um jeito ou de outro sobre o processo de *impeachment*, “uma vez que, no caso, [os deputados] deveriam votar de acordo com suas convicções pessoais e livremente”, diz nota do presidente interino divulgada à imprensa. Maranhão também considera que os deputados não poderiam ter anunciado publicamente os votos antes da votação em plenário em declarações dadas à imprensa. “Considerou ainda que o resultado da votação deveria ter sido formalizado por resolução, como define o Regimento Interno da Casa”.

Em 10 de maio de 2016, um dia antes da votação no Senado a notícia do *GI*<sup>37</sup> a vulnerabilidade da decisão de Waldir Maranhão em anular o processo de *impeachment*:

A oposição ameaça boicotar as sessões da Câmara enquanto o deputado Waldir Maranhão, do PP, continuar na presidência da casa. Nesta segunda-feira (9), Maranhão suspendeu o processo de *impeachment* da presidente Dilma, mas depois voltou atrás e anulou a decisão. [...] Cercado de seguranças, Maranhão seguiu até a sala da vice-presidência sem falar. O presidente interino ontem mesmo voltou atrás da decisão. Passava da meia-noite quando Waldir Maranhão anulou um ato dele

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-05/waldir-maranhao-anula-votacao-do-impeachment-na-camara>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/05/waldir-maranhao-desiste-da-decisao-de-anular-processo-de-impeachment.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

mesmo que cancelava a votação do pedido de afastamento da presidente Dilma. A decisão durou menos de 12 horas.

Na mesma data (10 de maio de 2016) temos ainda a votação no Senado sobre a cassação do mandato de Delcídio Amaral, senador que no momento se encontrava sem partido. Preso em novembro de 2015, segundo notícia do *GI*<sup>38</sup>, “por quebra de decoro parlamentar – por ter tentado obstruir investigações da Lava Jato. No julgamento, faltou à sessão. [...] Ele teve o mandato cassado pela quase unanimidade de senadores em plenário, expressivos 74 votos a favor e apenas uma abstenção. Não recebeu o apoio de nenhum colega. Com a cassação, Delcídio perde o foro privilegiado”. Ainda segundo a notícia “A cassação de Delcídio foi o evento necessário para que nesta quarta-feira o plenário do Senado vote o *impeachment* de Dilma Rousseff. Uma coisa se liga a outra”. E mais: “Delcídio do Amaral era um senador especialmente ligado à Dilma Rousseff quando ministra na era Lula e depois na presidência da República. Considerado um novo petista, com plumagem Tucana”.

Em 11 de maio de 2016, dia da votação no Senado Federal, o *GI* prevê basicamente como funcionará a dinâmica governamental, dependendo do resultado: “Se o parecer a favor da abertura foi aprovado por maioria simples, Dilma é afastada do cargo por 180 dias e o vice, Michel Temer, assume a Presidência da República”.

Em 12 de maio, dia seguinte ao evento, a *BBC*<sup>39</sup> Brasil enumerou “9 momentos que marcaram a votação do impeachment no Senado”. Em resumo, um item reunia o roteiro do evento: A sessão, que começou na manhã de quarta-feira, só foi encerrada às 6h34 da manhã de quinta-feira. “Cada um dos 71 senadores inscritos discursou por 15 minutos [...] Muitos senadores passaram a madrugada no plenário, acompanhando os discursos dos colegas”. Segundo a *BBC*, “O último a falar foi Raimundo Lira (PMDB-PB) que presidiu a Comissão do *Impeachment*. Durante os discursos, 50 se manifestaram pelo afastamento da presidente, 20 contra e um (Fernando Collor) não adiantou o voto”.

Comparada à votação anterior, os fatos trazidos eram menos “marcantes” que os da Câmara de Deputados. Dentre outros elementos, a lista inclui atraso: “estava marcado para 9h desta quarta-feira. No entanto, no horário agendado, nem metade dos senadores estavam no plenário. Antes de abrir a sessão, o presidente da Casa, Renan Calheiros, ainda falou aos jornalistas e só deu início aos trabalhos ‘sob a proteção de Deus’, conforme ele anunciou, às

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2016/05/senado-deve-votar-na-terca-10-se-cassa-o-mandato-de-delcidio-amaral.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

<sup>39</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511\\_momentos\\_votacao\\_senado\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511_momentos_votacao_senado_rm)>. Acesso em: 09/05/2018.

10 h, com uma hora de atraso. Renan prometeu duas pausas na sessão para almoço e jantar. A primeira aconteceu conforme previsto, pontualmente, às 12h30, quando depois de cinco discursos – dos 71 previstos –, a sessão foi interrompida. A volta deveria ter acontecido às 13h30 min, conforme havia prometido o presidente da Casa, mas acabou acontecendo apenas às 14h30 min, duas horas depois do início da pausa”.

Ainda segundo a matéria, “a sessão começou, porém, não com o início das falas dos 71 oradores inscritos para comentarem o processo de *impeachment* antes do voto, mas sim com uma série de pedidos de ‘questão de ordem’ vinda de setores governistas, numa tentativa de suspender a votação ou ao menos procrastiná-la”. A primeira a fazer o pedido foi Gleisi Hoffman, do PT. ‘Peço que suspenda a votação por esse Senado do pedido de *impeachment* até que haja manifestação do STF no mandado de segurança’, disse ela em referência ao pedido da Advocacia-Geral da União junto ao Supremo alegando que as atitudes do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Na condução do processo teriam sido motivadas por ‘vingança’ e ‘retaliação’ e, por isso, tornariam o processo ilegítimo. Outro pedido de questão de ordem veio de Lindbergh Farias, também do PT, que pediu a suspensão do processo de *impeachment* até que as contas da presidente de 2015 fossem votadas pelo TCU. Renan Calheiros não acatou nenhum dos pedidos, mas eles atrasaram o início efetivo da sessão em mais uma hora”. Sobre os votos e resultado: “Por volta das 6h30 o presidente da Casa, Renan Calheiros, abriu a votação e em menos de 3 minutos o resultado foi divulgado no painel: 55 senadores votaram a favor do processo, e 22 contra. Para seguir a diante, o *impeachment* precisava apenas de maioria simples no Senado. Calheiros, como presidente, não votou”.

Segundo o *Uol*<sup>40</sup>, “o clima no Senado foi de mais tranquilidade em relação ao dia em que a Câmara votou a admissibilidade do *impeachment*. Durante as longas horas de sessão, o aspecto era de um dia normal no Senado, sem faixas no Plenário, diferentemente da Câmara, onde havia com cartazes com dizeres ‘tchau, querida’ e deputados usando cachecóis com inscrições contra ou a favor do *impeachment*”. O texto narra também alguns eventos posteriores à votação: “Por volta das 11h da manhã, Dilma foi comunicada oficialmente sobre o afastamento e assinou a intimação no Planalto. Em seguida, Michel Temer (PMDB) foi notificado e assumiu a Presidência interinamente”. Consta a previsão do que poderá ocorrer futuramente: “Dilma fica oficialmente afastada do cargo por até 180 dias a partir da notificação da decisão do Senado. O processo no Senado, no entanto, pode acabar antes dos seis meses.”, e ainda “Se for considerada culpada, ela sai do cargo definitivamente e fica

---

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/12/senado-aprova-processo-de-impeachment-e-afasta-dilma-por-ate-180-dias.htm>>. Acesso em: 09/05/2018.

inelegível por oito anos (não pode ser candidata a nenhum cargo político). Temer será o presidente até o fim de 2018. Se for inocentada, volta à Presidência”.

Com folga do prazo de 180 dias, aproximadamente 3 meses depois, em 31 de agosto de 2016, ocorre a votação que decide o *impeachment* de Dilma Rouseff. Segundo o *GI*<sup>41</sup> “A pedido de senadores aliados de Dilma, o presidente do Supremo Tribunal federal (STF), ministro Ricardo Lewandowski, decidiu realizar duas votações no plenário”. A primeira “analisou apenas se a petista deveria perder o mandato de presidente da República”. Depois “os senadores apreciaram se Dilma devia ficar inelegível por oito anos a partir de 1º de janeiro de 2019 e impedida de exercer qualquer função pública”. Sobre o resultado, a notícia anuncia que “Na votação, 42 senadores se posicionaram favoravelmente à inabilitação para funções públicas e 36 contrariamente. Outros 3 senadores se abstiveram. Para que ela ficasse impedida de exercer cargos públicos, eram necessários 54 votos favoráveis”.

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>>. Acesso em: 09/05/2018.

#### 4. O SENSACIONALISTA

Como paródia, ironia e sátira às maneiras de noticiar convencionais, o jornal fictício denominado *Sensacionalista* vem, desde 2009, através da internet e de programa de televisão (já extinto), utilizando-se de figuras de linguagem como a hipérbole, a ironia e a metáfora na produção de notícias falsas que têm, no mínimo, um fundo de verdade. Este fundo de verdade vem de dados reais veiculados pelos jornais da imprensa brasileira. Para compreender o conteúdo humorístico a ser ironizado, satirizado e parodiado pelo jornal de mentiras, o leitor precisa estar, portanto, afinado às notícias atuais, já que tratam-se de *fake news*, ou seja, da “Narração de um evento que não ocorreu, mas com a presença de dados reais, tais como datas, locais, pessoas, declarações ou, até mesmo, dados científicos divulgados por outros veículos de comunicação de massa” (GERSON, 2012, p.4).

As notícias falsas (ou *fake news*) não tratam de uma novidade no cenário atual, pois sempre existiram: “Silva” (ARAUJO, 2016, p.1). O autor cita como um dos exemplos a “notícia” sobre uma invasão de marcianos nos Estados Unidos em *A Guerra dos Mundos*<sup>42</sup> em 1938. Como exemplo atual para que possamos ilustrar a abrangência do fenômeno no âmbito político brasileiro temos a notícia do dia 24/04/2018 do *Uol Notícias*<sup>43</sup> intitulada “Se resultado da eleição for fruto de *fake news*, pode ser anulado, diz Fux”, sobre alerta do ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil (STF) a respeito das iniciativas governamentais nas eleições do presente ano: “O ministro reforçou que o Tribunal formou comitês de inteligência de imprensa para acompanhar o processo eleitoral com foco na disseminação de notícias falsas”.

Nos dias de hoje, com o acesso à internet e ainda na lógica de compartilhamento de conteúdos (elementos que falaremos mais adiante) temos uma abrangência mais rápida e sem limites físicos destes. Tal fator faz com que as notícias falsas possam influenciar o cenário da opinião pública num espaço curto de tempo. Em contrapartida devemos considerar que a checagem destas mesmas *fake news* é também facilitada pela *web*, um alerta sobre nossos níveis de interesse sobre uma versão da história ou outra.

<sup>42</sup> “No dia 30 de outubro de 1938, um programa de rádio simulando uma invasão extraterrestre desencadeou pânico na costa leste dos Estados Unidos. [...] “A notícia em edição extraordinária”, na verdade, era o começo de uma peça de radioteatro, que não só ajudou a CBS a bater a emissora concorrente (NBC), como também desencadeou pânico em várias cidades norte-americanas. “A invasão dos marcianos” durou apenas uma hora, mas marcou definitivamente a história do rádio”.

Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>>. Acesso em: 06/06/2018.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/04/24/se-resultado-da-eleicao-for-fruto-de-fake-news-pode-ser-anulado-diz-fux.htm>>. Acesso em: 06/06/2018.

Sendo assim, em um primeiro momento é possível afirmar que existe um senso comum que parece concordar e mesmo produzir uma generalização de que vivemos a era da *Fake News* por causa da internet, o que permite a muitos afirmar que a internet é a grande produtora de *Fake News*, ou, que são os sujeitos usuários das mídias sociais digitais os responsáveis pelas *Fake News*. Por outro lado, é também com a internet que surgem os sites e mecanismos que permitem checar a “veracidade” dos fatos e notícias que circulam não só na internet, mas em outros meios ou veículos de informação. Isso indica que a fonte produtora de notícias falsas não é algo que se possa generalizar, atribuindo a responsabilidade à “internet”, mas que ela pode advir de variados meios e sujeitos (ADORNO; SILVEIRA, 2017, p.1).

A respeito deste compartilhamento, Adorno e Silveira (2017) afirmam que ele é mais significativo do que a própria produção do conteúdo que agrega falsas informações, já que compartilhar significa legitimar. Ou seja, quanto mais circular uma *fake news*, mais legítima ela se torna.

O *Sensacionalista* é um site que veicula *fake news* declaradamente através de elementos gráficos e do próprio nome apelativo, que tem como foco o humor por meio da crítica. O *Sensacionalista* se encaixa em meio aos “grandes influenciadores do que temos como humor na imprensa hoje”, segundo Pimentel (2004, p.18), que ainda o classifica como herdeiro das influências de produções humorísticas “que despontaram nos anos 60, envolvidos em publicações como *O Cruzeiro*, sobretudo o precoce Millôr<sup>44</sup>, [...] pelo menos quatro nomes inovadores: Ziraldo<sup>45</sup>, Jaguar<sup>46</sup>, Fortuna<sup>47</sup> e Claudius<sup>48</sup>”, artistas que deram

<sup>44</sup> Millôr Fernandes (1923-2012) foi um desenhista, humorista, tradutor, escritor e dramaturgo brasileiro. Era um artista com múltiplas funções e atividades. Escreveu nas revistas "O Cruzeiro" e "O Pasquim". Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/millor\\_fernandes/](https://www.ebiografia.com/millor_fernandes/)>. Acesso em: 26/07/2018.

<sup>45</sup> Ziraldo Alves Pinto (1932) é um cartunista, desenhista, jornalista, cronista, chargista, pintor e dramaturgo brasileiro. É o criador do personagem de quadrinhos infantil “O Menino Maluquinho”. Foi um dos fundadores da revista humorística “O Pasquim”. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/ziraldo/>>. Acesso em: 26/08/2018.

<sup>46</sup> Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe (Rio de Janeiro, 1932) é caricaturista, ilustrador, desenhista, jornalista e cronista. Inicia sua carreira como cartunista em 1957 na página de humor da revista Manchete. É um dos fundadores da famosa Banda de Ipanema, inaugurada no primeiro carnaval pós golpe militar de 1964, e que congregava jornalistas, escritores, cineastas, atores, músicos, artistas plásticos e cartunistas. Funda em 1969 o semanário carioca *O Pasquim*, ao lado de Millôr Fernandes, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Henfil, Paulo Francis, Ziraldo, entre outros. Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Jaguar%20-%20S%20Ergio%20de%20Magalh%20E3es%20Gomes%20Jaguaribe/>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>47</sup> Reginaldo José de Azevedo Fortuna (1931-1994) nasce em São Luís-Maranhão. Caricaturista e jornalista, muda-se para o Rio de Janeiro em 1947, onde inicia sua carreira publicando trabalhos nas revistas infantis *Sesinho*, *Vida Infantil*, *Vida Juvenil* e *Tico-Tico*. Depois de dirigir a equipe editorial da *Enciclopédia Barsa*, integra, em 1969, o grupo de fundadores do jornal *O Pasquim*. Trabalhou posteriormente na Folha de São Paulo, na revista *Careta* e publicou livros como *Acho Tudo muito estranho* (Já o Prof. Reginaldo, Não). Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11236/fortuna>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>48</sup> Claudius Sylvius Petrus Cecon nasceu em Garibaldi, Rio Grande do Sul em 1937. Arquiteto, designer, desenhista, ilustrador e cartunista. Trabalhou no *O Cruzeiro* em 1954 e três anos mais tarde faz caricaturas para o *Jornal do Brasil*. No início da década de 1960, cursa desenho industrial na Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, trabalha na revista *Pif-paf*. Passa a integrar, em 1969, a equipe do jornal *O Pasquim*. Exila-se em Genebra após ser preso pelo regime militar brasileiro em Genebra, onde tem

origem, entre outros integrantes, ao “*O Pasquim*, a publicação de humor e de ideias mais importante do Brasil até os dias de hoje” (PIMENTEL, 2004, p.37). O autor contextualiza o surgimento do tabloide, sem poupar elogios:

Em junho de 1969 vivíamos em plena vigência do AI-5, a imprensa falava baixo, a polícia interrompia carreiras de peças teatrais e censurava livros, quando um grupo de jornalistas dos mais criativos [...] resolveu lançar um tablóide (durante cinco meses, de dezembro de 1981 a março de 1982, viveu a curta experiência de ter o formato *standard*) de ideias, humor, entrevistas e discussões. No dia 26 daquele mês, chegou às bancas de todo o país *O Pasquim*, uma das mais revolucionárias experiências do jornalismo brasileiro (PIMENTEL, 2004, p.37-38).

O *Sensacionalista* surge da influência de dois produtos: a *Casseta Popular* do Rio de Janeiro, uma revista fictícia impressa e distribuída pelos alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Beto Silva<sup>49</sup>, Hélio de La Peña<sup>50</sup>, Marcelo Madureira<sup>51</sup> e Bussunda<sup>52</sup>; e o *Planeta Diário*, formado por colegas de *Pasquim* Hubert<sup>53</sup>, Reinaldo<sup>54</sup> e Claudio Manoel<sup>55</sup>.

---

contato com o educador Paulo Freire, o Instituto de Ação Cultural (Idac), por meio do qual trabalhava em projetos de alfabetização em países africanos de língua portuguesa até 1975.

<sup>49</sup> Nascido em 8 de fevereiro de 1960, Roberto Adler descobriu na faculdade o talento para o humor. Ele cursava engenharia de produção na UFRJ e conheceu Marcelo Madureira e Hélio de la Peña. Juntos decidiram criar um jornal de humor, o *Casseta Popular*, uma brincadeira com a *Gazeta Popular*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/beto-silva/beto-silva-trajetoria.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>50</sup> Hélio Antonio do Couto Filho, nasceu em 18 de junho de 1959, na Vila da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. Mas ficou conhecido mesmo como Hélio de La Peña. Hélio ingressou em 1978 na faculdade de Engenharia de Produção na UFRJ, dando origem anos mais tarde ao *Casseta Popular* junto com Marcelo Madureira, Beto Silva e Claudio Manoel e mais tarde ao grupo *Casseta & Planeta*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/helio-de-la-pena.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>51</sup> Marcelo Garmatter Barreto, nascido em 24 de maio de 1958, é um daqueles sujeitos que perdem o amigo, mas não perdem a piada. Durante a faculdade de Engenharia na UFRJ foi um dos fundadores da *Casseta Popular* em 1978. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/marcelo-madureira.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>52</sup> Claudio Besserman Vianna nasceu em 25 de junho de 1962, no Rio de Janeiro. Aos 18 anos, Bussunda – apelido que ganhou quando criança e que adotou pelo resto da vida – dedicou-se à militância. Em 1980, Bussunda trocou o PCB pelo diretório da Faculdade de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). No primeiro ano de curso, fundou a chapa batizada de “Overdose, Esfaqueie sua Mãe”, e começou a colaborar com os amigos escrevendo a *Casseta Popular*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/bussunda.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>53</sup> O arquiteto, cartunista, redator, colunista e redator Hubert de Carvalho Aranha, nascido em 1959 começou a trabalhar como cartunista aos 14 anos quando um amigo, filho de jornalista o ajudou a chegar ao *Pasquim*. No jornal teve contato com Reinaldo, estreando ambos na mesma edição. Nasce no *Pasquim* a ideia de criação do *Planeta Diário* com o também integrante do jornal Reinaldo. Disponível em: <<http://memoria.globo.globo.com/perfis/talentos/hubert.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>54</sup> Nascido em 3 de novembro de 1951, Reinaldo Batista Figueiredo estudou até o ensino básico e despontou cedo para o chamado “profissional multimídia”. Trabalhou em jornal, fez música e desenho. Tudo ao mesmo tempo. Sua ida para o *Pasquim* foi incentivada pelos irmãos: eles sugeriram que Reinaldo levasse seus cartuns até o jornal. Quando fundou o *Planeta*, Reinaldo ainda estava no *Pasquim* e fazia charges para a *Tribuna da Imprensa*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/reinaldo/reinaldo-trajetoria.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>55</sup> Claudio Manuel Mascarenhas Pimentel dos Santos nasceu em 25 de dezembro de 1958. Cursou o Colégio de Aplicação da UFRJ, onde conheceu Bussunda e Marcelo Madureira. Em 1980 Claudio e Bussunda foram convidados a fazer parte do jornalzinho *Casseta Popular*, que havia sido criado anos antes por Marcelo Madureira, Beto Silva e Hélio De La Peña. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/claudio-manoel.htm>>. Acesso em: 20/07/2018.

Mais tarde se tornaria o programa de *Casseta e Planeta* da televisão. Anos depois, alguns integrantes da produção do programa originam o *Sensacionalista* como um programa de televisão no canal *Multishow*, um jornal de bancada que trazia notícias falsas e exageradas.

Diversas publicações nasceram e morreram, mas pelo menos quatro deram frutos duradouros: o jornal *Cometa Itabirano*, editado em Itabira (MG), o jornal e depois revista *PQP* (Pra Quem Pode), de Belém do Pará, a revista *Casseta e Planeta*, no Rio de Janeiro – que parou de circular em papel, mas transferiu seu humor e seus criadores para a televisão com programa de humor e seus criadores para a televisão com programa de enorme sucesso – e o resistente, debochado e pequeno (no formato) *Papa-fígado*, editado no Recife (PE) (PIMENTEL, 2004, p.37-38).

Há nove anos a equipe do *Sensacionalista* vem trazendo falsas notícias através de seu site<sup>56</sup>, programa de televisão (5 temporadas, de 2011 a 2014), e de redes sociais como *Fan Page* no *Facebook*<sup>57</sup> (hoje com cerca 3,3 milhões de curtidas), página no *Twitter*<sup>58</sup> (1,64 milhões de seguidores) e canal no *YouTube*<sup>59</sup> (53.807 mil seguidores). Originalmente composto pelos integrantes Nelito Fernandes<sup>60</sup> (pseudônimo de Otileno Junior), Marcelo Zorzanelli<sup>61</sup> (Marcelo Z.), Martha Mendonça<sup>62</sup> (pseudônimo de Desiree Aparecida) e Leonardo Lanna<sup>63</sup>, o time vem proporcionando o riso inspirados no pioneiro norte-americano *The Onion*<sup>64</sup>. O *Sensacionalista* não é atividade principal de nenhum dos membros de sua equipe, mas tomou proporções bastante significativas de repercussão, inclusive no período de inconstâncias no cenário político brasileiro, segundo matéria<sup>65</sup> da *Época* no ano de 2016: “Para quem não se furta (sem piadas) a gargalhar da situação em que se encontra o país, o site *Sensacionalista* é o pior refúgio. No terreno fértil da crise, a audiência do site saltou de 5 mil

<sup>56</sup> Disponível em: <[www.sensacionalista.com.br](http://www.sensacionalista.com.br)>. Acesso em: 06/06/2018

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/sensacionalista/>>. Acesso em: 06/06/2018.

<sup>58</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/sensacionalista>>. Acesso em: 06/06/2018.

<sup>59</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCmuU\\_Z9R1Igoj09a50fi9iw](https://www.youtube.com/channel/UCmuU_Z9R1Igoj09a50fi9iw)>. Acesso em: 06/06/2018.

<sup>60</sup> Autor na Rede *Globo*, jornalista e humorista brasileiro. Nelito é o criador do site *Sensacionalista*. Como repórter, trabalhou nas principais redações cariocas até desistir da profissão (mantendo o site) em 2013 e posteriormente, após outros projetos de trabalho, ser chamado para integrar o time de redatores da TV Globo.

<sup>61</sup> Jornalista, com passagens pelas revistas *Época*, *Viagem e Turismo*, *Alfa* e *TV Bandeirantes*. Um dos criadores e editor do site *Sensacionalista*. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/autor/marcelo-zorzanelli/>>. Acesso em: 20/04/2018.

<sup>62</sup> Marta Mendonça é jornalista e escritora feminista e lançou seu quarto livro sobre o tema, “Filhas de Eva”, no ano de 2016. Entrou no *Sensacionalista* no mesmo ano de criação do site (realizada por Nelito Fernandes) junto com Marcelo Zorzanelli.

<sup>63</sup> Leonardo Lanna é historiador, autor na Rede *Globo* e humorista brasileiro. Além de duas atividades do *Sensacionalista*, Leandro trabalha no *Tá no Ar*, programa da *Globo*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/carta-ao-leitor-o-humor-do-sensacionalista-agora-em-veja/>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>64</sup> Jornal satírico norte-americano que veicula notícias falsas desde 1988. Disponível em: <[http://www.slate.com/articles/technology/technology/2013/09/changes\\_at\\_the\\_onion\\_america\\_s\\_finet\\_news\\_source\\_adjusts\\_to\\_internet\\_speed.html](http://www.slate.com/articles/technology/technology/2013/09/changes_at_the_onion_america_s_finet_news_source_adjusts_to_internet_speed.html)>. Acesso em: 06/06/2018.

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/04/com-humor-que-nao-toma-partido-sensacionalista-vira-fenomeno-nas-redes-sociais.html>>. Acesso em: 20/07/2018.

visitas por dia, em outubro de 2014, para 300 mil agora”.

A paródia nos jornais de classe A e B (de maior poder aquisitivo) fica restrita às charges políticas, a um ou outro comentário humorístico eventual. A paródia ocupa um pequeno espaço nesses jornais sérios. Ela vai se caracterizar nos jornais marginais, nos semanários, em publicações não diárias. Assim, alguns jornais podem se especializar nesse tipo de linguagem parodística comentando o texto dos jornais sérios, debochando de um texto anterior, numa atividade intertextualizadora. Alguns jornais desse tipo não evitam parodiar-se a si mesmos nem se contra-dizer. A notícia aí se desvia tanto do fato ocorrido, deforma tanto a realidade, degrada de tal forma o original, que se situa no terreno da caricatura. É curioso e sintomático que os jornais parodísticos não sejam diários. Eles carecem que o texto a ser parodiado tenha sido publicado anteriormente ou tenha se acumulado na memória do leitor durante uma semana ou mais. Ele vive da notícia já consumida. Ele não dá o furo, ele debocha do furo ou valoriza um aspecto só do todo (SANT'ANNA, 1999, p.68-69).

Levando em conta a plataforma da internet atual e pensando no fator tempo como fator mais maleável com avanço das tecnologias, podemos reduzir o período citado pelo autor em minutos ou ainda horas. No caso do *Sensacionalista* a paródia ocorre na imitação às maneiras de noticiar convencionadas pela imprensa tradicional. Além disso, são muitas as características visuais. O site é organizado de forma a parecer um site de notícias tradicionais: dividido em editorias como *Home*, *País*, *Esporte*, *Entretenimento* e *Mundo* (figura 2). A fonte gráfica do título *Sensacionalista* é parecida com a do conhecido jornal norte-americano *The New York Times*<sup>66</sup> (figura 1). O slogan “isento de verdade” satiriza o hábito de utilização dos jornais não-fictícios, como “Um jornal a serviço do Brasil” da *Folha de São Paulo*, por exemplo. “Isento de verdade” tem um duplo sentido: o jornal é realmente isento; o jornal se isenta de dizer a verdade. Este slogan traz crítica à imprensa quanto aos rótulos de “isenta” e “verdadeira”. O *Sensacionalista* reproduz uma prática da imprensa, criticando este mesmo hábito como quem diz “nos demais slogans encontramos mentiras quanto à isenção e sobre a verdade” a partir desta sátira. A disposição dos conteúdos se dá a partir de uma manchete, imagem e texto da notícia.



FIGURA 1 – Logomarca e slogan do *Sensacionalista*  
 FONTE: [www.sensacionalista.com.br](http://www.sensacionalista.com.br)

<sup>66</sup> O *The New York Times* é um jornal que foi fundado no dia 18 de setembro de 1851, é publicado na cidade Nova Iorque e distribuído nos Estados Unidos e em muitos outros países. É propriedade da *The New York Times Company*, que também possui outras 40 publicações, incluindo o *International Herald Tribune* e o *Boston Globe*. O diário é afetuosamente chamado de a “Dama Cinza” (Gray Lady, em inglês) e é considerado por muitos o diário por excelência dos Estados Unidos e goza de grande reconhecimento a nível mundial. Disponível em: <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/e-fundado-o-new-york-times>>. Acesso em: 20/07/2018.

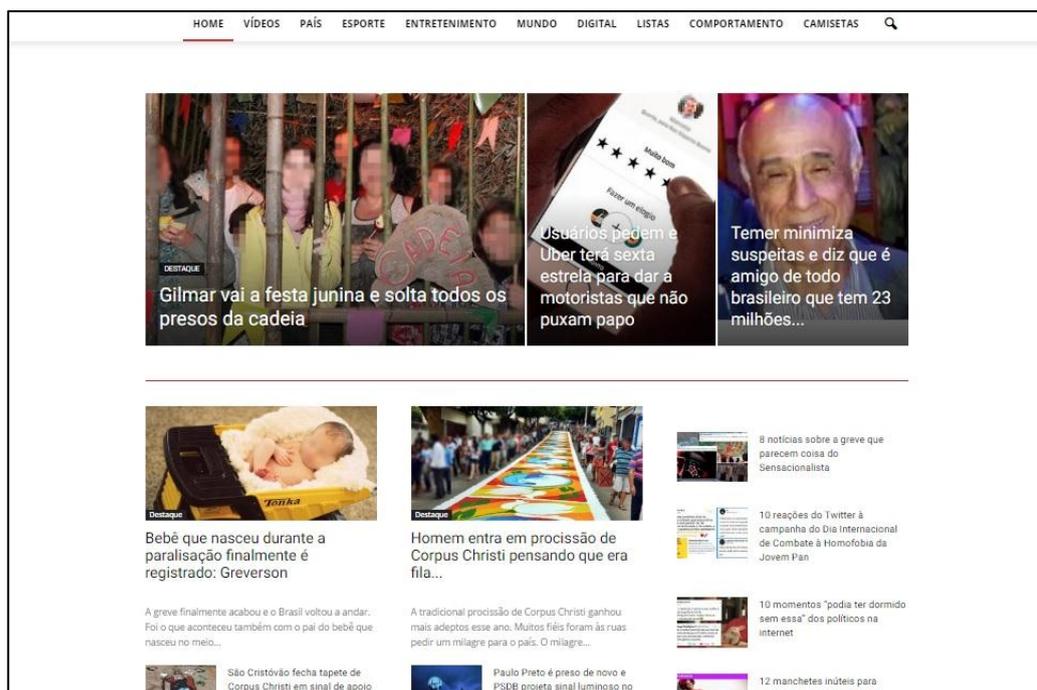


FIGURA 2 – Sessão *Home* do site *Sensacionalista*  
 FONTE: [www.sensacionalista.com.br](http://www.sensacionalista.com.br)

O aspecto de distinção do *Sensacionalista* seria a provocação do leitor quanto à veracidade dos jornais tradicionais, uma vez que as notícias falsas evidenciam o quanto é simples criar uma notícia repleta de mentiras. Esta crítica é feita sem palavras agressivas e muito menos menções diretas. A organização do conteúdo disposto no site do *Sensacionalista* não inclui as datas nas notícias, o que pode nos fazer pensar também sobre as possibilidades de edição em tempo real que observamos nos jornais convencionais, onde as notícias também não possuem mais temporalidade fixa.

#### 4.1 O HUMOR NA IMPRENSA

Comentada anteriormente, a onipresença do código humorístico descrita por Lipovetsky (2005) é fato atual, principalmente se considerarmos que a sociedade e a imprensa passam por modificações evolutivas concomitantes, como nos afirma Marques de Melo e Franciso de Assis (2016). Na imprensa verificamos destaque para o humor inicialmente dentro do gênero opinativo localizado nas caricaturas, “[...] que trazem em sua substância motivo para reflexões nem sempre superficiais” (LIMA 1963, p.25). Tais reflexões podem ou não proporcionar o riso, como discutiremos mais adiante, mas trazem a possibilidade desta reação. O humor e as críticas contidos no *Sensacionalista* sofrem forte influência do processo

evolutivo da imprensa, já que é espécie de subproduto das pautas e suas angulações abordadas nos jornais brasileiros. Neste momento a presente pesquisa se volta a alguns momentos históricos que colaboraram para a abordagem humorística no jornalismo brasileiro.

#### 4.1.1 Breve histórico

A fundação da Imprensa Régia em 1808 com a vinda da Família Real para o Brasil foi importante marco que trouxe autonomia na produção de conteúdo informativo local. Ao narrar o processo, Nelson Werneck Sodré (1999, p.10) afirma que a imprensa brasileira “nasceu com o capitalismo e acompanhou seu desenvolvimento”, alertando-nos quanto ao condicionamento imposto pela infraestrutura capitalista em relação à evolução dos jornais brasileiros, que inclusive justifica o interesse pela ausência desta imprensa até então, pois evidenciava uma forma de garantir o domínio colonial português. Segundo o mesmo autor, a imprensa no Brasil não existia antes deste fato por motivos de “ausência de condições materiais, ausência de capitalismo, ausência de burguesia” (SODRÉ, 1999, p.28).

Entre meados do século XVIII e XIX verificamos o surgimento do estilo panfletário, que agrega características interessantes dentro da pauta humorística, caracterizando “uma das fases mais criativas e vigorosas dos debates políticos mundiais e da imprensa brasileira em particular, só vindo a desaparecer na segunda metade do século XX” (MARTINS; LUCA, 2008, p.36).

Sobre o desenvolvimento da atividade jornalística no Brasil, as autoras Martins e Luca (2008) afirmam ainda que a “circulação do debate político ultrapassava o público estritamente leitor, embora sua produção impressa fosse monopolizada por um conjunto restrito de redatores heterogêneos” (MARTINS; LUCA, 2008, p.39), colaborando na construção da identidade de um povo que ia se constituindo como brasileiro. A disseminação da palavra impressa e de suas ideias se deu também nas províncias, de forma a constituir e dar a imprensa grande valor e notoriedade através de periódicos como a *Aurora Pernambucana* (1821), *O Conciliador do Maranhão* (1821), *O Paraense* (1822), *O Compilador Mineiro* (1823), *Diário do Governo do Ceará* (1824), *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte* (1826), *Farol Paulistano* (1827), entre outros.

Durante o século XIX no Brasil começa-se a desenhar a chamada “opinião pública”, onde nota-se “consciência política no seio da esfera pública” (MARTINS; LUCA, 2008, p.33). A rebeldia e as manifestações populares explodiram no período das Regências (1831-1840), “embora, claro, nem todos fossem rebeldes” (MARTINS; LUCA, 2008, p.42).

Sodré (1999) destaca o período entre 1830-1850 como “o grande momento da imprensa brasileira” (SODRÉ, 1999, p.180), de modo a destacar a autenticidade dos pasquins, perdida, segundo ele, na industrialização da informação. Neste mesmo período, a caricatura e o desenho – elementos humorísticos agregados ao jornalismo – funcionavam como crítica aos costumes da época. Tais elementos obtiveram bastante aceitação pelo fato da difícil propagação da palavra escrita, conforme observam as autoras.

A válvula de escape do humor funcionou como antídoto contra a censura vigente, bem como o desenho, como expressão plausível de fácil e imediata comunicação. Da oralidade jocosa da colônia – com um Gregório de Mattos, por exemplo –, chegou-se rapidamente à proliferação do desenho satírico do papel impresso da Regência, constituindo-se o traço caricaturado numa das linguagens de maior aceitação do Brasil (MARTINS; LUCA, 2008, p.64).

O início do século XX foi marcado pela presença de revistas literárias e de humor, principalmente no Rio de Janeiro, na Primeira República (1889-1930). A elite pertencente ao corpo editorial das revistas busca trazer a cultura para o debate dos leitores, num momento em que estes começam a ser ouvidos. “No contexto de 1900-1920, os intelectuais vão criar novas formas de expressão e de linguagens, difundindo-se através de experimentos poéticos e, também, das caricaturas e da propaganda” (LUSTOSA, 2008, p.212). As revistas semanais ilustradas tiveram maior vida editorial e eram direcionadas ao grande-público, sempre abordando a modernidade no dia a dia. Alguns nomes, entre outros, foram *O Malho*, *Fon-Fon* e *Para Todos*. Cada exemplar e modalidades a seu estilo, ambas (literárias e semanais ilustradas) ajudaram a construir e impulsionar o pensamento modernista brasileiro.

Tais revistas apostavam no visual, além de considerar a sonoridade (aos não letrados) características que impulsionavam suas vendas e traziam ainda um toque de humor, além da presença das caricaturas, evidenciando seu apelo popular. O exemplar seria observado numa roda de pessoas que, mesmo sem saber ler, ririam do que estavam vendo. Já as revistas literárias abordavam o moderno no “universo filosófico-conceitual, detendo-se na discussão sobre os significados da arte, da estética, e do pensamento moderno em consonância com a nacionalidade” (LUSTOSA, 2008, p.214). Dentre estas podem ser citadas *Estética* e *Revista do Brasil*.

O símbolo da buzina (na *Fon-Fon*), do martelo e da bigorna (em *O Malho*), assim também como a recorrência a verbos de forte apelo sonoro-auditivo como fonfonar, malhar, bimbilhar e martelar expressam uma comunicação ruidosa que, voltada para a crítica de costumes, se alicerça fortemente no humor. [...] É a partir das referências sociais, experimentos e percepções que os leitores vão criar sentido singular aos textos lidos. Com frequência, os editores brincam com essa idéia da recepção enquanto apropriação feita pelo leitor. É o caso da seção Bis-charada, publicada em

O Malho, que apresentava um calendário dos santos dos dias de semana, seguido de dicas pro jogo do bicho. O próprio título já explora a polissemia da palavra, sugerindo os diferentes significados que se reveste no domínio da escrita e da oralidade (LUSTOSA, 2008, p.221-225).

O Estado Novo varguista (1937-1945) teve a censura como ponto alto do autoritarismo de um governo que se inspirou nas propagandas políticas alemãs nazistas quanto ao controle sobre os meios de comunicação através do Estado. Criava-se um órgão denominado DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. Neste período houve grande repressão cultural no país. Construía-se com o DIP uma imagem positiva do regime e de seu chefe Getúlio Vargas. O jornalismo sofreu claras interferências na medida em que a imprensa periódica e o rádio foram os maiores meios utilizados para disseminação de uma imagem positiva do governo. Reprimem-se, portanto, nesta época, alguns elementos importantes no objeto de análise devido a uma medida que foi constitucional. Os periódicos “acabaram sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais, a dar ampla divulgação às inaugurações, a enfatizar as notícias dos atos do governo, a publicar fotos de Vargas. 60% das matérias publicadas eram fornecidas pela Agência Nacional” (PANDOLFI, 1999, p.175). Existiam, no mais clássico estilo varguista, maneiras de agradar a classe jornalística para que esta imposição funcionasse como uma troca de favores.

Os anos 1950 foram marcados pelas revistas de consumo. Tinham-se nomes como *A Cigarra* e *O Cruzeiro*. Verificou-se o surgimento e consolidação do grupo Abril, trazendo títulos ainda atuais como *Capricho*, *Manequim*, *Contigo!*, *Quatro Rodas* e mais tarde a *Veja*. A televisão surgia no país: “ao longo da década de 50 o novo meio eletrônico avançou timidamente na participação do bolo publicitário, embora sempre de modo ascendente” (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; KORNIS, 2003, p.131). Tem-se no meio impresso, novamente na história, o destaque ao leitor a partir dos anos 1960, que, segundo Martins e Luca (2008), eram baseados nas pesquisas de leitura e leitores, que passaram a direcionar as pautas abordadas nesta época.

Em 1964, tivemos novamente a interrupção da democracia no Brasil no período conhecido como ditadura militar. O panorama comunicacional era de transição entre os meios. Segundo Abreu, Lattman-Weltman e Kornis (2003), os jornais impressos já estabelecidos passavam por profissionalização em 1950, num processo de industrialização. A televisão crescia (no ano de 1964 os aparelhos chegavam a 10% dos lares brasileiros), configurando-se e organizando-se. As revistas ilustradas e o rádio já perdiam algum investimento publicitário. Do início do período ditatorial até o seu término (década de 1980),

a televisão passou de um novo meio para o maior deles, onde se transformou numa ferramenta política poderosa e institucionalizada.

Este foi um período longo e que merece, neste trabalho, destaque para a imprensa alternativa e de crítica ao regime. Se observada ainda nos dias de hoje, pode ser bastante inspiradora quanto à abordagem de temas polêmicos e à criatividade. No quesito humorístico *O Pasquim*, do Rio de Janeiro, é a grande referência desta época, com seu surgimento em 1969. Trazia-se à tona o estilo *underground* americano de apresentar narrativas, num estilo bem humorado através de sátiras e linguagem irreverentes, as quais os militares (e repressores do sistema) não entendiam.

Nos anos 1970, ainda no Rio de Janeiro surge o *Casseta Popular*. Anos mais tarde se transforma em o *Planeta Diário*, agregando novos integrantes à equipe e trazendo o humor através da produção de notícias falsas, parodiando os jornais impressos importantes da época. Temos aqui uma grande influência do trabalho realizado em *O Sensacionalista*, no que diz respeito a narrativas fictícias baseadas no exagero e críticas de acontecimento reais. O *Planeta Diário* deixa de existir em 1992 e seus integrantes vão para a televisão (nesta época sólido meio comunicacional, como já visto) nos programas *TV Pirata* e *Casseta e Planeta na Rede Globo*.

#### 4.1.2 A caricatura

Veiculadas em jornais e revistas, as caricaturas são um elemento de destaque de expressão do humor na imprensa como recurso crítico que abordam momentos pontuais na realidade do brasileiro. Segundo Lustosa (2011), nos dias atuais, elas possuem assinatura do autor e estão ligadas a um contexto particular, característica que as diferenciam de uma piada, por exemplo, que são “anônimas e circulam oralmente”. Segundo a autora, as piadas “não têm propósitos e seria descabido e até desonesto tentar inferir um propósito ou mesmo um estado mental ou sentimento do texto de uma piada” (LUSTOSA, 2011, p.93).

Situando as caricaturas em jornais e revistas, é plausível considerar que o contexto que envolve tais publicações esbarra nos assuntos de interesse do jornal ou revista que as realiza. Além das caricaturas e *cartuns* tratarem de registros daquela época e refletirem posicionamentos críticos quanto aos momentos referidos, eles refletem valores-notícia e critérios de noticiabilidade do veículo que os agrega.

Assim, cartuns e caricaturas são mais facilmente comparáveis à escrita do que à fala, pois precisam de um editor e podem ser censurados com razoável eficiência. Eles

são uma forma de propriedade intelectual que pode ter os direitos autorais registrados, tal como livros, ao contrário da piada oral. Nunca podemos ter certeza dos motivos, propósitos ou pensamentos do cartunista ou do editor, mas podemos fazer perguntas sobre isso, o que não faria sentido se estivéssemos falando de piadas. Geralmente, sabemos quem é o responsável pelo cartum ou pela caricatura, o que não acontece com as piadas. Podemos até perguntar qual era a intenção do cartunista, embora seja possível que mesmo ele ou ela não saiba realmente dizer. E mesmo se souber, aqueles que virem o cartum ou a caricatura podem interpretá-lo de maneira bem diferente, e nós não podemos de maneira alguma dizer que eles estão errados ao fazê-lo. O ponto de vista do cartunista sobre a sua criação é importante, embora é claro, não seja definitivo. Estamos em uma área onde os significados são escorregadios (LUSTOSA, 2011, p.93).

Numa linha evolutiva vale reafirmar que a sátira – herança do Império Romano – foi importante precursora das caricaturas e cartuns, ponto a ser colocado, desta vez por Lima (1963, p.62), já que ela inaugura as críticas à política e aos costumes: “[...] a sátira escrita precede sempre o advento da caricatura, o que se explica certamente pela maior facilidade de utilizar a palavra – o verbo ou a pena – do que o lápis – e treino mais lento e específico”.

Entretanto, é preciso não esquecer também que não é a caricatura que torna os homens ridículos: eles é que são ridículos por si mesmos, quando o são, nem há força que os livre disso. Nem outra coisa tem acontecido, desde que o mundo é mundo. O caricaturista não é um criador de ridículos. Sua arte, como ensina Bergson, é a de aprender aquele movimento imperceptível em que se esboça uma deformação preferida “*où se contourerait plutôt la nature*” – tornando visível a todos os olhos, por aumenta-lo, esse ponto em que se rompe o equilíbrio duma face ou duma atitude (LIMA, 1963, p. 15).

Caracterizar o tipo humano é a arte das caricaturas, “sublinhar algum gesto, para notar algum jogo de inéditos” (LIMA 1963, p.7). As críticas contidas nas caricaturas têm por objetivo trazer o ridículo das situações, e não ridicularizá-las. Além disso, as caricaturas não têm por finalidade o riso: ele pode ocorrer ou não.

#### 4.2 O RISO NA INTERNET

O humor e o riso ganham espaço na internet através da possibilidade de compartilhamento que esta plataforma proporciona. O hábito de compartilhar sempre existiu: no meio impresso, o leitor de jornais antes conseguia compartilhar oralmente sobre um conteúdo ou se ele guardasse a página do jornal de interesse, que contivesse uma excelente caricatura, por exemplo, até que tivesse a oportunidade de mostrar à pessoa de interesse, ou ainda usar de um meio de comunicação como o telefone e sugerisse a compra do exemplar do dia ao outro sujeito. A internet traz como novidade a grande abrangência que um conteúdo pode alcançar através da cibercultura, a cultura da internet: “Por cibercultura compreendemos

as relações entre as tecnologias informacionais de comunicação e informação e a cultura, emergentes a partir da convergência informática/telecomunicações na década de 1970” (LEMOS 2005, p.1). Com a sua evolução, a rede trouxe propostas mais complexas de interação e de liberdade de produção.

Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. As promessas desse novo ambiente midiático provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos. Inspirados por esses ideais, os consumidores estão lutando pelo direito de participar mais plenamente de sua cultura (JENKINS, 2008, p.46).

Nos anos 2000, o destaque se volta para um sistema aprimorado de conexão em rede. “A *Web 2.0* tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática” (PRIMO, 2007, p.2). Interação seria o foco da *web 2.0*, sem deixar de levar em conta todo o aparato tecnológico que trouxe os interagentes até o presente momento, mas a dinâmica social entre os sujeitos é a grande novidade, como afirma o autor: “Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através de interações entre os envolvidos. Esta proposta, porém, focar-se-á não nos participantes individuais, e sim no “entre” (interação = ação entre)” (PRIMO, 2007, p.7). A rede social formada pela internet deve, portanto, ser analisada de maneira ampla, “[...] isto é, busca-se evitar uma visão polarizada da comunicação, que opõe emissão e recepção e foca-se em uma ou noutra instância. Uma rede social não pode ser explicada isolando-se suas partes ou por suas condições iniciais” (PRIMO, 2007, p.7).

Segundo o autor, não há como demarcar precisamente as fronteiras da *web 2.0*, uma maneira de trabalhar a *web* com funções *online* que antes só eram possíveis através da instalação de programas. Primo (2007) cita ainda as redes *peer-to-peer* (P2P)<sup>67</sup> como aperfeiçoadoras dos compartilhamentos de arquivos digitais.

Um conteúdo humorístico pode ser compartilhado por mais galhofeiros e com mais rapidez do que já se havia antes realizado. Além disso, a *web* possibilita a complementação deste conteúdo: o consumidor pode se tornar produtor, segundo a política da rede, e atuar no recorte do material disponibilizado, transformar em outro e originar um terceiro conteúdo, gerando infinitos entroncamentos a partir do princípio da re-mixagem:

---

<sup>67</sup> “Nas redes *peer-to-peer* (P2P), voltadas para a troca de arquivos digitais, cada computador conectado à rede tanto torna-se “cliente” (que pode fazer download de arquivos disponíveis na rede) quanto um “servidor” (oferta seus próprios arquivos para que outros possam baixá-lo). Desta forma, quanto mais pessoas na rede, mais arquivos se tornam disponíveis” (PRIMO, 2017, p.2).

O princípio que rege a cibercultura é a *re-mixagem*, conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, *cut-up* de informação a partir das tecnologias digitais. Esse processo de *re-mixagem* começa com o pós-modernismo, ganha contorno planetários com a globalização e atinge seu apogeu com as novas mídias (Manovich). As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços nesse início de século XXI trazendo uma nova configuração cultural que chamaremos aqui de *ciber-cultura-remix* (LEMOS, 2005, p.2-3).

Segundo Lemos (2005) as três leis que norteiam a *remixagem* são aquelas fundadoras de cibercultura e envolvem a liberação do polo de emissão, a conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais. Na fenomenologia do social a emissão, a conexão e a reconfiguração “têm como corolário uma mudança social na vivência do espaço e do tempo” (LEMOS 2005, p.2-3).

De uma maneira geral, o *remix* abre possibilidades para a criação, apropriações e desvios (LEMOS, 2005). Especificamente quando se refere a notícias e fatos do cotidiano, o que inclui o caso do *Sensacionalista*. Zago (2013, p.96) afirma que o *remix* é capaz de criar uma outra atmosfera dentro da original, reinventando outros sentidos: “O que são essas criações dos interagentes? É arte? É humor? É jornalismo? Ainda que partam de imagens jornalísticas, associadas a acontecimentos jornalísticos específicos, sua recirculação ocorre num contexto de humor, desprendido de seu sentido original”.

No contexto do jornalismo, o *remix* aparece principalmente nas criações do público, Para Russell (2011), o *remix* pode ser percebido nos *sites* de notícias satíricas (no Brasil, em *sites* como *Sensacionalista* e *Diário Pernambucano*), na medida em que esses espaços se utilizam dos *ethos* jornalístico e de elementos de notícias reais para produzir conteúdos humorísticos. Para Mancini (2011), criar produtos jornalísticos facilmente compartilháveis e remixáveis seria essencial para o futuro do jornalismo – o qual, para o autor, deve investir cada vez mais na experiência do usuário no contexto do consumo (ZAGO, 2013, p.90).

A cibercultura e o *remix* são conceitos básicos para compreendermos o riso e humor na internet da forma que acessamos na atualidade, resultando em conteúdos que muitas vezes fogem do convencional. Um ponto interessante seria pensarmos nesta convencionalidade: “A rigor, a indústria midiática considera lixo toda aquela produção que foge dos padrões que ela mesmo estipula e também o que é desenvolvido por amadores e através de equipamentos não-profissionais” (PRIMO, 2007, p.2). Ora, se temos com o advento da internet as propostas de liberdade e ainda de apropriação de conteúdos, este padrão de produção midiática começa a ser alterado, e, além disso, pode alcançar uma gama enorme de pessoas interessadas. Neste contexto, temos o denominado *digital-trash*, o lixo midiático. Tal denominação vem romper com o convencional – já referido anteriormente. “Na esfera

mediática, utiliza-se o termo “lixo” de forma classificadora, a partir de um olhar taxativo e não raro moralista” (PRIMO, 2007, p.2).

A idéia de “lixo”, pois, parte de uma lógica da exclusão, do descarte. Contudo, lixo não é apenas aquilo que é mal-cheiroso, podre, as sobras. O termo ganhou novos sentidos com o passar dos tempos. Na língua inglesa o verbo *to trash* pode significar “criticar negativamente”. Outro uso seria para qualificar produtos artísticos de baixa qualidade, como um programa de televisão sensacionalista. Este mesmo uso pode ser encontrado na língua portuguesa. Para compreender-se este último sentido convencionalizado, é preciso investigar a qual ideal ele é apresentado como pólo oposto e que autoridade estipula esse padrão (PRIMO, 2007, p.1).

Baseado na noção de poder produzir e poder dizer, o lixo midiático engloba as produções realizadas por indivíduos que têm algum interesse naquele assunto, mas não dominam as técnicas convencionadas de produção, gerando materiais que vão ter certo ar de amadorismo, mas não deixaram de trazer mensagens, pois através da nomenclatura *digital-trash* “Qualifica-se daquela forma produtos que compartilham de uma certa estética (muitas vezes grotesca) e abordagem (sarcasmo, crítica, humor “politicamente incorreto”, etc.)” (PRIMO, 2007, p. 2).

A crítica à suposta banalidade do digital trash traz embutido um anseio sobre o potencial alienante desse gênero. Primeiramente, trata-se de uma avaliação apressada, de um olhar com pré-concepções, que julga mesmo antes de conhecer. A rigor, diversas produções trash se caracterizam por uma crítica irônica, desprovida de qualquer pudor “politicamente correto”, sobre os mais diferentes fatos da contemporaneidade, como também sobre a própria mídia institucionalizada e seus produtos. Por outro lado, os textos e imagens trash que, em vez de uma narrativa estruturada e com objetivos claros, preferem o nonsense, o humor despreocupado e até mesmo abordagens grotescas revelam formas de ser e estar na pós-modernidade (PRIMO, 2007, p.4).

Fenômeno da pós-modernidade segundo Lemos (2007), o *digital-trash* deve ser compreendido como algo que vibra no coletivo “aquilo que poderia ser visto como banal [...], ganha sentido na vontade de estar junto” (LEMOS 2007, p.3), embora esta união possa ser breve e efêmera. Segundo pesquisa<sup>68</sup> do Ibope no ano de 2013, cerca de 15,9 milhões de brasileiros acessavam conteúdos de humor na internet, dado que corrobora a importância de falar sobre este tipo de interesse dos internautas. O humor e o riso na cibercultura são impulsionados pela criatividade dos usuários que geralmente utilizam-se de recursos e técnicas de produção que passam pelas propostas de *remix* e do *digital-trash* como os *weblogs*; peças humorísticas como os chamados *memes*, publicadas em redes sociais; além das já conhecidas caricaturas e *cartoons*; entre outros.

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Numero-de-visitantes-de-sites-de-humor-chega-a-15-9-milhoes.aspx>>. Acesso em: 31/08/2018.

Passando rapidamente pelos respectivos conceitos, um *weblog* “É baseado principalmente em dois aspectos: microconteúdo, ou seja, pequenas porções de texto colocadas de cada vez, e atualização frequente, quase sempre, diária” (RECUERO, 2003, p.3), e é alimentado pelo(s) administrador(es) através dos *posts* que agregam novos conteúdos organizados em ordem cronológica: “A mais nova atualização vai sempre no topo do *website*, com data e hora. As atualizações são feitas em pequenas porções, chamadas *posts*” (RECUERO, 2003, p.3). O teor das postagens é de caráter pessoal, “Entendemos que os *weblogs* funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço” (RECUERO, 2003, p.20) e sua visitação depende de leitores que se identifiquem com aqueles pontos de vista, realidade ou ainda achem graça naquele conteúdo quando a proposta é humorística.

Já os *memes* são peças visuais humorísticas que se utilizam também de textos de linguagem popular adaptados às situações de interesse. Juntos, estes elementos compõem o material de zombaria que dependem da interação entre os indivíduos para que obtenham alcance. Considerando este último fator, as redes sociais se mostram como campo de utilização deste tipo de conteúdo “[...] que exalta o *fait-divers*, a piada situacional, os elementos da cultura popular, e que contrasta e compete com a radicalização ou mesmo a disputa retórico-discursiva da militância espontânea em torno de ‘formas morais’” (CHAGAS; FREIRE; RIOS; MAGALHÃES, 2017, p.181). Segundo os autores, no âmbito político os *memes* podem colaborar com a polarização partidária através da abordagem de temas da agenda pública da política nacional.

Além disso, um *meme* é dotado de capacidades. “A longevidade é a capacidade do meme de permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original” (RECUERO 2007, p.23), pois dentro da lógica de propagação e do remix, as peças podem ser alteradas de acordo com os interagentes. É notável a influência dos memes no cenário político. Passemos à ridicularização da política.

#### 4.3 RIDICULARIZAÇÃO DA POLÍTICA

A ridicularização da política reflete o ato de criticar hábitos contemporâneos relacionados aos locais de poder de uma sociedade através de ferramentas humorísticas. Um exemplo de destaque seria a obra *Satiricon*, datada no século I, que ridiculariza a corte e a alta

sociedade romana de forma inteligente e inauguradora. O espírito do trabalho do autor Petrônio<sup>69</sup> evidencia o ato rir de si mesmo e dos hábitos presentes na sociedade.

Segundo Silva (2014), a narrativa de *Satiricon* se dá na corte de Nero, na cidade de *Crótone*, Itália Meridional, e tem como tema central o romance grego e os costumes da época, ao abordar “de forma dura e sarcástica os maiores vícios da época de Nero, sem, contudo, notarmos nessa apresentação uma tentativa, por menor que fosse, de moralizar essa sociedade” (SILVA, 2014, p.93). Tudo isso feito através de “uma imagem realista e completa, material e psicológica de seu tempo” (SILVA, 2014, p.93) abordada pelo livro.

[...] Petrônio deixou um testamento que dizem ser um relato de sua época e dos desmandos do imperador. Deixou-nos também, se bem que de autoria contestada, o *Satiricon*, também chamado de *Satirae* ou *Saturae* ou *Satiriconlibri* ou ainda *Satyricon*, escrito em latim e grego. Da obra restam fragmentos que demonstram beleza artística e uma reconstrução da vida particular de Roma no tempo do autor. O *Satyricon* é um romance de aventuras narradas por Eucólpio, perseguido pelo deus Príapo. Seus companheiros são moços pervertidos, mulheres corruptas, ricas damas, criadas astuciosas, um bizarro velho que gosta de poesia (SILVA, 2014, p.93).

A influência de *Satiricon* pode ser notada nos trabalhos críticos contemporâneos e muito se relaciona com o relato das situações da Roma daquela época como a hipocrisia, a frivolidade, a ostensividade e a exploração, por exemplo, de forma a ridicularizá-las através da comicidade burlesca. Fato interessante a ser notado seria a ausência de caráter moralizante na obra, pois ela não sugere um modelo ideal a ser seguido, embora um trabalho crítico seja sempre munido de opinião.

O *Sensacionalista* bebe nesta fonte crítica e humorística. A própria equipe define seu conteúdo como sendo relacionado aos “dramas da classe média”, um extrato da sociedade privilegiado economicamente e que tem acesso facilitado à informação. Segundo texto<sup>70</sup> de apresentação contido no próprio site: “Em geral são pessoas bem informadas, que já tiveram conhecimento prévio das notícias que são satirizadas. É um público de classe média, que se identifica com as questões desse extrato social”. Em outras palavras seria um público que ri de si mesmo e de seus governantes.

<sup>69</sup> Petrônio, autor latino do século I de nossa era, destacou-se como árbitro da elegância (*elegantiae arbiter*) na corte de Nero. Contudo foi envolvido em uma conspiração e acabou recebendo ordem de suicídio do *Princeps*. Petrônio viveu no principado romano, cujo primeiro *Princeps* foi Augusto. Petrônio era chamado na época de *Petronius Arbiter*, foi íntimo de Nero. Era considerado por este como o árbitro do bom gosto, por isso cai na inveja de Tigelino, favorito do imperador. Ele suborna um dos escravos de Petrônio para dizer que ele era amigo de Scevino, acusado de traição com Pisão. Nero estava na Campânia, quando soube do acontecido. Petrônio que o acompanhava recebeu ordens de ficar em Cumes e suicidar-se. Ele abre as veias. Petrônio deixou um testamento que dizem ser um relato de sua época e dos desmandos do imperador. Deixou-nos também, se bem que de autoria contestada, o *Satiricon*, também chamado de *Satirae* ou *Saturae* ou *Satiriconlibri* ou ainda *Satyricon*, escrito em latim e grego (SILVA, 2014, p.1).

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/midia-kit/>>. Acesso em: 20/07/2018.

A sátira realizada pelo *Sensacionalista* ao modo de se fazer notícia na imprensa brasileira agrega o riso às matérias que carregam um fundo de verdade aos fatos noticiados. Sobre a distorção dos acontecimentos seria válido colocar a importância deste fenômeno em caráter mundial nas notícias que só ocorreram no *Sensacionalista*, no imaginário e memória de quem escreveu e de quem acreditou ou compartilhou determinado conteúdo. Vale lembrar que no contexto atual online o foco é atribuído aos compartilhadores que se utilizam de diversas redes sociais para a propagação destes materiais, como afirmam Adorno e Silveira (2017) em análise que tem como foco o vídeo<sup>71</sup> disponível no *YouTube* denominado “ISSO PRECISA PARAR! (Correntes no *WhatsApp* e Notícias Falsas)”, instruindo as pessoas a checar as informações e fontes das notícias de caráter duvidoso nesta rede social.

O próprio modo de intitular o vídeo chama a atenção para o fato de que há muitas notícias falsas e correntes em circulação em mídias sociais digitais, como *WhatsApp*, por exemplo. Essa prática é, por sua vez, sempre retomada como exemplo quando o tema é a “era da pós-verdade, o que produz um sentido de que a pós-verdade está intimamente relacionada à existência das mídias sociais digitais e a uma certa prática dos sujeitos em utilizá-las para fazer circular boatos e rumores (ADORNO; SILVEIRA, 2017, p.3).

A ridicularização da política se dá no âmbito do exagero e distorção, enfim, criando um novo sentido ao sério ou factual. Politicamente falando, as eleições são um prato cheio na especulação das candidaturas, por exemplo, sendo marcantes as do ano de 2014 que desdobrarão no tema da presente pesquisa.

As Eleições 2014 ficaram marcadas, no imaginário jornalístico brasileiro, como as “eleições dos memes”. Veículos *online* e *offline*, como a *Folha de São Paulo*, o portal *R7* e *O Estado de S. Paulo*, repercutiram, intensamente, piadas eleitorais dos internautas. Os candidatos, por sua vez, compartilharam desta percepção, ao buscarem desenvolver estratégias de influência para a web, desde conteúdos criados especificamente para *Twitter* ou *Facebook*, a robôs que, supostamente, ampliariam o alcance de suas mensagens reproduzindo-as sub-repticiamente por meio de contas falsas (CHAGAS; FREIRE; RIOS; MAGALHÃES, 2017, p.174).

Desta forma, é dada a importância às narrativas e sentidos recriados pelas notícias falsas e também às peças humorísticas que ridicularizam os momentos políticos vividos, pois passam a atuar na memória do leitor sobre determinado assunto político. Vale ressaltar que no ano de 2014 houve a produção e compartilhamento não só de conteúdo humorístico sobre as eleições. Os autores compreendem que o humor funciona como uma porta de entrada que pode influenciar na difusão do assunto abordado, inclusive no ramo da publicidade.

---

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://www.24brasil.com/video/assista/isso-precisa-parar-correntes-no-whatsapp-e-noticias-falsas/162495-24BrasilNoticia>>. Acesso em: 04/06/2018.

Quaisquer que tenham sido as causas sociais e políticas do crescimento explosivo da memória nas várias subtramas, geografias e setorializações, uma coisa é certa: não podemos discutir memória pessoal geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória (HUYSSSEN, 2000, p.21).

Sobre o humor, se considerarmos o nascimento de novos sentidos na memória do leitor e possível replicador que acessou aos conteúdos, verificamos, segundo Huysen (2000), que a influência dos meios de comunicação interferem intimamente na organização de suas narrativas, aquelas armazenadas em sua memória pessoal.

## 5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A metodologia a ser adotada é a Análise de Conteúdo (AC), tomando como embasamento a obra homônima da francesa Laurence Bardin (1977). O método, segundo a autora, surgiu nos Estados Unidos, influenciado pelo behaviorismo<sup>72</sup>. A Análise de Conteúdo deu seus passos iniciais com o norte-americano H. Laswell<sup>73</sup>, no início do século XX, e teve importante papel no cenário político. Na segunda guerra mundial, “o Governo americano exortou os analistas a desmascararem os jornais e periódicos suspeitos de propaganda subversiva (principalmente nazi)” (BARDIN, 1977, p.16).

Com o passar do tempo até os dias atuais, a AC é apoiada por fatores que favorecem o seu aprimoramento como a evolução tecnológica, que traz os computadores nos anos 1960 e programas que proporcionam maior velocidade e rigor na realização das análises. Somados a este fator estariam o interesse pelos estudos relacionados à comunicação não-verbal e ainda a inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos.

Sobre a evolução do método, a autora afirma que “ao longo do tempo o desejo de rigor e a necessidade de descobrir, adivinhar e ir além das aparências ainda oscilam” (BARDIN, 1977, p.29) dentro da AC como tendências, que se refletem através da definição das funções da Análise de Conteúdo, diferenciadas em função heurística (caráter exploratório) e a função de administração da prova (hipóteses que servem de diretrizes para confirmações), sendo que ambas podem coexistir.

Quantitativa e qualitativamente, a AC pode transitar pelos dois aspectos, onde o primeiro foca na frequência e o segundo na inferência. A análise quantitativa obtém dados através de um método estatístico, o que proporciona mais objetividade à pesquisa. Já a qualitativa é “mais maleável e adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses” (BARDIN, 1977, p.115). A autora coloca ainda que um aspecto não anula o outro.

Bardin (1977) define três fases dentro da metodologia: a primeira etapa é a pré-análise, seguida da exploração do material e, por último, a fase de tratamento de resultados, inferência e interpretação. Afirma-se a pré-análise como a fase de “organização propriamente

---

<sup>72</sup> Segundo Bardin (1977, p.15-16), o behaviorismo trata de uma linha de raciocínio que rejeita a introspecção intuitiva em benefício da psicologia comportamental objetiva. Trata-se de descrever o comportamento enquanto resposta a um estímulo, com um máximo de rigor e cientificidade.

<sup>73</sup> Harold Lasswell é um autor comumente citado pelo campo da Comunicação como um de seus pioneiros, no que tange ao estudo da propaganda no início do século XX e também em relação ao desenvolvimento do campo comunicacional, com a criação do famoso modelo que leva seu nome (CARVALHO, 2012).

dita”, que adota por “objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas” (BARDIN, 2008, p.121). Neste momento inicial, têm-se três missões, sendo elas relacionadas à seleção dos documentos a fazerem parte da análise, a elaborações das hipóteses e dos objetivos da análise e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. Seria, portanto, definido o *corpus* na pré-análise: “conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p.96). A constituição do *corpus* depende de regras como a exaustividade (necessidade do conhecimento de todo o *corpus*), a representatividade (uma amostra deve representar todo o *corpus*), a homogeneidade (os documentos selecionados não podem ser totalmente desconexos) e a pertinência (os documentos devem corresponder aos objetivos que suscitam a análise).

A exploração do material é a fase destinada à classificação de todo o conteúdo selecionado na pré-análise. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2008, p.127). Este seria o momento de pensar quais as melhores maneiras de classificar e dividir o *corpus* para que a pesquisa seja organizada. O processo de codificação é composto por três fases: recorte, enumeração e classificação.

No recorte, temos as unidades de registro e as unidades de contexto. As unidades de registro podem estar associadas a dimensões e naturezas diferentes, no nível linguístico por meio das palavras (que podem ser aleatórias no texto ou palavras-chave), por exemplo, ou temas (que funcionam como guias de sentido), entre outros. Já unidades de contexto funcionam como a frase para a palavra e o parágrafo para o tema, sendo superiores às unidades de registro e ótimas para que se possa compreender a significação exata destas.

Diferente das unidades de registro (o que se conta), temos a fase da enumeração (como se conta). Posterior à enumeração, a próxima etapa do processo de codificação é a classificação, que exige “a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum entre eles” (BARDIN, 1977, p.118). Temos neste momento o processo de inventariar (isolar os elementos) e classificatório (agrupar e repartir os elementos envolvidos, o que proporciona organização às mensagens).

A terceira e última fase da metodologia de AC consiste no tratamento dos resultados que permitirão tirar determinadas conclusões e tabulá-las na forma de quadros ou ainda transformá-las em dados estatísticos, tornando os resultados visíveis na pesquisa. “O analista, tendo à disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras

descobertas inesperadas” (BARDIN, 2008, p.127).

### 5.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO NA COBERTURA RISÍVEL DO *IMPEACHMENT*

O *site* do *Sensacionalista* foi a plataforma escolhida para a pesquisa, por ser o gerador de conteúdo agregado às demais redes sociais (*Facebook*<sup>74</sup> e *Twitter*<sup>75</sup>), na forma de *links* que direcionam à primeira plataforma. Sua organização é similar (dentro do contexto paródico do *Sensacionalista*) a de um jornal não-fictício, com abas relacionadas às editorias “País”, “Esporte”, “Entretenimento”, “Mundo”, “Digital”, “Comportamento”. A ferramenta “Pesquisar” disponível no *site* auxilia nas buscas necessárias para a realização do trabalho, de forma a dar acesso ao conteúdo a partir da busca por palavras-chave. Num momento inicial, a procura foi por todas as notícias que envolvem o tema selecionado, e é realizada através da seleção de páginas mais antigas, onde se dispõem todas as publicações do *Sensacionalista*.

A pesquisa documental inclui os arquivos do dia 17 de Abril de 2016 (dia da votação sobre o andamento do processo de *impeachment* na Câmara de Deputados) e o dia 11 de Maio de 2016 (votação sobre o andamento do processo de *impeachment* no Senado Federal). Um critério de seleção é a análise das manchetes fictícias dentro deste período que contêm menção aos processos de votação. Os títulos das notícias fazem menção a personagens (reais ou fictícios) envolvidos nos eventos políticos; menção ao ambiente onde se deram as votações; menção ao contexto dos episódios como um todo e implicações no cotidiano. Palavras como “*impeachment*”, “Presidente”, “Dilma”, “votação”, “Câmara”, “Deputados”, “Senado”, “Senadores”, “Michel Temer” norteiam a seleção. Nota-se que a estrutura dos documentos encontrados no *site* do *Sensacionalista* contêm manchete, fotografia (não necessariamente com relação direta ao tema, pois trata-se de conteúdo humorístico), subtítulo e texto (não possui muitas linhas, a piada é geralmente feita nas manchetes).

O total de 22 notícias foi então separado, num primeiro momento, em dois grupos: notícias fictícias relacionadas à votação na Câmara de Deputados publicadas no dia 17 de abril de 2016 (totalizando 13 *fake news*) e notícias fictícias relacionadas à votação no Senado Federal no dia 11 de maio de 2016 (nove *fake news*). Tal número foi alcançado considerando a presença das palavras-chave acima citadas nos títulos e este critério eliminou algumas outras notícias do *Sensacionalista* que abordavam os eventos de votação, mas não utilizavam tais

<sup>74</sup> *Fanpage* do *Sensacionalista* no *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sensacionalista/>>. Acesso em: 10/07/2016.

<sup>75</sup> Página do *Sensacionalista* no *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/sensacionalista?lang=pt>>. Acesso em: 10/07/2016.

termos e, por isso, não se incluem na pesquisa, pois a associação ao tema só se faz com leitura minuciosa e contextualizada, já que inclusive a datação das notícias falsas é algo poucas vezes utilizado pelo *Sensacionalista*.

QUADRO 1 – Notícias relacionadas à votação na Câmara de Deputados publicadas no dia 17 de abril de 2016 pelo *Sensacionalista*

1. Dois dias de discursos de deputados na TV triplicam venda de antidepressivos
2. Deputados trabalham por três dias e médicos temem epidemia de estafa em Brasília
3. Deputados farão um minuto de silêncio antes da votação por pato da Fiesp, esfaqueado em SP
4. Retrospectiva dos melhores momentos do governo Dilma é cancelada por falta de matéria
5. Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver
6. Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito
7. Goleada até agora mostra que defesa do governo foi feita por David Luiz e Thiago Silva
8. Deputado que disse “vendo Monza 87” fecha em cinco minutos
9. Votos de deputados mostram que concordância e plural foram cassados
10. Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente
11. Depois de simular metralhadora no plenário filho de Bolsonaro é sondado pela banda vingadora
12. Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do <i>impeachment</i>
13. Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados

FONTE: Elaborado pela autora

QUADRO 2 – Notícias publicadas no dia 11 de maio de 2016 pelo *site* do *Sensacionalista*

1. Band News FM muda <i>slogan</i> para “Em 2 minutos tudo pode mudar”
2. Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial
3. Senador Petecão questiona horário da merenda e inaugura sessão de bizarrices do Senado
4. Senadores estão há horas discutindo como iniciar uma votação sem perda de tempo com discussões
5. Senadores que reclamam do atraso na sessão e inventam 39 formas de falar procrastinação
6. Motorista sofre acidente ao dormir no volante após ouvir rádio transmitindo sessão do <i>impeachment</i> .
7. Delcídio comemorou cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores
8. TV Câmara passa reprise de votação dos deputados e ganha lavada da TV Senado no Ibope
9. Dente de Renan Calheiros sofre <i>impeachment</i> durante entrevista. Veja vídeo.

FONTE: Elaborado pela autora

Realizada esta primeira organização, observou-se que algumas *fake news* enfatizam personagens que tinham papel de destaque ao longo do texto, algumas outras, onde o ambiente das votações (tanto na Câmara de Deputados, quanto no Senado Federal) era o destaque, compondo uma espécie de “cobertura jornalística” dos eventos e ainda notícias que tratam da repercussão das votações nas vidas de brasileiros. Tais características observadas deram origem às três categorias relacionadas às notícias do *Sensacionalista*, respectivamente “Notícias que dão enfoque a personagens”, “Notícias que destacam o ambiente das votações” e “Notícias que remetem a reflexos dos eventos de votação”. Tal classificação nos leva a analisar os elementos contidos no texto da narrativa, para que corroborem com a divisão aqui realizada. Como base para maior aprofundamento da pesquisa, utilizaremos os conceitos de Cândida Vilares Gancho (1991), em sua obra “Como analisar narrativas”.

Segundo a autora, toda narrativa se estrutura sobre alguns elementos, sendo eles enredo, espaço, narrador, ambiente, personagem e tempo. Neste momento, vamos nos fixar

nos três primeiros e, mais adiante, ao longo das classificações do *corpus* da Análise de Conteúdo, falaremos sobre os outros elementos, que serviram de critério para os agrupamentos das notícias do *Sensacionalista*. É importante ressaltar que todos os pontos são verificáveis nos textos selecionados. O enredo é “o conjunto de fatos de uma história” (GANCHO, 1991, p.10). Tais fatos não precisam ser verdadeiros, ou ainda não têm obrigação de corresponder exatamente àqueles que ocorreram, mas constroem uma noção de verdade: a verossimilhança, que caracteriza a “lógica interna do enredo que o torna verdadeiro para o leitor; é, pois, a essência do texto de ficção” (GANCHO, 1991, p.10).

Já em termos estruturais, o enredo é determinado pelo conflito. A partir dele, dar-se-ão as partes da exposição (apresentação dos fatos iniciais), complicação (desenvolvimento do conflito), clímax (momento de maior tensão, auge do conflito) e desfecho (resolução boa ou má dos conflitos). Nas notícias fictícias do *Sensacionalista*, esta distribuição do enredo se dá em poucas linhas, já que o menor texto possui sete e o maior 19 linhas. Outro ponto a se observar seria a aparição dos conflitos, nos títulos das notícias falsas, ou ainda a abordagem dos conflitos das narrativas reais nas manchetes, acrescentados a fatos fictícios, numa ideia de exagero dos conflitos na abordagem *Sensacionalista*.

Sobre espaço, compreende-se o lugar físico, onde se passa a ação da narrativa. “O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens” (GANCHO, 1991, p.23). Nas notícias selecionadas, temos em vista vários tipos de espaço, de acordo com a abordagem dos textos fictícios.

Já o narrador é quem vai relatar, contar o acontecido como elemento estruturador da história: não existe história sem narrador, segundo Gancho (1991). Entre os tipos de narradores, temos os de terceira pessoa (ou narrador-observador), que caracteriza aquele narrador que está fora dos fatos narrados. O narrador de terceira pessoa pode ser onisciente (sabe de tudo na história) e/ou onipresente (presente em todos os lugares da história). As variantes de narrador em terceira pessoa são o narrador intruso (que fala com o leitor ou faz juízo de valores sobre os personagens) e o parcial (aquele que se identifica com certo personagem da história e dá mais espaço a ele). Temos também os narradores de primeira pessoa (ou narrador personagem) que são aqueles que participam da história, e, por isso, possuem as limitações de um personagem, já que também ocupam este lugar. Não são, portanto, nem oniscientes nem onipresentes. As variantes do narrador personagem são o narrador testemunha (não possui destaque como personagem principal, mas narra os

acontecimentos de que participou) e narrador protagonista (aquele que é o personagem central). Em todos estes casos, é bom evidenciar que narrador e autor são posições distintas. “É bom que se esclareça que o narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e portanto só existe no texto” (GANCHO, 1991, p.29). As notícias do *Sensacionalista* são todas narradas em terceira pessoa. Passemos à classificação das mesmas.

### 5.1.1. Notícias que dão enfoque a personagens

Gancho atribui aos personagens a realização de ações significativas dentro da narrativa: “Se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem” (GANCHO, 1991 p.14).

Embora estejamos falando de notícias falsas, os personagens de maneira geral (em qualquer tipo de narrativa) são entendidos pela autora como invenção “[...] mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais” (GANCHO, 1991, p.14).

Sobre os papéis desempenhados pelos personagens, a obra da autora enumera os (as) protagonistas (personagem principal), que, segundo suas atitudes, são heróis (características do personagem superior aos de seu grupo) ou anti-heróis (o personagem principal possui as mesmas características dos demais integrantes de seu grupo, está numa posição de herói sem competência para tanto); antagonistas (atitudes contrárias ao do protagonista, como vilão(ã)); personagens secundários (menos importantes na história, menor participação no enredo).

Quanto à caracterização, os personagens podem ser planos ou redondos. Os primeiros são aqueles que são identificados facilmente pelo leitor, pouco complexos, com poucos atributos. Os personagens planos podem ainda ser tipo (*o sertanejo, a dona-de casa...*) ou personagens caricatura (personagens presentes em histórias de humor, ridicularizando as características). Já os redondos são aqueles mais complexos, que apresentam variações e características que podem ser físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais, entre outras, na personalidade, segundo a autora.

As notícias do *Sensacionalista* analisadas e inseridas dentro da categoria que dá destaque aos personagens variam sua classificação entre planos e caricaturas. Em “Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito”, temos a figura do personagem entendido

como plano na figura do político que encara o hábito de receber dinheiro como essencial à sua tomada de decisão (imagem que chegam ao imaginário popular, inclusive, pelas narrativas jornalísticas). O deputado “Walter Mão-Benta” já lida com a normalidade do recebimento de quantias, o que pode se interpretar através da centralidade do conflito da narrativa e indicar sua preocupação, que está na forma de pagamento: instantâneo ou futuro. Tal prática aponta para a imagem de vilão do personagem.

Em “Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente” observamos que o personagem Eduardo Cunha “é citado, xingado, seus malfeitos são lembrados” [...] “Mas nada abala o presidente da Câmara dos Deputados do Brasil”, que “ri, se divertindo, das bizarrices das declarações dos deputados”. Na posição de vilão, Cunha é descrito como uma pessoa que não possui sentimentos, fato que poderia caracterizá-lo como um personagem plano (inclusive também devido ao fato do jornalismo tê-lo noticiado como um ser do lado da corrupção). Em contrapartida, deve-se levar em consideração que esta condição é tão marcante que atribuiu certa complexibilidade e abrangência à frieza de Cunha. Ela precisa ser detalhada: “O frio era o motivo de tantos deputados estarem enrolados em bandeiras, seja do Brail ou de seus estados”. Sendo assim, o personagem desta notícia caracteriza-se como redondo.

“Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do *impeachment*” atribui destaque ao deputado Jorge Tadeu Mudalen do DEM de Guarulhos que teve visibilidade simplesmente pela sua localização privilegiada em frente às câmeras no dia da votação na Câmara: “Reage com palavras de ordem, tapinhas nas costas ou cara fechada aos votos dos parlamentares. Está feliz como pinto no lixo com a visibilidade conseguida”. Vale lembrar que esta curta notícia do *Sensacionalista* não precisou nem mesmo agregar informações falsas para que o tom humorístico fosse alcançado. O personagem plano e anti-herói é sim caricaturado: “Ele é baixinho e parece um mini Agildo Ribeiro”.

Temos um antagonista (vilão) em “Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver”, que aborda suposta frieza e violência da figura do então presidente da Câmara de Deputados, para que se tomem medidas de acordo com sua vontade, fatores que podem ser evidenciados pelo trecho da notícia: “Muito criticado por esta atitude, Cunha interrompeu uma sessão satanista que realizava com Michel Temer. ‘Não vou aceitar críticas. Está tudo de acordo com as regras e costume desta casa [sic] que tenho tanto respeito’”. Tais características atribuídas a Cunha podem ser observadas também em “Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente”.

Em “Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver” temos o personagem-vilão-redondo que, enumeradamente, realiza algumas ações noticiadas que complexificam seu comportamento: 1) “O Presidente da Câmara, Eduardo Cunha, aprovou houve uma nova alteração no regimento da Casa que permitirá a instalação de um telão no plenário”, fato que indica a arbitrariedade do deputado; 2) “Hoje descobriu-se que o verdadeiro objetivo é complementar uma ação da frente de oposição que hoje sequestrou a família de 25 deputados indecisos e as manterá sob mira de revólver até o fim da votação”, sobre a omissão da intenção real (que seria chantagear políticos para garantir vitória na votação), antes noticiada segundo a fakenews, que “ seria mostrar as manifestações populares à favor do impeachment”; 3) “Muito criticado por esta atitude, Cunha interrompeu uma sessão satanista que realiuzava com Michel Temer”, evidenciadno não só uma aliança entre os cois personagens, mas uma aliança de culto a Satanás; 4) “Além das famílias mantidas refêns, o telão de Cunha também vai exibir imagens de pilhas de dólares sendo contadas ‘para animar os que já decidiram o voto, para que se lembrem do que os espera’”, ampliando comportamento que antes era de chantagista para chantagista e corrupto.

A notícia “Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados” traz personagens planos como o anti-herói Jair Bolsonaro, porta-voz da exaltação ao Coronel Brillhante Ustra na votação da Câmara de Deputados. Na narrativa do *Sensacionalista*, Ustra é a única figura que tem seus feitos explicitados, e, portanto, ele adquire a roupagem de vilão de destaque pelos seus feitos: “Ustra foi responsável pela morte de pelo menos 50 pessoas nos porões do DOI-CODI no período em que chefiou a instituição. Ele também chefiava o DOI-CODI quando a presidente Dilma foi presa e torturada”. Em seguida temos os personagens, também planos vilões de Adolf Hitler e Benito Mussolini que se pronunciam, segundo depoimentos de fontes: “Não adianta ler a literatura que nos inspirou, não adianta querer militarizar o país como nós fizemos, não adianta pensar as mesmas coisas que nós. Se quer o nosso apoio e dos nossos correligionários que ainda vivem, precisa citar”.

Em “Delcídio comemorou cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores” temos a figura do anti-herói que, depois de cassado, se deu bem em não precisar participar da sessão de votação do *impeachment* de Dilma Rousseff, o que demonstra, inclusive, uma ironia muito forte a real situação do político (cassado com 74 votos a favor e nenhum contra): “Em vez de ficar estristecido com a perda do cargo, Delcídio comemorou não estar hoje, no plenário do Senado, ouvindo os discursos de seus ex-colegas”. Entendemos o personagem como redondo, pois há complexibilidade na sua reação quanto à destituição de

seu cargo através da decisão de uma maioria esmagadora. A partir deste momento esperamos linearidade quanto à superação de Delcídio e verificamos a diante que ele perdeu privilégios e admite: “Questionado pela imprensa se estaria acompanhando os discursos pela televisão, Delcídio teria dito que junto com o mandato teria perdido também a assinatura da TV Senado”.

“Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial” trazem dois personagens redondos de destaque: Dilma como anti-heroína, enumeradamente caracterizada como 1) compradora das tachinhas, e portanto, vingativa; 2) que apresenta traços de honestidade, segundo o texto, através da maneira que adquiriu o material, fato que pode ser verificado em “Segundo prestação de contas, a presidente Dilma Rousseff pediu, ontem, a compra de quatro caixas para uso no gabinete presidencial”; 3) mentirosa: “Na prestação de contas, Dilma escreveu que tachinhas eram para reformar e “modernizar” no estilo “gótico rocker” um cinto preto que ela tem”.

O Outro personagem de destaque seria o então vilão Michel Temer, pois ao investigar a “desculpa que não colou” de Dilma, “já convocou uma “reunião rápida” com 540 aliados para decidir o que fazer. O grupo de Temer decidiu contratar, sem licitação, uma empreiteira para fazer a retirada dos “corpos metálicos”. Além disso, o vilão é irônico: “Outra opção, dada de brincadeira pelo futuro presidente, seria “deixar o Serra sentar primeiro. Ela tá doido pra sentar ali desde 1998”.

QUADRO 3 – Notícias fictícias que dão enfoque a personagens

1. Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito (17/04/2016)
2. Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente (17/04/2016)
3. Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do <i>impeachment</i> (17/04/2016)
4. Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver (17/04/2016)
5. Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados (17/04/2016)
6. Delcídio comemora cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores (11/05/2016)
7. Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial (11/05/2016)

FONTE: Elaborado pela autora

QUADRO 4 – Notícias fictícias que dão enfoque a personagens com seus respectivos papéis de destaque e caracterização

<b>Notícia fictícia</b>	<b>Papéis de destaque</b>	<b>Caracterização</b>
1. Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito	Deputado Walter Mão-Benta (protagonista, anti-herói)	Plano, caricatura
2. Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente	Deputado Eduardo Cunha (antagonista, vilão)	Redondo
3. Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do <i>impeachment</i>	Deputado Jorge Tadeu Mudalen (DEM) (protagonista, anti-herói)	Plano, caricatura
4. Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver	Deputado Eduardo Cunha (antagonista, vilão)	Redondo
5. Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados	Deputado Jair Bolsonaro (protagonista, anti-herói) Coronel Brilhante Ustra (antagonista, vilão) Hitler e Mussolini (antagonistas, vilões)	Planos, caricaturas
6. Delcídio comemorou cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores	Ex-senador Delcídio Amaral (protagonista, anti-herói)	Redondo
7. Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial	Dilma Rousseff (protagonista, anti-heroína) Michel Temer (vilão)	Redondos

FONTE: Elaborado pela autora

### 5.1.2 Notícias fictícias que destacam o ambiente das votações

Enquadram-se nesta categoria as notícias com informações sobre o que estava acontecendo no momento das votações na Câmara de Deputados e no Senado Federal. Considera-se que o ambiente físico (espaço), onde se deram os processos aqui envolvidos, agregam também características como a tensão, o suspense em relação à decisão a ser votada e a carga pessoal de cada governante num momento tão sério na política brasileira. Segundo Gancho (1991), “ambiente” é o conceito que dá conta destes fatores: “É o espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima” (GANCHO, 1991, p.23-24).

O ambiente exerce, portanto, importante papel nas narrativas e especialmente nos episódios trazidos à pesquisa, se considerarmos que foram eventos televisionados na grande mídia, sobre os quais especulava-se quanto aos resultados numéricos, mas não havia confirmação concreta. No sentido de orientar melhor o analista quanto ao ambiente, Gancho (1991) cita e enumera suas funções:

1. Situar os personagens no tempo, no espaço, no grupo social, enfim, nas condições em que vivem.
2. Ser a projeção dos conflitos vividos pelos personagens.
3. Estar em conflito com os personagens. Em algumas narrativas o ambiente se opõe aos personagens estabelecendo com eles um conflito.
4. Fornecer índices para o andamento do enredo (GANCHO, 1991, p.14).

Nesta categoria, as *fake news* contidas aparentam compor uma espécie de cobertura dos eventos. A título de exemplo, a notícia do *Sensacionalista* intitulada “Deputado que disse ‘vendo Monza 87’ fecha em 5 minutos” expressa definição do ambiente: “Os deputados aproveitaram para dizer seu voto e dar outros recados”, “Ao dizer que votava ‘sim’, ele aproveitou também para anunciar ‘Vendo Monza 87’ e assim que parou de falar seu telefone tocou”, sobre a votação realizada no dia 14 de abril de 2016, na Câmara de Deputados.

Sobre o ambiente do Senado, a manchete “Senadores estão há horas discutindo como iniciar uma votação sem perda de tempo com discussões” aborda o atraso para o início da sessão. “Enquanto os governistas pedem a palavra para questões de ordem, a oposição pede o direito para acusá-los de promover a desordem”.

QUADRO 5 – Notícias fictícias que destacam o ambiente das votações

1. Deputados farão um minuto de silêncio antes da votação por pato da Fiesp, esfaqueado em SP (17/04/2016)
2. Goleada até agora mostra que defesa do governo foi feita por David Luiz e Thiago Silva (17/04/2016)
3. Deputado que disse vendo “Monza 87” fecha em 5 minutos (17/04/2016)
4. Votos de deputados mostram que concordância e plural foram cassados (17/04/2016)
5. Senador Petecão questiona horário de merenda e inaugura sessão de bizarrices do Senado (11/05/2016)
6. Senadores estão há horas discutindo como iniciar uma votação sem perda de tempo com discussões (11/05/2016)
7. Senadores que reclamam do atraso na sessão inventam 39 formas de falar procrastinação (11/05/2016)
8. Dente de Renan Calheiros sofre <i>impeachment</i> durante entrevista. Veja vídeo (11/05/2016)

FONTE: Elaborado pela autora

### 5.1.3 Notícias que remetem a reflexos dos eventos das votações

A presente categoria traz as *fake news* do *Sensacionalista* que fazem piada com alguns efeitos e respostas de seus respectivos personagens aos eventos de votações na Câmara de Deputados e Senado sobre o prosseguimento do andamento do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Tais notícias têm o tempo como fator comum, mencionado nas manchetes. A noção de tempo utilizada se apoia na consideração de Gancho: “Neste livro abordaremos o tempo fictício, isto é, interno ao texto, estranhado no enredo” (GANCHO, 1991, p.20).

A autora traz definições sobre tempo nas narrativas: “pano de fundo para o enredo” (GANCHO, 1991, p.20); se o tempo é cronológico, isto é, “transcorre na ordem natural dos fatos do enredo” (GANCHO, 1991, p.20) ou psicológico, isto é, “altera a ordem natural dos acontecimentos” (GANCHO, 1991, p.20). Após a explanação destes conceitos, seria importante colocar que as notícias fictícias dentro da categoria em questão se enquadram quanto à época, no ano de 2016, século XXI, e suas abordagens possuem a linearidade do

tempo cronológico.

Em “Dois dias de discursos de deputados na TV triplicam venda de antidepressivos”, temos a responsabilidade do aumento de consumo da medicação atribuída ao período de tempo dos discursos em dias “(que ainda não terminaram)”, acrescida da informação de que “As pessoas que assistiram [sic] os discursos pela televisão sofreram de depressão instantânea”, “Mesmo os telespectadores com a saúde mental mais perfeita ficaram abalados”.

Já a notícia fictícia: “Retrospectiva dos melhores momentos do governo Dilma é cancelada por falta de matéria” traz a palavra “retrospectiva” como um marcador de tempo passado à fase do governo da presidente ainda em exercício, e que, segundo o texto “Levantamento mostra que a maioria dos canais de TV havia reservado 30 minutos para o especial, mas logo eles resolveram que a atração teria metade do tempo”.

QUADRO 6 – Notícias fictícias que rementem a reflexos dos eventos de votação

1. Retrospectiva dos melhores momentos do governo Dilma é cancelada por falta de matéria (11/05/2016)
2. Dois dias de discursos de deputados na TV triplicam venda de antidepressivos (17/04/2016)
3. Band News FM muda <i>slogan</i> para “Em dois minutos tudo pode mudar” (11/05/2016)
4. Motorista sofre acidente ao dormir no volante após ouvir rádio transmitindo sessão do <i>impeachment</i> (11/05/2016)
5. TV Câmara passa reprise de votação dos deputados e ganha de lavada da TV Senado no IBOPE (11/05/2016)
6. Depois de simular metralhadora no plenário filho de Bolsonaro é sondado pela banda vingadora (17/04/2016)
7. Deputados trabalham por três dias e médicos temem epidemia de estafa em Brasília (17/04/2016)

FONTE: Elaborado pela autora

## 5.2. AS FACES DO HUMOR NAS *FAKE NEWS* DO *SENSACIONALISTA*

O humor e o riso possuem múltiplas faces, como já visto na presente pesquisa. Pensando nas notícias fictícias do *Sensacionalista* – já agrupadas em categorias – faz-se necessário compreender o tipo de riso contido em cada conteúdo, baseado nos elementos de maior destaque como ironia, sátira e paródia.

Um elemento que proporciona o humor a ser observado nas *fake news* seria seu caráter imoral: a noção de ruptura com as expectativas naturais dos acontecimentos, a narração do inusitado, que Gancho (1991) traz em sua obra em relação às mensagens deixadas pelos textos. Segundo a autora, “mensagem é um pensamento ou conclusão que pode depreender da história lida ou ouvida” (GANCHO, 1991, p.30) e continua: “muitas histórias têm mensagens que contrariam a moral vigente e seriam, portanto, imorais” (GANHO, 1991, p.30).

A ironia, neste sentido, passa por estes pontos para que seja compreendida, muitas vezes, nas notícias do *Sensacionalista*. Além das mensagens, Gancho (1991) traz a definição de tema (ideia em torno da qual se desenvolve a história) e assunto (como o tema aparece desenvolvido no enredo).

A maneira de narrar os acontecimentos é também outro elemento que pode ser relacionado ao riso nas notícias do *Sensacionalista*. A introdução de falas de personagens, fontes, integrantes de supostas instituições especializadas no assunto a ser abordado nas *fake news* são pontos interessantes a serem comentados humoristicamente, pois auxiliam na noção de verossimilhança.

Temos no material levantado a utilização do discurso direto através do recurso das aspas – uma variante das formas convencionais (que são os verbos de elocução, dois-pontos e travessão), segundo Gancho – na inserção das falas em questão. Outro ponto a se observar seria o tamanho das falas destas pessoas envolvidas, geralmente curtas e também não se caracterizando como o foco das notícias falsas.

### 5.2.1 As faces do humor nas notícias fictícias que dão enfoque a personagens

As notícias encontradas no site do *Sensacionalista* com destaque nos personagens foram comparadas às notícias reais, para que se compreenda o fundo de real contido nas *fake news*. Há também a indicação quanto à utilização dos recursos como ironia, sátira e paródia em cada texto humorístico, nesta e nas categorias seguintes.

QUADRO 7 – Comparativo da notícia fictícia “Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Deputado ainda está indeciso se aceita crédito ou débito <sup>76</sup>	[...] “‘Sempre fui meio indeciso’, teria dito a interlocutores. No começo da minha caminhada política, nunca sabia se pegava um terço um 33% do preço das obras”, teria dito aos assessores. Nunca sabia se colocava a irmã para ser secretária da ação social ou metia logo na tesouraria para facilitar tudo”, completou.	[...] “A um dia da votação no plenário da Câmara dos Deputados, governo e oposição ainda travam uma batalha junto a parlamentares indecisos com o objetivo de garantir os votos necessários tanto para barrar o processo de impeachment quanto para garantir que o pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff seja aceito.” <sup>77</sup> [...]
Riso decorrente da associação entre a indecisão de deputados entre propostas corruptas.	Desta vez, Walter Mão Benta enfrenta um drama ainda maior: crédito ou débito? “A Dilma disse que vai pagar à vista, que o dela é garantido agora. O Temer disse que é só esperar cair o primeiro pagamento dele de presidente no começo do mês que vem. Difícil. E ainda têm que pagar a taxa da maquininha. Tempo bom era quando era tudo em dinheiro”.	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b>  Paródia Ironia Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/deputado-ainda-esta-indeciso-se-aceita-credito-ou-debito/>>. Acesso em: 01/02/2017.

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/um-dia-de-votacao-governo-e-oposicao-disputam-votos-de-indecisos.html>>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 8 – Comparativo da notícia fictícia “Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Ar condicionado do plenário foi desligado porque frieza de Cunha já congela o ambiente <sup>78</sup>	“Ele é citado, xingado, seus malfeitos são lembrados. Teve até faixa bem atrás de onde ele estava sentado escrito ‘Fora Cunha’. Mas nada abala o presidente da Câmara dos Deputados do Brasil. Ele organiza impassível a votação do impeachment da presidente Dilma Roussef, sem reclamar, sem se levantar, sem pedir direito de respostas. Mas: ri, se divertindo, das bizarrices das declarações dos deputados.	“O presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, afirmou nesta segunda-feira (18) que vai abrir um processo contra os parlamentares que fizeram críticas a ele durante a votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff, realizada neste domingo (17).
Riso decorrente da associação entre a postura indiferente de Eduardo Cunha frente e às manifestações contrárias a ele durante a votação.	A frieza de Eduardo Cunha é tanta que os aparelhos de ar condicionado do plenário da Câmara foram desligados. Basta ele. O frio era o motivo de tantos deputados estarem enrolados em bandeiras, seja do Brasil ou de seus estados.”	A informação foi confirmada pela assessoria da Mesa Diretora da Câmara, que disse estar em processo de análise para verificar quais são os deputados que devem ser denunciados” [...] <sup>79</sup> .
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b>  Paródia  Ironia  Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/ar-condicionado-do-plenario-foi-desligado-porque-frieza-de-cunha-ja-congela-o-ambiente/>>. Acesso em: 11/01/2017.

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://noticias.r7.com/brasil/eduardo-cunha-vai-processar-deputados-que-o-criticaram-durante-votacao-do-impeachment-18042016>>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 9 – Comparativo da notícia fictícia “Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do *impeachment*”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Além de resultado da votação, Brasil quer saber quem é o papagaio de pirata oficial do <i>impeachment</i> <sup>80</sup>	“Ele é baixinho e parece um mini Agildo Ribeiro. Se colocou bem na reta das câmeras, ao lado do púlpito em que os mais de 500 deputados estão declarando seu voto na sessão do impeachment. Reage com palavras de ordem, tapinhas nas costas ou cara fechada aos votos dos parlamentares. Está feliz como pinto no lixo com a visibilidade conseguida.	“Dois deputados apelidos nas redes sociais como “papagaios de pirata” instigaram os intenautas. Os dois ficaram o tempo todo do lado microfone onde os parlamentares declaravam votos. O mistério foi desfeito ontem mesmo. Um deles era Jorge Tadeu Mudalen, do DEM de Guarulhos, que reagia a cada voto. O suplente à vaga de deputado federal
Riso decorrente da associação entre a postura do deputado Jorge Tadeu Mudalen e o aproveitamento do evento para promoção de sua imagem.	Quem é ele? – O Brasil se pergunta, angustiado. No fim veio a resposta. É o deputado Jorge Tadeu Mudalen, do DEM de Guarulhos.”	Fabrício Oliveira (PSB), pré-candidato a prefeito de Balneário Camboriú, também ganhou destaque” [...]” <sup>81</sup> .
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/alem-de-resultado-da-votacao-brasil-quer-saber-quem-e-o-papagaio-de-pirata-oficial-do-impeachment/>>. Acesso em: 11/01/2017.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/439466/papagaios-de-pirata-chamam-atencao>>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 10 – Comparativo da notícia fictícia “Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
<p>17/04/2016 – Cunha manda colocar telão na Câmara para deputados indecisos assistirem famílias sob mira de revólver<sup>82</sup></p>	<p>“O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, aprovou hoje uma nova alteração no regimento da Casa que permitirá a instalação de um telão no plenário. [...] Hoje, descobriu-se que o verdadeiro objetivo é complementar uma ação da frente de oposição que, na manhã de hoje, sequestrou a família de 25 deputados indecisos e as manterá sob mira de revólver até o fim da votação. Muito criticado por esta atitude, Cunha interrompeu uma sessão satanista que realizava com Michel Temer. ‘Não vou aceitar críticas. Está tudo de acordo com as regras e costumes desta Casa que tanto respeito. Ninguém vai se ferir e não há crime que possa ser imputado. Sou o primeiro a defender a democracia e o estado de direito. É só os excelentíssimos colegas votarem corretamente’, disse ele”.</p>	<p>“Preocupado em constranger ausências, Cunha estuda ainda chamar todos os deputados de um estado e, logo em seguida, realizar a segunda chamada deste mesmo estado. Dois telões vão exibir imagens das manifestações externas no plenário da Casa enquanto os deputados votam. Eles exibirão as imagens de duas câmeras externas: uma instalada no 28º andar e outra sobre a laje do Congresso, entre as cúpulas da Câmara e do Senado. De acordo com informações da diretoria-executiva da Comunicação Social da Câmara, serão transmitidas imagens dos dois grupos, pró e contra o impeachment, ‘de pixuleco a Fora, Cunha!’, para que os deputados tenham a visão do clima das ruas” [...] <sup>83</sup>.</p>
<p>Riso decorrente de associação entre pressões sofridas por deputados e violência.</p>		
<p><b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira</p>		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/cunha-manda-colocar-telao-na-camara-para-deputados-indecisos-assistirem-familias-sob-mira-de-revolver/>>. Acesso em: 27/08/2016.

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/camara-decide-neste-domingo-se-autoriza-processo-de-impeachment-contradilma-19105658>>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 11 – Comparativo da notícia fictícia “Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Bolsonaro cita coronel Ustra em voto e deixa Hitler e Mussolini enciumados	[...] “Tantos elogios a esta figura singular de nossa democracia podem trazer problemas para o deputado. Fontes ligadas a Adolf Hitler e Benito Mussolini sinalizaram que os dois, que acompanham.	[...] “Jair Bolsonaro (PSC-RJ): Pelo povo de São Paulo nas ruas com o espírito dos revolucionários de 32, pelo respeito aos 59 milhões de votos contra o estatuto do desarmamento em 2005, pelos militares de 64, hoje e sempre, pelas polícias, em nome de Deus e da família brasileira, é sim! E Lula e Dilma na cadeia!” <sup>84</sup> .
Riso decorrente da associação entre conjuntura nacional e regimes totalitários	‘Não adianta ler a literatura que nos inspirou, não adianta querer militarizar o país como nós fizemos, não adianta pensar as mesmas coisas que nós. Se quer o nosso apoio e dos nossos correligionários que ainda vivem, precisa citar. Senão vira bagunça. Bagunça é coisa de vagabundo e sabemos muito bem o que fazer com vagabundo’, escreveram em nota coletiva” [...].	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Ironia Sátira Paródia		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>84</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml>>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 12 – Comparativo da notícia fictícia “Delcídio comemorou cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores”

<p><b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b></p>	<p><b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b></p>	<p><b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b></p>
<p>11/05/2016 – Delcídio comemorou cassação por não ter que ficar ouvindo discurso de senadores<sup>85</sup></p>	<p>“Ao contrário do que se esperava, o ex-senador Delcídio Amaral comemorou a cassação do seu mandato ontem por 74 votos a favor. Em vez de ficar entristecido com a perda do cargo, Delcídio comemorou não ter que estar hoje, no plenário do Senado, ouvindo os discursos de seus ex-colegas.</p>	<p>“O senador Delcídio do Amaral (sem partido-MS) teve seu mandato cassado nesta terça-feira (10), após ter sido alvo de processo no Conselho de Ética do Senado por quebra de decoro. A punição foi aprovada por 74 dos 81 senadores, em votação no plenário do Senado, após o Conselho recomendar a cassação.</p>
<p>Riso decorrente da associação entre a cassação do mandato do ex-senador Delcídio do Amaral (sem partido-MS) e a longa sessão de votação no Senado Federal.</p>	<p>Antes da votação, os senadores inscritos poderão falar por até 15 longos minutos cada um. Pessoas ligadas a Delcídio disseram que ele foi visto muito aliviado e feliz de não ter que estar ali sentado ouvindo aquilo o dia inteiro.</p> <p>Questionado pela imprensa se estaria acompanhando os discursos pela televisão, Delcídio teria dito que junto com o mandato teria perdido também a assinatura da TV Senado.”</p>	<p>[...]</p> <p>O ex-petista fica agora inelegível até 2027 – não pode concorrer nas eleições que se realizarem até o fim do mandato para o qual foi eleito (que seria no fim de 2018) e nos oito anos subsequentes ao término da legislatura. Com a cassação, assume seu <b>suplente, Pedro Chaves (PSC-MS)</b>, empresário da área da educação e ligado ao pecuarista José Carlos Bumlai.”<sup>86</sup>.</p>
<p><b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b></p> <p>Paródia</p> <p>Ironia</p>		<p>[...]</p>

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/delcidio-comemorou-cassacao-por-nao-ter-que-ficar-ouvindo-discursos-de-senadores/>>. Acesso em: 13/01/2017.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/10/senado-cassa-mandato-de-delcidio-do-amaral.htm>>. Acesso em: 14/01/2017.

QUADRO 13 – Comparativo da notícia fictícia Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial

<p><b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b></p>	<p><b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b></p>	<p><b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b></p>
<p>11/05/2016 – Dilma é vista comprando quatro caixas de tachinhas para colocar na cadeira presidencial<sup>87</sup></p>	<p>“Segundo sua última prestação de contas, a presidente Dilma Rousseff pediu, ontem, a compra de quatro caixas de tachinhas para uso no gabinete presidencial.</p> <p>Na prestação de contas, Dilma escreveu que as tachinhas eram para reformar e</p>	<p>[...] “Dirigindo-se aos companheiros, na noite que quarta-feira, Dilma Rousseff começou por dizer: “Eu acho que vocês são o que de melhor me aconteceu e ao país nesses últimos tempos tão sombrios.”</p>
<p>Riso decorrente da associação entre comportamento político e infantilidade</p>	<p>‘modernizar’ no estilo ‘gótico rocker’ um cinto preto que ela tem. Mas a assessores próximos admitiu que vai colocar tudo na cadeira presidencial no fim do dia.</p> <p>A desculpa oficial não colou e Michel Temer já convocou uma ‘reunião rápida’ com 540 aliados para decidir o que fazer.</p>	<p>Repetindo a ideia de ser alvo de ‘um golpe’, lembrou o ex-Presidente Getúlio Vargas, que ‘se suicidou porque queria preservar a democracia” no país e “sabia que ele estava em risco’.</p>
<p><b>Elementos que prevalecem neste texto do Sensacionalista:</b></p> <p>Ironia Sátira Paródia</p>	<p>O grupo de Temer decidiu contratar, sem licitação, uma empreiteira para fazer a retirada dos ‘corpos metálicos’. Outra opção, dada de brincadeira pelo futuro presidente, seria ‘deixar o Serra sentar primeiro. Ele está doido para sentar ali desde 1998’”.</p>	<p>‘Nós Somos responsáveis por termos construído um outro tempo histórico, porque hoje eu não tenho de renunciar, não tenho de me suicidar, não tenho de fugir” completou”<sup>88</sup>.</p> <p>[...]</p>

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/dilma-e-vista-comprando-quatro-caixas-de-tachinhas-para-colocar-na-cadeira-presidencial/>>. Acesso em: 07/11/2016.

<sup>88</sup> Disponível em: <<http://www.magazineindependente.com/www2/dilma-contesta-impeachment-eu-nao-tenho-de-renunciar-eu-nao-tenho-de-fugir/>>. Acesso em: 14/01/2017.

### 5.2.2. As faces do humor nas notícias que dão enfoque ao ambiente das votações

As notícias encontradas no site do *Sensacionalista* classificadas de acordo com o ambiente das votações (Câmara de Deputados e Senado Federal) foram aqui organizadas.

QUADRO 14 – Comparativo da notícia fictícia “Deputados farão um minuto de silêncio antes da votação por pato da Fiesp, esfaqueado em SP”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Deputados farão um minuto de silêncio antes da votação por pato da Fiesp, esfaqueado em SP <sup>89</sup>	“O pato da Fiesp foi esfaqueado durante a noite por um petista que invadiu a sede da entidade. O pato destruído foi justamente o maior, de três metros. O manifestante foi detido, mas sua identidade não foi divulgado.	“Eram ainda 8h30 de hoje (17) quando um homem, de identidade não revelada pela polícia, usou uma faca para furar o pato amarelo inflável, instalado em frente ao prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na Avenida Paulista, região central da capital paulista, e que se tornou um símbolo dos atos contra a permanência da presidenta Dilma Rousseff na condução da Nação. O agressor foi detido pela Polícia Militar (PM) e logo o pato danificado foi substituído por outro igual” <sup>90</sup> .
Riso decorrente da associação entre o ato de um civil em furar o pato de plástico e o momento da votação.	O pato é a primeira vítima fatal da manifestação – e espera-se que seja a última. Entidade de defesa dos direitos dos animais saíram em protesto contra a morte do patinho. Donald, que viria ao Brasil acompanhar a votação, desistiu. A Câmara resolveu fazer um minuto de silêncio pelo pato antes do início da votação. Há uma torcida para que o minuto dure muito mais que um minuto, assim ficaremos um bom tempo sem ouvir bobagens dos dois lados.	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Ironia Paródia	‘Infelizmente, o pato pagou o pato’, disse um manifestante”.	

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>89</sup> Disponível em: < <https://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/deputados-farao-um-minuto-de-silencio-antes-da-votacao-por-pato-da-fiesp-esfaqueado-em-sp/>>. Acesso em: 13/07/2018.

<sup>90</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/homem-fura-o-pato-da-fiesp-faca-e-vai-presos-na-avenida-paulista>>. Acesso em: 13/07/2018.

QUADRO 15 – Comparativo da notícia fictícia “Goleada até agora mostra que defesa do governo foi feita por David Luiz e Thiago Silva”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Goleada até agora mostra que defesa do governo foi feita por David Luiz e Thiago Silva <sup>91</sup>	“A goleada até agora sofrida pelo governo na votação do impeachment mostra que a defesa da presidente Dilma Rousseff foi feita pelos zagueiros da seleção e coordenada por Felipão. O placar abriu e chegou a estar por 9 x1.	“O pedido de abertura de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) foi aprovado pela Câmara dos Deputados na noite deste domingo (17).
Riso decorrente da associação entre a votação e a derrota na competição esportiva.	Em seguida a votação seguiu em ampla vantagem pelo impeachment. Muita gente chegou a comemorar os gols da oposição. ‘Esse sim é um bom 7 a 1 de se ver’, disse um opositor de Dilma”.	Após seis horas de votação, o placar final foi: 367 votos a favor do impeachment, 137 contra, além de 7 abstenções e 2 ausentes. Para ser aprovado na Câmara, o processo dependia do voto de no mínimo 342 dos 513 deputados, ou dois terços do total” [...].
<p><b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b></p> <p>Ironia</p> <p>Paródia</p>		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>91</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/goleada-ate-agora-mostra-que-defesa-do-governo-foi-feita-por-david-luiz-e-thiago-silva/>>. Acesso em: 11/01/2017.

QUADRO 16 – Comparativo da notícia fictícia “Deputado que disse “vendo Monza 87” fecha em 5 minutos”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TRECHO DO TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Deputado que disse “vendo Monza 87” fecha em 5 minutos <sup>92</sup>	“A votação ao vivo transmitida para todo o Brasil pela maioria das redes de TV teve um resultado bom também para o deputado Marcolino Fernandes Lanna. Ao dizer que votava “sim” ele aproveitou também para anunciar ‘Vendo Monza 87’ e assim que parou de falar seu telefone tocou.	[...] “Tchau, querida’, diziam cartazes levados ao plenário. Muitos também acabaram seu discurso com a frase, entre eles Elizeu Dionízio (PSDB-MS) e Alexandre Leitte (DEM-SP).”
Riso decorrente da associação entre visibilidade na votação e aproveitamento deste momento para publicidade nos negócios pessoais.	Os deputados aproveitaram para dizer seu voto e dar outros recados. Uns deram spoolers. Um deputado gritou ‘Jon Snow morre’ e foi vaiado”.	[...]
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira		Discursando pelo PROS, o deputado Ronaldo Fonseca (DF) disse que o discurso de que o impeachment seria ‘golpe’ não passa de ‘diarreja verbal’. Coordenador da Bancada da Assembleia de Deus na Câmara, ao anunciar seu voto Fonseca mostrou preocupação pelo conflito no Oriente Médio <sup>93</sup> [...].

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>92</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/deputado-que-disse-vendo-monza-87-fecha-negocio-em-5-minutos/>>. Acesso em: 27/08/2016.

<sup>93</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417\\_momentos\\_marcantes\\_impeachm ent\\_ru](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417_momentos_marcantes_impeachm ent_ru)>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 17 – Comparativo da notícia fictícia “Votos de deputados mostram que concordância e plural foram cassados”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Votos de deputados mostram que concordância e plural foram cassados <sup>94</sup>	“Pelas minhas eleitora. Pelos meus eleitores. Pelas família. Pelos pai. Por isso, por aquilo, pelo outro. Mas tudo sem plural ou concordância. A votação do impeachment da presidente Dilma	“Esqueça a democracia: o que foi assassinada mesmo neste domingo (17) foi a língua portuguesa — durante a votação do impeachment da
Riso decorrente da associação entre a ausência de domínio da norma padrão da língua portuguesa pelos políticos e a utilização da palavra “cassados” remetendo à perda de mandato por corrupção.	Rousseff provou que o português já foi cassado no país. O impeachment do idioma foi mostrado ao vivo para todo o país, durante a votação. Não existe coerência nesse processo e muito menos português correto”, disse a professora Amarilda Santos”.	presidente Dilma, os deputados federais se esqueceram de uma regra muito importante: a concordância verbal. + Relator do impeachment provoca polêmica ao citar Chico Xavier em discurso. Eduardo Cunha é alvo de críticas e piadas” <sup>95</sup> [...].
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>94</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/votos-de-deputados-mostram-que-concordancia-e-plural-foram-cassados/>>. Acesso em: 13/01/2017.

<sup>95</sup> Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blog/pop/deputados-cometem-erro-gramatical-gravissimo-durante-votacao-do-impeachment-e-gafe-irada-piada-na-internet/>>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 18 – Comparativo da notícia fictícia “Senador Petecão questiona horário da merenda e inaugura sessão de bizarrices do Senado”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
11/05/2016 – Senador Petecão questiona horário da merenda e inaugura sessão de bizarrices do Senado <sup>96</sup>	“A sessão do Senado que vai votar o impeachment da presidente Dilma Rousseff havia começado há pouco mais de uma hora quando o senador Sérgio Petecão, do PSD do Acre, pediu a palavra. Estava extremamente preocupado. Com o tempo em que a sessão duraria até pudessem ter um intervalo. Fez estatísticas de horário, reclamou, firmou a importância da merenda para um dia tão cheio.	[...] “A sessão, que começou na manhã da quarta-feira, só foi encerrada às 6h34 da manhã de quinta-feira. Cada um dos 71 senadores inscritos discursou por 15 minutos, e o presidente do Senado, Renan Calheiros, fez duas pausas: para o almoço e para o jantar” <sup>97</sup> [...].
Riso decorrente da associação entre as experiências vividas da sessão da Câmara de Deputados e expectativa de algo semelhante na votação no Senado  Ironia Sátira	Somado seu ‘nome artísitico-político’ ao seu pleito, instituiu-se que naquele momento foi inaugurado oficialmente a sessão de bizarrices na votação do impeachment no Senado Federal.  O público espera ansiosamente pela continuidade da sessão.”	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b>  Ironia Sátira Paródia		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>96</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/senador-petecao-questiona-horario-da-merenda-e-inaugura-sessao-de-bizarrices-no-senado/>>. Acesso em: 07/11/2016.

<sup>97</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511\\_momentos\\_votacao\\_senado\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511_momentos_votacao_senado_rm)>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 19 – Comparativo da notícia fictícia “Senadores estão há horas discutindo como iniciar uma votação sem perda de tempo com discussões”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
11/05/2016 – Senadores estão há horas discutindo como iniciar uma votação sem perda de tempo com discussões <sup>98</sup>	“Já são quase duas horas de discussões desde a abertura dos trabalhos no Senado Federal para que se dê prosseguimento com a votação do processo de impeachment da Presidente Dilma sem maiores discussões.	[...] “O início da fase de discursos da sessão de votação do impeachment no Senado estava marcado para 9h desta quarta-feira. No entanto, no horário agendado, nem metade dos senadores estava no plenário. Antes de abrir a sessão, o presidente da Casa, Renan Calheiros, ainda falou aos jornalistas e só deu início aos trabalhos ‘sob a proteção de Deus’, conforme anunciou, às 10h, com uma hora de atraso” <sup>99</sup> [...].
Riso decorrente da associação entre atraso do início da sessão e o mau aproveitamento do tempo pelos legisladores.	Os senadores discutem uma forma de votar o impeachment sem discussões que causem perda de tempo. A oposição acusa os governistas de procrastinação, os governistas acusam a oposição de procrastinar a tentativa de procrastinação. Enquanto os governistas pedem a palavra para questões de ordem, a oposição pede o direito de resposta para acusá-los de promover a desordem”.	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>98</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/senadores-estao-ha-horas-discutindo-como-iniciar-uma-votacao-sem-perda-de-tempo-com-discussoes/>>. Acesso em: 07/11/2016.

<sup>99</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511\\_momentos\\_votacao\\_senado\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511_momentos_votacao_senado_rm)>. Acesso em: 13/01/2017.

QUADRO 20 – Comparativo da notícia fictícia “Senadores que reclamam do atraso na sessão e inventam 39 formas de falar procrastinação”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
11-05-2016 - Senadores que reclamam do atraso na sessão e inventam 39 formas de falar procrastinação <sup>100</sup>	“A multiplicação dos discursos e das palavras de ordem na sessão do Senado que vai votar o impeachment da presidente Dilma está deixando muito senadores insatisfeitos. Reclamar do atraso virou o principal foco dos discursos e, neles, os parlamentares querem – como sempre – falar bonito. O resultado é que já inventaram quase 40 novas maneiras de dizer a palavra ‘procrastinação’.	[...] “A sessão começou, porém, não com o início das falas dos 71 oradores inscritos para comentarem o processo de impeachment antes do voto, mas sim com uma série de pedidos de ‘questão de ordem’ vindas de setores governistas, numa tentativa de suspender a votação ou ao menos procrastiná-la” <sup>101</sup> [...].
Riso decorrente da associação entre o atraso do início da sessão e o comportamento daqueles que querem atrasá-la.	Algumas delas: ‘Proscratinação’ ‘Prostinação’ ‘Proscrastinação’ ‘Prostincação’ ‘Prostituição’	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira	Um especialista, após a sessão, vai atender os senadores para entender por que alguém que não sabe falar direito uma palavra não a substitui por outra. Bela Gil aconselharia: ‘Você pode substituir a palavra procrastinação por atraso, por exemplo’”.	

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/senadores-que-reclamam-do-atraso-na-sessao-inventam-39-novas-formas-de-falar-procrastinacao/>>. Acesso em: 13/01/2017.

<sup>101</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511\\_momentos\\_votacao\\_senado\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160511_momentos_votacao_senado_rm)>. Acesso em: 07/11/2016.

QUADRO 21 – Comparativo da notícia fictícia “Dente de Renan Calheiros sofre *impeachment* durante entrevista. Veja vídeo”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
<p>11/05/2016 – Dente de Renan Calheiros sofre <i>impeachment</i> durante entrevista. Veja vídeo<sup>102</sup>.</p>	<p>“Mais um pivô relacionado ao impeachment caiu. Dessa vez foi o dente de Renan Calheiros que sofreu impeachment e foi imediatamente afastado do cargo. O dente já tinha pedido para sair do PMDB por causa das denúncias contra Eduardo Cunha e escolheu fazer um ato em frente às câmeras durante uma coletiva.</p>	<p>“Não foi de Dilma a primeira queda que marcou o Senado nesta quarta-feira (11/5). Enquanto dava uma entrevista coletiva, o que parecia ser um dos dentes do presidente do Senado, Renan Calheiros, caiu. Por volta de 23h30, o secretário-geral da mesa, Luiz</p>
<p>Riso decorrente da associação entre a queda do dente do Senador Renan Calheiros e as quedas de cargos no meio político.</p>	<p>Veja no vídeo abaixo o exato momento em que há a dissidência dentária e o elemento é cortado pela raiz da boca do presidente do Senado. Depois de romper com o PMDB, o dente, para provar que não é fisiologista, já preencheu ficha de inscrição na Rede e prometeu melhorar o sorriso de Marina Silva.</p>	<p>Fernando Bandeira de Mello Filho, disse que o que voou da boca de Renan foi uma bala e não o dente do senador. Apesar do acontecimento inusitado, Calheiros continuou falando normalmente”<sup>103</sup>. [...]</p>
<p><b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia</p>	<p>A celebridade instantânea do dente chamou a atenção de partidos nanicos. O presidente do PSC quer lançar o dente com o slogan ‘Voto por voto, dente por dente’ para puxar votos de deputados mal votados que preenchem a cota de lambedores da bota sangrenta de Carlos Brilhante Ustra”.</p>	

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>102</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/dente-de-renan-calheiros-sofre-impeachment-durante-entrevista-veja-video/>>. Acesso em: 14/01/2017.

<sup>103</sup> Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/05/11/internas\\_polbraeco,531472/caiu-dente-de-calheiros-cai-enquanto-senador-da-entrevista-veja.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/05/11/internas_polbraeco,531472/caiu-dente-de-calheiros-cai-enquanto-senador-da-entrevista-veja.shtml)>. Acesso em: 14/01/2017.

### 5.2.3 As faces do humor nas notícias que remetem a reflexos dos eventos da votação

As notícias encontradas no site do *Sensacionalista* foram aqui classificadas e organizadas de acordo com os reflexos dos processos de votação na Câmara de Deputados e Senado.

QUADRO 22 – Comparativo da notícia fictícia “Retrospectiva dos melhores momentos do governo Dilma é cancelada por falta de matéria”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Retrospectiva dos melhores momentos do governo Dilma é cancelada por falta de matéria <sup>104</sup>	“Emissoras de TV cancelaram a exibição dos melhores momentos do governo Dilma Rousseff por falta de material. Levantamento mostra que a maioria dos canais de TV havia reservado 30 minutos para o especial, mas logo eles resolveram que a atração teria metade do tempo. Depois de uma extensa pesquisa, concluíram que não havia material nem mesmo para um minuto de programa.	“A última pesquisa do Ibope encomendada pela CNI, <b>divulgada em setembro</b> , apontava que 10% dos eleitores aprovavam o governo (consideravam ‘ótimo’ ou ‘bom’); 69% dos entrevistados avaliavam a administração Dilma como ‘ruim’ ou ‘péssima’; e 21% consideravam a gestão ‘regular’.
Riso decorrente da associação entre a crítica ao governo Dilma e o fim dele.	‘Passei a noite analisando o material, vendo vídeos, pesquisando jornais, não encontrei nada. O grande marco do governo Dilma foi não ter marco”, disse um editor que ficou encarregado da tarefa. Algumas emissoras optaram, então, por fazer um programa só com as gafes da presidente. Também desistiram, já que esse especial teria mais de 24 horas e ocuparia a programação inteira com pérolas como a estocagem do vento e a saudação da mandioca”’.	[...] A pesquisa divulgada nesta terça também avaliou a opinião dos entrevistados sobre ‘a maneira de governar’ da presidente: 14% aprovam; 82% desaprovam; e 4% não souberam ou não responderam” <sup>105</sup> .
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia		[...]

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/retrospectiva-dos-melhores-momentos-do-governo-dilma-e-cancelada-por-falta-de-material/>>. Acesso em: 11/01/2017.

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/governo-dilma-tem-aprovacao-de-9-e-reprovacao-de-70-diz-ibope.html>>. Acesso em: 14/01/2017.

QUADRO 23 – Comparativo da notícia fictícia “Dois dias de discursos de deputados na TV triplicam venda de antidepressivos”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Dois dias de discursos de deputados na TV triplicam venda de antidepressivos <sup>106</sup>	“Os dois dias (que ainda não terminaram) de discursos de deputados no plenário da Câmara, contra ou a favor do impeachment da presidente Dilma, causaram um fenômeno na população brasileira. As pessoas que assistiram aos discursos pela televisão durante muito tempo sofreram de depressão instantânea. Foram erros de português, equívocos históricos, falta de noção de qualquer coisa, adereços exagerados, poemas e canções fora de hora, desrespeito ao tempo dos outros, xingamentos, quase agressões físicas. Mesmo os telespectadores com a saúde mental mais perfeita ficaram abalados.	“A sessão quebrou o recorde da Casa Legislativa como a maior da história. Após quase 43 horas de debate ininterrupto, terminou às 3h42 deste domingo (17) a 9ª e última sessão consecutiva sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff na Câmara, antes da reunião em plenária que votará a admissibilidade do processo contra a petista, que foi convocada para as 14h.
Riso decorrente da associação entre a longa duração da sessão que antecedeu à votação na Câmara de Deputados e às muitas declarações feitas durante o cansativo evento.	Mesmo os telespectadores com a saúde mental mais perfeita ficaram abalados. O resultado foi a multiplicação da venda de antidepressivos, já registrado nas principais capitais do país. Em algumas farmácias, os remédios estão se esgotando. ‘Já está mais fácil encontrar vacina contra H1N1 do que antidepressivo’, afirma a consumidora Léa Batista, de São Paulo. Ela procura um remédio desde que um deputado entoou ‘Dilma Coração Valente’ no púlpito, inadequado e desafinado. ‘Logo depois um outro deputado fez explosão de papel laminado. Não estou aguentando’, afirma”.	Apesar dos 249 parlamentares terem se inscrito para se pronunciar, nem todos resistiram até o final. Mais de 70 desistiram e outra centena não compareceu. Por isso, a sessão foi encerrada antes do previsto, com um quórum de menos de 20 congressistas <sup>107</sup> .”. [...]
<b>Elementos que prevalecem neste texto do Sensacionalista:</b> Paródia Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/dois-dias-de-discursos-de-deputados-na-tv-triplicam-venda-de-antidepressivos/>>. Acesso em: 27/08/2016.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2016-04-17/apos-quase-43-horas-camara-encerra-sessao-que-antecede-votacao-do-impeachment.html>>. Acesso em: 14/01/2017.

QUADRO 24 – Comparativo da notícia fictícia “Band News FM muda slogan para “Em 2 minutos tudo pode mudar””

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
11/05/2016 – Band News FM muda slogan para “Em 2 minutos tudo pode mudar” <sup>108</sup>	“Onze anos depois de ser criada, a Band News FM resolveu mudar seu slogan, que estava defasado. Os atribulados acontecimentos da política nacional fizeram a emissora trocar o ‘Em 20 minutos tudo pode mudar’ pelo ‘Em dois minutos tudo pode mudar’. A troca acontecerá hoje, durante o programa de Ricardo Boechat.	“A oposição ameaça boicotar as sessões da Câmara enquanto o deputado Waldir Maranhão, do PP, continuar na presidência da casa. Nesta segunda-feira (9), Maranhão suspendeu o processo de impeachment da presidente Dilma, mas depois voltou atrás e anulou a decisão.
Riso decorrente da associação entre as mudanças no cenário político brasileiro e o slogan de um veículo de informação que se refere ao tempo.	‘Temos observado que as mudanças acontecem muito mais rápido do que na década passada. O <u>Brasileiro já tem medo de ir ao banheiro e, quando voltar, estar na monarquia</u> ’, disse um diretor da rádio. A emissora informou que vai acompanhar o ritmo da mudança e poderá em breve fazer ajustes em seu slogan. ‘Se for necessário passamos para dois segundos ou até mesmo milésimos’, concluiu.	Questionado sobre a mudança de decisão, Maranhão foi econômico: ‘Nós vamos conversar depois’ <sup>109</sup> ’. [...]
<b>Elementos que prevalecem neste texto do Sensacionalista:</b> Paródia Ironia	Leia também: <u>Boechat fica dois segundos sem falar e colegas chamam os bombeiros</u> ”.	

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>108</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/band-news-fm-muda-o-slogan-para-em-2-minutos-tudo-pode-mudar/>>. Acesso em: 07/11/2016.

<sup>109</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/05/waldir-maranhao-desiste-da-decisao-de-anular-processo-de-impeachment.html>>. Acesso em: 14/01/2017.

QUADRO 25 – Comparativo da notícia fictícia “Motorista sofre acidente ao dormir no volante após ouvir rádio transmitindo sessão do *impeachment*”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
11/05/2016 - Motorista sofre acidente ao dormir no volante após ouvir rádio transmitindo sessão do <i>impeachment</i> . <sup>110</sup>	“Iberto Barros, de 42 anos, se envolveu em um acidente de trânsito no Rio de Janeiro, na tarde dessa quarta-feira. Ele acabou dormindo no volante depois de ter sintonizado o rádio do carro em uma estação que transmitia a sessão do impeachment no Senado.	[...]“O clima no Senado foi de mais tranquilidade em relação ao dia em que a Câmara votou a admissibilidade do impeachment” [...]” <sup>111</sup> .
Riso decorrente da associação do tédio durante a votação no Senado Federal ao cansaço do motorista.	‘Estava dirigindo quando comecei a ouvir uma conversa fiada danada de um senador que nem me lembro o nome. Só acordei com o impacto do soco do motorista do carro que estava na minha frente no meu rosto’, disse Alberto. Nos bastidores do Senado, Renan Calheiros foi visto comendo um quilo de grão de café durante o intervalo de almoço, para não dormir durante as falas dos outros senadores”.	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Ironia Sátira	[...]	

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>110</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/motorista-sofre-acidente-ao-dormir-no-volante-apos-ouvir-radio-transmitindo-sessao-do-impeachment/>>. Acesso em: 14/01/2017.

<sup>111</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/12/senado-aprova-processo-de-impeachment-e-afasta-dilma-por-ate-180-dias.htm>>. Acesso em: 14/01/2017.

QUADRO 26 – Comparativo da notícia fictícia “TV Câmara passa reprise de votação dos deputados e ganha de lavada da TV Senado no IBOPE”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
<p>11/05/2016 – TV Câmara passa reprise de votação dos deputados e ganha de lavada da TV Senado no IBOPE<sup>112</sup></p>	<p>“Era para a votação no Senado ser a grande atração do dia, mas os discursos longos e enfadonhos estão causando desânimo e sono em quem está assistindo. Sem programação hoje, a TV Câmara decidiu passar uma reprise da votação do impeachment na câmara dos deputados. Para a surpresa dos programadores do canal a TV Câmara passou a TV Senado na audiência e está dando uma lavada no IBOPE.</p>	<p>“Durante as <b>longas horas de sessão</b>, o aspecto era de um dia normal do Senado, sem faixas no plenário, diferentemente da Câmara, onde havia cartazes com os dizeres ‘tchau, querida’ e deputados usando cachecóis com inscrições contra ou a favor do impeachment.</p>
<p>Riso decorrente da associação entre os ambientes de votação na Câmara de Deputados e no Senado Federal.</p>	<p>Segundo especialistas, a votação na câmara dos deputados teve muito mais apelo emocional envolvendo Deus, a família e os estados brasileiros. ‘Estes elementos causam muita identificação com o grande público’, explica o crítico de TV Rodolpho Bruno.</p>	<p>Enquanto os oradores subiam à tribuna para falar, o plenário, distraído, mantinha conversas amistosas entre os senadores”<sup>113</sup>.</p>
<p><b>Elementos que prevalecem neste texto do Sensacionalista:</b></p> <p>Paródia Sátira</p>	<p>A direção da TV Senado já pediu aos Senadores que no próximo bloco incluam menções a suas famílias, seus estados e até a seus animais de estimação para tentar reverter essa derrota na audiência”.</p>	

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>112</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/11/tv-camara-passa-reprise-da-votacao-dos-deputados-e-ganha-de-lavada-da-tv-senado-no-ibope/>>. Acesso em: 07/11/2016.

<sup>113</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/12/senado-aprova-processo-de-impeachment-e-afasta-dilma-por-ate-180-dias.htm>>. Acesso em: 14/01/2017.

QUADRO 27 – Comparativo da notícia fictícia “Depois de simular metralhadora no plenário filho de Bolsonaro é sondado pela banda vingadora”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Depois de simular metralhadora no plenário filho de Bolsonaro é sondado pela banda vingadora <sup>114</sup>	“Filho do deputado Jair Bolsonaro, o também deputado Eduardo Bolsonaro votou pelo impeachment da presidenta Dilma e saiu do púlpito simulando atirar com uma metralhadora. A maioria das pessoas que assistiu ficou chocada, não só pela agressividade da simulação, mas pelo jeitinho trincado com que ele declarou seu voto olhando para a câmera que gravava a sessão. Mas, como quase tudo, houve quem tenha gostado.	“Pelo povo de São Paulo nas ruas com o espírito dos revolucionários de 32, pelo respeito aos 59 milhões de votos contra o <i>estatuto do desarmamento</i> em 2005, pelos militares de 64, hoje e sempre, pelas polícias, em nome de Deus e da família brasileira, é sim. E Lula e Dilma na cadeia” <sup>115</sup> .
Riso decorrente da associação entre o gesto do governante ao encerrar a fala (simulando um desparamento de arma) e a coreografia de uma <i>hit</i> musical da época	E não foram só os brasileiros da direita radical.  As meninas da banda Vingadora (aquele hit do tra tra tra) acharam que o jovem Bolsonaro tem tudo a ver com o trabalho delas. Na mesma hora, telefonaram para os assessores do parlamentar e perguntaram se ele quer fazer parte do grupo. Bolsonaro ficou de pensar. Mas, por via das dúvidas, a banda já está providenciando uma roupa de trabalho para ele: de oncinha”.	
<b>Elementos que prevalecem neste texto do <i>Sensacionalista</i>:</b> Paródia Sátira		

FONTE: Elaborado pela autora

<sup>114</sup> Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/depois-de-simular-metralhadora-no-plenario-filho-de-bolsonaro-e-sondado-pela-banda-vingadora/>>. Acesso em: 13/07/2018.

<sup>115</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/19/politica/1461019293\\_721277.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/19/politica/1461019293_721277.html)>. Acesso em: 13/07/2018.

QUADRO 28 – Comparativo da notícia fictícia “Deputados trabalham por três dias e médicos temem epidemia de estafa em Brasília”

<b>MANCHETE DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DO SENSACIONALISTA</b>	<b>TEXTO DE VEÍCULO DA IMPRENSA TRADICIONAL</b>
17/04/2016 – Deputados trabalham por três dias e médicos temem epidemia de estafa em Brasília <sup>116</sup>	“Numa semana histórica, os deputados chegaram a trabalhar até mesmo por três dias. Isso pode trazer consequências para a saúde dos parlamentares. A Organização Mundial de Saúde divulgou um alerta hoje chamando atenção para o risco que os congressistas correm.	“A sessão quebrou o recorde da Casa Legislativa como a maior da história. Após quase 43 horas de debate ininterrupto, terminou às 3h42 deste domingo (17) a 9ª e última sessão consecutiva sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff na Câmara, antes da reunião em plenária que votará a admissibilidade do processo contra a petista, que foi convocada para as 14h.
Riso decorrente da associação entre a longa duração da sessão que antecedeu à votação na Câmara de Deputados acrescida à votação de fato, resultando em muitas horas de trabalho.	Eles não estão acostumados com tanto trabalho. Três dias é muito mais do que qualquer deputado pode suportar”, alerta o texto. O resultado pode ser muito benéfico.  ‘Se todos forem internados, pode haver uma esperança de a economia começar a se recuperar porque o montante de recursos desviados pode finalmente ter o seu destino correto, em vez de parar na Suíça’, disse um analista”.	Apesar dos 249 parlamentares terem se inscrito para se pronunciar, nem todos resistiram até o final. Mais de 70 desistiram e outra centena não compareceu. Por isso, a sessão foi encerrada antes do previsto, com um quórum de menos de 20 congressistas <sup>117</sup> [...].
<b>Elementos que prevalecem neste texto do Sensacionalista:</b> Paródia Sátira		

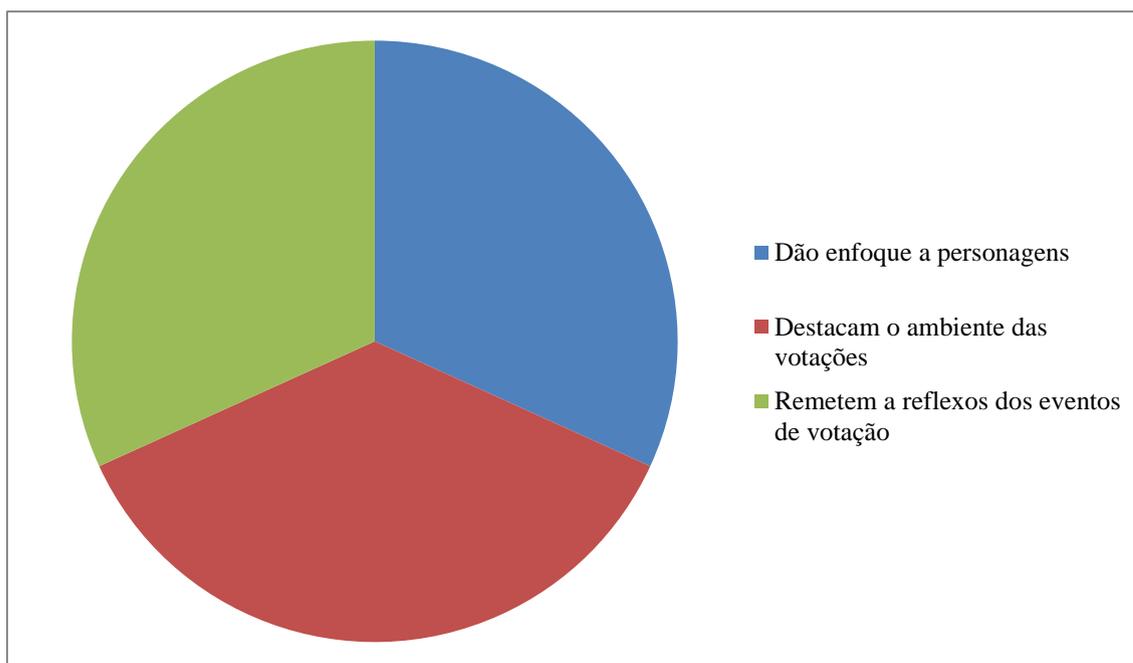
FONTE: Elaborado pela autora

<sup>116</sup> Disponível em: <<https://www.sensacionalista.com.br/2016/04/17/deputados-trabalham-por-tres-dias-e-medicos-temem-epidemia-de-estafa-em-brasilia/>>. Acesso em: 13/07/2018.

<sup>117</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2016-04-17/apos-quase-43-horas-camara-encerra-sessao-que-antecede-votacao-do-impeachment.html>>. Acesso em: 14/01/2017.

Trabalhou-se com um total de 22 notícias. Deste total verificamos que aproximadamente 30% (sete notícias no total) correspondem às notícias fictícias que dão enfoque a personagens, 40% (oito notícias no total) às que destacam o ambiente das votações e 30% (sete notícias no total) às que remetem a reflexos dos eventos de votação, mostrando um resultado relativamente equilibrado entre as categorias, conforme gráfico.

GRÁFICO 1 – Notícias fictícias estudadas no site *Sensacionalista*



FONTE: Elaborado pela autora.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia nos levou a encontrar aspectos comuns às notícias fictícias do *Sensacionalista* de forma a serem agrupadas de acordo com a manchete dos conteúdos encontrados. Os resultados indicam um equilíbrio na distribuição quanto às categorias criadas, o que nos leva a considerar, em contrapartida, também o fato de que há desequilíbrio na quantidade de notícias publicadas em 17 de abril (13 no total) e 11 de maio (9 no total), que correspondem, respectivamente, ao dia de votação na Câmara de Deputados e no Senado Federal. Tem-se inclusive duas *fake news* que abordam justamente a “discrepância” da repercussão de um evento e outro intituladas “TV Câmara passa reprise de votação dos deputados e ganha lavada da TV Senado no Ibope” e “Motorista sofre acidente ao dormir no volante após ouvir rádio transmitindo sessão do *impeachment*”, ambas publicadas em 11 de maio de 2016.

Tal desequilíbrio nos leva a pensar na lógica de publicações do *Sensacionalista*, se há de fato esta preocupação de proporcionalidade, ou ainda pensar em estudos futuros sobre a operacionalidade do próprio site, num contato mais próximo com a equipe, caso seja possível. Vale considerar que se tem a publicação de mais notícias nas datas em questão, com manchetes que não remetem diretamente aos eventos pesquisados. Os resultados obtidos atentam para o fato de que as categorias se comunicam entre si, de maneira que uma *fake news* posta em “notícias fictícias que dão enfoque ao ambiente das votações” tenha um personagem característico, mas que não foi abordado na manchete, ou ainda não teve muito destaque voltado a ele no corpo da notícia, e por isso não está em “notícias fictícias que dão enfoque a personagens”, por exemplo. Vale ressaltar também que os resultados obtidos não pretendem esgotar o assunto sobre *fake news*, mas sim sobre o humor contido nas notícias fictícias selecionadas.

Durante a organização e realização do presente trabalho, o fator do “recente” sempre motivou a compreensão do fenômeno das *fake news*. Embora saibamos que as notícias falsas não são novidade, o conjunto de elementos no entorno delas, como a internet, nos desafiam inclusive fora da pesquisa. Interações com colegas e familiares nas diversas redes sociais nos sujeitam ao contato com o objeto de estudo constantemente. Quando compartilhada uma notícia falsa nestas redes sociais, podemos observar o tipo de sentimento que ela provoca: amor, ódio, espanto, indiferença, incerteza, desespero, alegria, entre muitos outros, mais profundos nos que creem na veracidade, provavelmente. O que se pretende destacar é que este sentimento é o que move o conceito de pós-verdade e supera os critérios

de checagem, muitas vezes.

As notícias do *Sensacionalista* abordam temas caros à sociedade e ao mesmo tempo pequenos detalhes que sequer mereceram uma curta notícia nos jornais. Muitas vezes teve de se recorrer a portais de notícias e revistas (até mesmo locais), que se mostram mais flexíveis nos seus critérios em relação aos tradicionais, para que se compreendesse o fundo de verdade das *fake news* analisadas. Um ponto a enfatizar seria o interesse do *Sensacionalista*: rir e fazer rir das situações vividas na política, no caso da pesquisa, e não se instituir como fonte de informação, já que é um jornal que se define mentiroso. Comparado ao *The Onion*, o *Sensacionalista* se caracteriza claramente através de materiais de apresentação presentes no site. Sempre encontramos no rodapé da página do site um alerta: “O *Sensacionalista* é um site de humor com notícias fictícias. Fundado em 2009”. Pesquisados tais recursos no site do fictício norte-americano, encontra-se uma seção denominada “About”<sup>118</sup>, onde afirmam ironicamente que o *The Onion* é “a principal publicação de notícias do mundo, oferecendo uma cobertura altamente aclamada e universalmente reverenciada a notícias locais, nacionais e internacionais”, ou ainda “Erguendo-se de seu humilde começo em 1756 [...]”, sugerindo duzentos e sessenta e dois anos de história.

Ainda sobre o aspecto tecnológico, considerou-se o conceito de *web 2.0* na pesquisa por ser grande agregadora de elementos que trouxeram inovações e são um marco de influência para as possíveis tecnologias posteriores.

As classificações utilizadas na pesquisa para as *fake news* do *Sensacionalista* indicam proximidade quanto aos marcadores selecionados em cada categoria de acordo com sua manchete, o que levou à reflexão sobre o conteúdo das notícias: o título por si só é a piada e traduz toda a situação humorística. O texto geralmente é curto e traz informações complementares. É interessante destacar que o *Sensacionalista* tem variado sua produção de conteúdos. Naqueles da análise, que envolviam os momentos de votação na Câmara de Deputados e Senado Federal, tem-se a visão de que toda a equipe se voltava para escrever este tema: produção de notícias falsas sobre acontecimentos antes, durante e depois dos eventos, pois, como já dito, são momentos importantes no cenário brasileiro.

Consultando o site por vários dias e dois anos após o ocorrido, verificou-se que em muitos momentos o enfoque da produção de conteúdos foi reproduzir *memes* divulgados nas redes sociais, organizados em lista, como “top 10”, ou os “dez melhores”: “As melhores reações da internet ao banimento de páginas do *MBL* do *Facebook*”<sup>119</sup> ou “12 reações da

---

<sup>118</sup> Disponível em: <<https://www.theonion.com/about>>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>119</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2018/07/26/reacoes-mbl/>>. Acesso em: 26/07/2018.

internet à queda de Neymar na lista dos melhores do mundo”<sup>120</sup>. Esta observação desloca o *Sensacionalista*, muitas vezes, para o lugar de medidor (além de compartilhador) da qualidade humorística do que tem sido produzido na internet, como se fosse o selo de reconhecimento ao produtor do *meme* e deixa-se momentaneamente de produzir conteúdo que traga informações falsas com um fundo de verdade produzidas por ele mesmo, embora os *memes* prontos por si só executem esta tarefa.

Por fim, buscou-se compreender sobre um fenômeno que tem dominado as redes sociais e muito tem sido discutido na opinião pública. O humor, o riso, a ironia, a sátira, a paródia, por mais antigos que sejam, podem ser recombinaados e podem nos auxiliar a lidar com as situações cotidianas.

---

<sup>120</sup> Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/2018/07/24/12-reacoes-da-internet-a-queda-de-neymar-na-lista-dos-melhores-do-mundo/>>. Acesso em: 24/12/2018.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A.; LATTMANN-WELTMAN, F; KORNIS, M. Almeida. **Mídia de política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ADORNO Guilherme; SILVEIRA Juliana da. **Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital**. Disponível em: <[http://anaisdosead.com.br/8SEAD/SIMPOSIOS/SIMPOSIO%20V\\_GAdorno%20e%20JSilveira.pdf](http://anaisdosead.com.br/8SEAD/SIMPOSIOS/SIMPOSIO%20V_GAdorno%20e%20JSilveira.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ALLCOTT, Hunk; GENTZKOW, Matthew. **Social media and fake news in 2013 election**. Journal of economic perspectives, n.2, v.31, 2017, p.211-236.

ARAÚJO, Marcelo de. **Intertextualidade, metaficção e autoficção: fronteiras da narrativa de ficção da literatura no início do século XXI**. Viso, 2016, vol. 18, p. 141-161. Disponível em: <<https://goo.gl/vj4FuK..>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira**. 2014.444f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

\_\_\_\_\_. **Análise de Conteúdo**. 4ªed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

CARVALHO, Rafiza Luziani Varão Ribeiro. **Harold Lasswell e o campo da comunicação**. 2012. 244 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

D'ONÓFRIO, Savatore. **Os motivos da sátira romana**. Marília: Alfa, 1968.

FREUD, S. O humor [1927]. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI.

\_\_\_\_\_. Pós-escrito [1935]. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XX.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Editora Àtica, 1991.

GERSON, Deborah Cattani. **Afinal, o que é pseudonotícia? Um estudo sobre o The i-Piauí Herald, o Sensacionalista e o Laranjas News**. 2014, 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HUTCHEON, Linda. (1985). **Ironía, Sátira, Parodia: una aproximación pragmática a la ironía**. [trad. Pilar Hernández Cobos]. Poétique nª 45. Paris: Ed du seuil. Disponível em: <<https://tallerletras.files.wordpress.com/2013/02/ironc3ada-sc3a1tira-y-parodia.pdf>>. Acesso

em: 20 abr. 2018.

HUTCHEON. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. **Teoria e política da ironia.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística.** São Paulo: Ática, 2003.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2004.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio.** Barueri (SP): Manole, 2005.

LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_. **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório.** Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol.39, n.1, janeiro-abril,

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção.** São Paulo: Saraiva, 2009.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1978.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PIMENTEL, Luíz. **Entre sem bater! O humor na imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PRIMO, Alex . Digital trash e lixo midiático: A cauda longa da micromídia digital. In: Vinicius Andrade Pereira. (Org.). **Cultura Digital Trash: Linguagens, Comportamentos, Entretenimento e Consumo.** Rio de Janeiro: e-Papers, 2007, v. 6, p.77-93.

\_\_\_\_\_. O Aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.** Disponível em:

<<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153/154>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1991.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, n.32, abril, 2007, p.23-31.

SANT' ANNA, Affonso Romanno de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1999.

SILVA, Maria Regina de Faria da. **Petrônio e sátira Latina**. 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/359995510/Petronio-e-Satira-Latina>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 4ª edição, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

ZAGO, Gabriela da Silva. A recirculação do acontecimento jornalístico em imagens remixadas: cibercultura e apropriações. In: **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v.1, n.1, p.85, julho, 2013.